

**UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO PROFISSIONAL**

**Rosicler Maria do Nascimento**

**INTERCULTURALIDADE E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS:  
A CULTURA E A MEMÓRIA JAPONESAS EM UMA ESCOLA  
DA REDE DE ENSINO FUNDAMENTAL DE RIBEIRÃO PIRES**

**São Caetano do Sul - SP  
2025**

**ROSICLER MARIA DO NASCIMENTO**

**INTERCULTURALIDADE E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS:  
A CULTURA E A MEMÓRIA JAPONESAS EM UMA ESCOLA  
DA REDE DE ENSINO FUNDAMENTAL DE RIBEIRÃO PIRES**

**Trabalho Final de Curso apresentado ao  
Programa de Pós-Graduação em Educação –  
Mestrado Profissional – da Universidade  
Municipal de São Caetano do Sul como  
requisito parcial para a obtenção do título de  
Mestre em Educação.**

**Área de concentração: Formação de  
Professores e Gestores**

**Orientadora: Profa. Dra. Priscila Ferreira Perazzo**

**São Caetano do Sul - SP  
2025**

## FICHA CATALOGRÁFICA

NASCIMENTO, Rosicler Maria do

Interculturalidade e práticas pedagógicas: a cultura e a memória japonesas em uma escola da Rede de Ensino Fundamental de Ribeirão Pires / Rosicler Maria do Nascimento – São Caetano do Sul – USCS, 2025.

129 p.

Orientadora: Profa. Dra. Priscila Ferreira Perazzo  
Dissertação (mestrado) – USCS, Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Programa de Mestrado em Educação, 2025.

1. Interculturalidade 2. Memória. 3. Imigração 4. Práticas Pedagógicas. 5. Educação

Perazzo, Priscila Ferreira. II. Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

**Reitor da Universidade Municipal de São Caetano do Sul  
Prof. Dr. Leandro Campi Prearo**

**Pró-reitora de Pós-Graduação e Pesquisa  
Prof. Dr. Eduardo de Camargo Oliva**

**Gestão do Programa de Pós-Graduação em Educação  
Profa. Dra. Ana Sílvia Moço Aparício**

Trabalho Final de Curso defendido em 05/08/2025 pela Banca Examinadora constituída pelas professoras:

Profa. Dra. Priscila Ferreira Perazzo (Orientadora - USCS)

Profa. Dra. Marta Regina Paulo da Silva (USCS)

Profa. Dra. Mary Yoko Okamoto (UNESP)

Dedico esta conquista aos meus pais, Zilda e Manoel, que agora, *in memoriam*, continuam a me ensinar o valor da vida, e ao meu querido irmão, Roosevelt, pela honestidade e doçura da irmandade.

## **AGRADECIMENTOS**

Sempre agradeço a Deus pela força e determinação ao longo desta jornada.

Profunda gratidão à minha orientadora, Profa. Dra. Priscila Ferreira Perazzo e imensa admiração por todo o seu conhecimento e generosidade. Seu encorajamento, sua orientação e sua paciência infinita foram os alicerces que sustentaram cada passo desta pesquisa e foram fundamentais para que meu sonho se tornasse realidade.

À USCS, pela oportunidade de crescimento e aprendizado proporcionada tanto pela bolsa de estudos quanto pelo apoio da minha chefia imediata, gestoras da Escola da Indústria Criativa: Daniela Urbinatti, Lilian Crepaldi e Missila Cardoso, durante essa caminhada.

A todos os professores do Mestrado Profissional em Gestão e Docência da Educação, cuja dedicação é um farol para nós, caminhantes, e que tanto me ensinaram com seus conhecimentos durante as aulas.

Agradeço também aos meus amigos pessoais e profissionais, que durante o percurso me incentivaram e me apoiaram, pessoas generosas como o prof. Paulo Libarino dos Santos, diretor da Escola Antônio de Pádua Paschoal de Godoy; profa. Alaíde Azevedo dos Santos; profa. Rosa Maria Santos Pereira; profa. Lucilaine dos Santos; profa. Mara Cristina Lima; Robson Naves; Vinícius Dantas; Ricardo Barbosa; Cinthya Giacon; Rafael Franceschini.

Aos representantes da comunidade japonesa de Ribeirão Pires que me ofertaram suas memórias, histórias e culturas: Evete Sawada, que se tornou uma amiga; Arlindo Iwasaki; Yoshio Nakano, grande incentivador dessa pesquisa; Brenda Miura, jovem líder da Associação Nipo Brasileira de Ribeirão Pires.

Aos membros da Secretaria da Educação do Município de Ribeirão Pires, da Associação Nipo Brasileira Kaikan de Ribeirão Pires, ao Prefeito Guto Volpi pelo apoio, à Elizabeth Minematsu, Alice Uno, Joana Osawa, Nobuko Matsumoto, Keiko Akagui, Mitsuko Nakano, Osvaldo Otsubo, Walter Morikawa, Jorge Kagiyama, Mário Sawada, Iuquio Iwasaki, Aiko, Silvia Yamashiro, aos bibliotecários da USCS por toda atenção recebida.

Ao meu irmão, pelo apoio incondicional.

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”.

Paulo Freire

## RESUMO

Esta pesquisa envolve educação intercultural e memória de Ribeirão Pires, uma das sete cidades que compõem a região do Grande ABC Paulista. Parte da reflexão das possibilidades de produção de material educacional que envolva a história e a memória da colônia de descendência japonesa formada na cidade há quase um século, considerando-se as perspectivas da história do tempo presente e da história local problema: Como professores de Ensino Fundamental I, de escolas de Ribeirão Pires, enfrentam, sob as perspectivas da educação intercultural, trabalhar em sala de aula com a memória local de Ribeirão Pires quanto à presença cultural japonesa, advinda do processo de imigração para o local? Tem como objetivo principal: Identificar os modos que professores de Ensino Fundamental I, de escolas de Ribeirão Pires enfrentam, sob as perspectivas da educação intercultural, trabalhar em sala de aula com a memória local de Ribeirão Pires quanto à presença cultural japonesa, advinda do processo de imigração para o local. Trata-se de uma Pesquisa Qualitativa, de metodologia narrativa e histórica, com coleta de dados documental, historiográfica, iconográfica e entrevistas semiestruturadas com professoras de 5º ano de Ensino Fundamental da rede pública de Ribeirão Pires. Concluiu-se que as concepções de interculturalidade não estão de acordo com as perspectivas teóricas desta pesquisa, e que o conteúdo referente à cultura e memória nipo-brasileiras ainda é ministrado tradicionalmente como conteúdo de imigração em História e Geografia. Desse modo, o produto educacional é direcionado para professores de Ribeirão Pires, com o intuito de que possam aprimorar suas aulas sobre as origens imigrantes na cidade, tomando sua formação cultural local. O material didático fortalece os professores na sua execução e possibilita aos estudantes a reflexão e a observação para com as diferentes culturas que cercam a cidade onde vivem, promovendo uma educação intercultural.

**Palavras-chave:** interculturalidade; formação de professores; memória; cultura; imigração japonesa.

## ABSTRACT

This study explores intercultural education in relation to the local memory of Ribeirão Pires, one of the seven municipalities comprising the Greater ABC region in the state of São Paulo, Brazil. It investigates the possibilities of developing educational materials that incorporate the history and memory of the Japanese-descendant community established in the city nearly a century ago, within the frameworks of present-day and local history. The research is guided by the following question: How do primary school teachers in Ribeirão Pires approach, from the perspective of intercultural education, the integration of local memory regarding the Japanese cultural presence—originating from historical immigration—into their classroom practices? The main objective is to identify the ways in which teachers in early years of elementary education engage with local Japanese-Brazilian cultural memory through an intercultural lens. This is a qualitative study employing narrative and historical methodology, with data collection based on documentary, historiographical, and iconographic sources, as well as semi-structured interviews with 5th-grade teachers from public schools in Ribeirão Pires. Findings indicate a dissonance between teachers' conceptions of interculturality and the theoretical foundations of intercultural education adopted in this study. Furthermore, content related to Japanese-Brazilian culture and memory continues to be presented in a traditional manner, primarily within the framework of immigration studies in History and Geography curricula. As a contribution, the study presents an educational resource designed for teachers in Ribeirão Pires, aimed at supporting pedagogical practices that address the city's immigrant origins through its local cultural context. The didactic material not only enhances educators' ability to engage with cultural diversity in meaningful ways, but also encourages students to reflect on and value the multiple cultural identities present in their immediate environment, thus fostering a more inclusive and intercultural educational experience.

**Keywords:** interculturality; teacher education; memory; culture; Japanese immigration.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Imperador Mitsuhiro (Imperador Meiji).....	28
Figura 2 – Almanaque do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil.....	31
Figura 3 – Mapa do ABC Paulista – em Santo André .....	35
Figura 4 – Mapa da cidade de Ribeirão Pires .....	38
Figura 5 – Capela Nossa Senhora do Pilar .....	39
Figura 6 – Estação Ferroviária de Ribeirão Pires, s/d.....	40
Figura 7 – Museu histórico de Ribeirão Pires.....	41
Figura 8 – Museu histórico de Ribeirão Pires.....	42
Figura 9 – Mirante São José em Ribeirão Pires .....	42
Figura 10 – Vila do Doce em Ribeirão Pires.....	43
Figura 11 – Placa Comemorativa – Paço Municipal em Ribeirão Pires .....	44
Figura 12 – Paço Municipal de Ribeirão Pires em Ribeirão Pires .....	44
Figura 13 – Paço Municipal em Ribeirão Pires.....	45
Figura 14 – Paço Municipal em Ribeirão Pires.....	45
Figura 15– Casamento do casal Nogami, Los Angeles (EUA), em 1921 .....	46
Figura 16 – Casa Nogami, Ribeirão Pires, em 26 de fev. de 1923.....	47
Figura 17 – Casa Nogami em Ribeirão Pires, em 1950 .....	48
Figura 18 – Torre de Miroku em Ribeirão Pires.....	71
Figura 19 – Parque Oriental, Ribeirão Pires.....	72
Figura 20 – Jardim Japonês, vista do lago, Ribeirão Pires .....	73
Figura 21 – Parque Oriental, vista do Jardim Japonês.....	74
Figura 22 – Casa do Origami em Parque Oriental .....	74
Figura 23 – O Grande Tambor em Parque Oriental .....	75
Figura 24 – Grupo Waishidaiko – Kaikan .....	76
Figura 25 – Arena de Mosaico, Parque Oriental .....	77
Figura 26 – Memorial Sadako Sasaki em Parque Oriental.....	77
Figura 27 – Dragão Kinryo em Parque Oriental .....	78
Figura 28 – Documentos Bunkyo Kaikan - Ribeirão Pires.....	79
Figura 29 – Placa Comemorativa- Kaikan Ribeirão Pires .....	79
Figura 30 – Diretoria Bunkyo Kaikan – Ribeirão Pires .....	80
Figura 31 – Harumatsuri – Ribeirão Pires .....	80
Figura 32 – Festa do Yakissoba Bunkyo Kaikan .....	81

Figura 33 – Festival do Sanma Bunkyo Kaikan .....	82
Figura 34 – Bunkyo Kaikan gincanas tradicionais (Undokai).....	82
Figura 35 – Bunkyo Kaikan em Escola do Idioma Japonês .....	83
Figura 36 – Bunkyo Kaikan em Escola do Idioma Japonês .....	83

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – População de Ribeirão Pires em 14/03/2025 .....	37
Quadro 2 – Roteiro de Entrevista Semiestruturada com Professoras de Ensino Fundamental de Ribeirão Pires .....	65
Quadro 3 – Relação de fontes documentais .....	66
Quadro 4 – Objetivos do Currículo Paulista relacionados à BNCC .....	67
Quadro 5 – Vista geral das narrativas das professoras.....	86
Quadro 6 – Análise de conteúdo das narrativas das professoras .....	88

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
K.K.K.K	Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
USCS	Universidade Municipal de São Caetano do Sul

## SUMÁRIO

<b>MEMORIAL</b> .....	<b>16</b>
<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>19</b>
<b>2 CONHECENDO A HISTÓRIA DOS JAPONESES: DO JAPÃO A RIBEIRÃO PIRES</b> .....	<b>26</b>
2.1 O Japão e a abertura para o Ocidente .....	26
2.2 O processo imigratório nipônico .....	32
2.3 Os imigrantes japoneses na cidade de Ribeirão Pires .....	37
<b>3 ESTUDOS CULTURAIS, MEMÓRIA COLETIVA E TEMPO PRESENTE</b> .....	<b>49</b>
3.1 Interculturalidade e educação intercultural .....	50
3.2 Memória coletiva .....	55
3.3 História do tempo presente .....	58
<b>4 NOS CAMINHOS DE RIBEIRÃO PIRES, O ENCONTRO COM OS MÉTODOS DA PESQUISA</b> .....	<b>61</b>
4.1 Narrativas de professoras .....	61
4.1.1 Professoras entrevistadas.....	63
4.1.2 Roteiro das entrevistas semiestruturadas .....	64
4.2 Pesquisa documental .....	66
<b>5 INTERCULTURALIDADE NA PRÁTICA DOCENTE: NARRATIVAS DE PROFESSORAS SOBRE O ENSINO DA MEMÓRIA E CULTURA JAPONESAS NO ENSINO FUNDAMENTAL</b> .....	<b>67</b>
5.1 Bases Curriculares do Ensino de História e Geografia para Fundamental, anos iniciais .....	67
5.2 Patrimônio cultural japonês em Ribeirão Pires como conteúdo de ensino ..	70
5.2.1 Associação Nipo-Brasileira – Bunkyo de Ribeirão Pires .....	78
5.3 O ensino da cultura e memória japonesas em Ribeirão Pires .....	84
<b>6 PRODUTO EDUCACIONAL</b> .....	<b>106</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>107</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>109</b>

## MEMORIAL

Desde a minha primeira graduação em Administração até o momento, cursando o mestrado em Educação, tenho uma busca incessante por compreender as relações humanas e o papel essencial da educação nesse contexto. Foi nesse período que obtive contato, ainda que de forma indireta, com o pensamento de Paulo Freire, por meio de um comentário de Mário Sérgio Cortella, que destacava a importância do diálogo e da defesa da igualdade, fraternidade e humanidade na educação.

A minha busca pela compreensão do outro ressoa com a visão de Freire, que enfatizava a importância da empatia e do respeito na relação educacional e provocou a minha curiosidade acerca do caráter político da educação.

Freire defendia uma educação libertadora, que promovesse a consciência crítica e a transformação social, ressaltando a necessidade de reflexão sobre a prática docente, a compreensão do raciocínio e da reflexão no processo pedagógico, indo além do simples domínio do conteúdo. Para Freire, o professor deve atuar como mediador do conhecimento, estimulando a reflexão crítica e o diálogo com os alunos.

A minha preocupação em compreender o contexto social, cultural e político que envolve a escola, bem como em integrar a cultura local (que é a pesquisa que desenvolvo sobre a cultura japonesa nas escolas da cidade de Ribeirão Pires) ao processo educativo, está alinhada à concepção freireana de que a educação deve estar conectada à realidade dos alunos e valorizar suas culturas, além de valorizar o diálogo e a "roda de conversa" como ferramentas pedagógicas, lembrando memórias da minha infância e adolescência. Essa prática reforça a ideia de que o diálogo é essencial para a construção do conhecimento e para a transformação social.

A frase de Paulo Freire (1983, p. 97): "A educação é um ato de amor e, por isso, um ato de coragem" sintetiza a essência da minha visão educacional e demonstra o meu compromisso com uma educação humanizadora e transformadora.

Ao refletir sobre minha trajetória para este memorial, lembro minha história e percebo que minha curiosidade pelo ser humano se mantém intensa: os seus pensamentos, sentimentos e visões sobre os mais variados assuntos me cativam à escuta e, ao partilhar experiências, as relações sociais e as múltiplas identidades que os indivíduos assumem em diferentes contextos muito me interessam. A relação

dessas reflexões com a educação foi um caminho natural, levando-me, ainda no ensino médio, a me interessar pelas disciplinas da área de Humanas.

Durante a minha primeira formação, em Administração, em 2006, tive a oportunidade de atuar como professora eventual no ensino médio. Embora a docência não fosse meu objetivo inicial, essa experiência me levou a refletir sobre o impacto das minhas atitudes na vida dos estudantes. Compreendi que a docência vai além do domínio do conteúdo, exigindo estratégias de ensino, avaliação e gestão da sala de aula. No mestrado, as trocas com colegas mais experientes reforçaram a importância do conhecimento pedagógico, curricular e do contexto educacional. No Laboratório Prático, revisei minha trajetória escolar e reconheci o papel essencial do currículo no planejamento do ensino.

Com o passar dos anos, minha trajetória profissional passou por diversas áreas administrativas em empresas como Banco Bradesco S/A e Comicro Tecnologia. No entanto, foi na Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), onde ingressei como auxiliar administrativa em 2006, que pude estabelecer um contato mais próximo com o ambiente acadêmico. Trabalhando em setores como a sala dos professores e a secretaria acadêmica da gestão dos cursos de Saúde e Comunicação, passei a compreender melhor os desafios do ensino e as dinâmicas educacionais.

Durante o mestrado, tive contato com a teoria do professor reflexivo, conforme destacado por Gómez (1997, p. 113), que enfatiza a necessidade de um "pensamento prático e crítico" para lidar com as complexidades da sala de aula. O convívio com professores na universidade deixou claro para mim algumas das dificuldades da docência, mas também a necessidade de refletir sobre as práticas pedagógicas, evitando a aplicação de protocolos padronizados para situações diversas.

Em 2010, aproveitei uma oportunidade oferecida pela universidade e participei do curso de Iniciação à Docência, onde acompanhei a professora Emília Yasuko Yshimoto na disciplina de Metodologia e Pesquisa para o curso de Nutrição. Essa experiência reforçou a minha percepção sobre a importância da prática docente. Em 2011, dei continuidade aos estudos com uma pós-graduação Lato Sensu em MBA de Recursos Humanos, também na USCS. A formação ampliou meu interesse pelo mestrado, como um meio de aprofundar minhas reflexões e considerar a docência como uma possibilidade futura.

Se o mestrado representa uma etapa significativa em minha trajetória acadêmica e profissional, a cidade de Ribeirão Pires e minha relação com a

comunidade japonesa fazem parte da minha identidade pessoal. Nascida em Santo André, tive contato com vizinhos japoneses desde a infância e, quando fui morar em Ribeirão Pires, em 2017, passei a frequentar eventos culturais promovidos pela Associação Bunkyo Ribeirão Pires Kaikan. A valorização da cultura japonesa e a necessidade de sua preservação foram fatores que inspiraram a minha pesquisa de mestrado.

Meu estudo busca integrar a cultura japonesa ao contexto educacional das escolas de Ribeirão Pires, promovendo a propagação desse patrimônio cultural e desenvolvendo materiais didáticos que auxiliem professores no ensino da história local. Ao destacar a importância da História do Tempo Presente, a pesquisa visa aproximar os estudantes da rede pública do conhecimento sobre sua própria comunidade, fortalecendo sua identidade e ampliando sua percepção de mundo. Ser um agente de intercâmbio entre a cultura japonesa e a comunidade de Ribeirão Pires a partir de atividades realizadas junto às escolas de educação básica da cidade é meu foco para pesquisa do mestrado em Educação.

Por fim, gratidão aos mestres com os quais convivi no mestrado, reconheço o valor da generosidade na construção do conhecimento. Recordo-me das rodas de conversa de minha infância, que hoje compreendo como fortaleciam os laços familiares e transmitiam ensinamentos valiosos, e percebo que essa prática continua essencial na educação contemporânea. Quero estreitar laços, promover reflexões e acolher o outro, como dito acima, "A educação é um ato de amor e, por isso, um ato de coragem".

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa envolve educação intercultural e memória de Ribeirão Pires, uma das sete cidades que compõem a região do Grande ABC Paulista. Parte da reflexão das possibilidades de produção de material didático que envolva a história e a memória da colônia de descendência japonesa formada na cidade há quase um século, considerando-se as perspectivas da história do tempo presente e da história local. Sendo o material didático um recurso pedagógico importante no processo de ensino-aprendizagem, funcionando como um fio condutor para as interações da aprendizagem e, ao mesmo tempo, uma ferramenta potencializadora da relação entre professores e estudantes, pretende-se estudar, sob as perspectivas da educação intercultural, modos de criar material que possa apoiar a atividade pedagógica, tendo em conta a memória local de Ribeirão Pires quanto à presença cultural japonesa, advinda do processo de imigração para o local.

Em uma sociedade multicultural, na qual existe uma comunicação responsável, os preconceitos não podem interferir na compreensão das diferentes culturas para que a inclusão se faça presente. As políticas públicas devem ser voltadas para dirimir preconceitos, lembrando que uma sociedade está envolta em graus hierárquicos sociais e repleta de divisões entre gênero, raça, sexo ou etnia. Desse modo, o papel da Educação é importante, pois a “diversidade na educação é ambivalência, porque é desafio a satisfazer, realidade com a qual devemos contar e problematizar para o qual há respostas contrapostas” (Sacristán, 2001, p. 123-124).

Não só na sociedade brasileira, mas em sociedades pelo mundo, notamos padrões simplificados de cultura que são vistos como algo que não sofre mudanças. Todavia, “desvelar esta realidade e favorecer uma visão dinâmica, contextualizada e plural das nossas identidades culturais é fundamental, articulando-se a dimensão pessoal e coletiva desses processos” (Candau, 2013, p. 26).

A presença cultural japonesa em Ribeirão Pires é ainda hoje celebrada nas atividades culturais como festivais de culinária, gincanas tradicionais, atividades artesanais e musicais. Essas atividades são promovidas pelas associações culturais, como a Associação Cultural Nipo-Brasileira de Ribeirão Pires-SP, que se chama Bunkyo Ribeirão Pires Kaikan. Essas organizações também promovem atividades que preservam a memória da imigração japonesa, como a construção de monumentos e

a realização de eventos que comemoram a cultura nipônica.

Para valorizar essa comunidade cultural e implementar uma educação voltada à cultura e memória da imigração japonesa, é importante incluir esses aspectos nas práticas pedagógicas do Ensino Fundamental. Isso pode ser feito com produtos educacionais que ressaltam a memória da imigração japonesa em Ribeirão Pires e a presença da cultura nipônica na cidade. Em resumo, a cultura japonesa em Ribeirão Pires é uma parte fundamental da história e identidade da cidade, sendo importante que os estudantes da rede pública conheçam e compreendam essa história e a presença dessa cultura para que possam entender melhor o local em que vivem e as relações étnico-raciais e interculturais que os perpassam.

Sabendo-se que a presença cultural japonesa na cidade de Ribeirão Pires, na região do Grande ABC, tem despertado o olhar para a interculturalidade, compete perguntar: O que os estudantes da rede municipal de ensino fundamental de Ribeirão Pires aprendem da história local permeado pela presença cultural japonesa? Do ponto de vista intercultural, como os professores podem trabalhar os aspectos da cultura japonesa na cidade de Ribeirão Pires, lidando com o reconhecimento de outra cultura e diferentes tradições? Como deve ser a formação de professores para abordarem esses currículos, considerando os aspectos culturais e a memória japonesa construída na cidade?

Para dar conta desses questionamentos, a proposta é uma pesquisa aplicada que antecede e dá fundamentos à produção de material educacional que parte do seguinte problema: Como professores de Ensino Fundamental I, de escolas de Ribeirão Pires, enfrentam, sob as perspectivas da educação intercultural, trabalhar em sala de aula com a memória local de Ribeirão Pires quanto à presença cultural japonesa, advinda do processo de imigração para o local? Tem como objetivo principal: Identificar os modos que professores de Ensino Fundamental I, de escolas de Ribeirão Pires, enfrentam, sob as perspectivas da educação intercultural, trabalhar em sala de aula com a memória local de Ribeirão Pires quanto à presença cultural japonesa, advinda do processo de imigração para o local.

Como objetivos específicos, pretendemos: 1) identificar os aspectos da cultura e memória japonesas em Ribeirão Pires que, em consonância com parâmetros curriculares de história e geografia, do currículo paulista; 2) analisar os desafios narrados por professores de Ensino Fundamental I, de escolas de Ribeirão Pires para trabalharem com temas da memória e cultura japonesas da cidade; 3) elaborar e

oferecer aos professores um produto que seja de aplicabilidade prática para os professores no âmbito da Educação de Ensino Fundamental, contribuindo para a integração de uma educação intercultural japonesa e brasileira no processo educacional da cidade.

Esse material será direcionado para os professores, com o intuito de que possam trabalhar as origens imigrantes da cidade junto aos alunos, enriquecendo seu conhecimento sobre a formação cultural local. Justifica-se por valorizar a comunidade cultural e implementar uma comunicação voltada à cultura e à memória desta comunidade de imigrantes japoneses junto aos estudantes. O material didático, derivado do estudo aplicado da memória e cultura japonesas nas escolas de Ensino Fundamental de Ribeirão Pires, fortalece os professores na sua execução e possibilita aos alunos a reflexão e observação para com as diferentes culturas que cercam a cidade onde vivem.

Na concepção de Arroyo (1992, p. 47), “a década de 60 representou um momento político particularmente sensível às desiguais oportunidades socioculturais da infância pobre e das minorias”.

Dentre toda a busca por uma melhor condição de ensino aos brasileiros ainda encontramos um espaço para a poesia, Cora Coralina, contista e poetisa, nos brinda com sua inteligência e sensibilidade ao dizer que:

[...] Aumenta o número de adultos analfabetos na razão direta da criança sem escola, aumenta a criminalidade jovem na razão direta do menor abandonado, infrator, corrupto, delinquente a caminho da criminalidade do adulto pela falta de escolas profissionais, escolas de salvação social (Coralina, 2012, p. 168).

A Constituição Federal de 1988, no artigo 5º, trouxe avanços significativos dos direitos coletivos, bem como individuais, consolidando a garantia desses direitos e sua proteção. Nacionalmente, reforçou a importância da Educação, criou bases no que diz respeito ao desenvolvimento do ensino e abriu-se para o direito do cidadão brasileiro e colocou o Estado como responsável por esse desenvolvimento. Junto a isso vem a valorização dos profissionais da educação, a descentralização e a participação social, valorizando mais a educação infantil e tornando obrigatório o financiamento do setor da Educação, exigindo de estados e municípios parcelas de recursos destinados a esse fim (Brasil, 1988).

Na concepção de Freire (1996), educação deveria passar necessariamente pelo reconhecimento da identidade cultural dos estudantes, sendo o diálogo a base

de seu método. O conteúdo deveria estar de acordo com a realidade cultural do educando e com a qualidade da educação, medida pelo potencial de transformação do mundo. Temos, então, uma preocupação com alunos e alunas, visando adaptar conhecimento ao mundo contemporâneo em constante movimento, o que nos remete novamente ao pensamento de Candau (2013, p. 13):

O que parece consensual é a necessidade de se reinventar a educação escolar para que se possa oferecer espaços e tempos de ensino-aprendizagem significativos e desafiantes para os contextos sócio-políticos e culturais atuais e as inquietudes de crianças e jovens.

A interculturalidade como estudo voltado para as práticas de diversidade nos leva a pensar, nesta pesquisa, sobre como os estudantes podem compreender as diversas manifestações culturais, bem como os diferentes grupos sociais, a partir do estudo da presença da cultura japonesa em Ribeirão Pires, que promove na cidade espaços e eventos bastante característicos das heranças culturais desses descendentes. Assim, aprendendo pela prática e vivência, eles podem mergulhar em fundamentos de cada etnia presente na cidade em que moram. A possibilidade da empatia descortina semelhanças e diferenças, o reconhecimento pelo indivíduo de que há gêneros, raças e etnias diferentes das dele desperta a criação de laços, respeito e entendimento da riqueza que cada cultura contém, pois, como considera García-Canclini (2008, p. 18),

[...] a primeira hipótese é que a incerteza em relação ao sentido e ao valor da modernidade deriva não apenas do que separa nações, etnias e classes, mas também dos cruzamentos socioculturais em que o tradicional e o moderno se misturam.

Cabe ao professor descortinar com os estudantes esse sentimento de empatia que, junto ao respeito às diferenças, criará um ambiente propício à escuta e à compreensão do modo de viver do outro. A interação respeitosa trará a inclusão, a percepção da diversidade e, na colaboração, a flexibilidade e a adaptação farão com que se diminuam as diferenças. Nesta pesquisa, que se dedica à educação intercultural, é fundamental compreender o percurso histórico da imigração japonesa, por meio de seus descendentes, assim como ressaltar a relevância da preservação de seus costumes.

Observa-se, contudo, que nos contextos de migração torna-se necessário reiniciar, no novo território de residência, todo o processo de organização social anteriormente estabelecido. Em geral, os indivíduos tendem a reproduzir os modelos de estrutura sociocultural aos quais estavam habituados. No caso específico dos

imigrantes japoneses, essa dinâmica manifesta-se de maneira evidente na criação de associações nipônicas, na fundação de escolas voltadas ao ensino da cultura e da língua japonesa, bem como na preservação de práticas religiosas tradicionais, mesmo em solo brasileiro.

Ao promover o contato direto com a cultura e a memória japonesa no ambiente escolar, busca-se transcender uma abordagem meramente informativa, incentivando a construção de pontes interculturais significativas.

Essa interação possibilita aos alunos expandirem seus horizontes culturais, desenvolvendo a capacidade de reconhecer e valorizar a diversidade. A exploração da memória japonesa, compreendida não apenas como um conjunto de fatos históricos, mas como um processo dinâmico de construção e transmissão de significados, oferece um terreno fértil para a reflexão sobre a complexidade das identidades culturais. Ao se depararem com narrativas, tradições e expressões artísticas japonesas, os estudantes são convidados a exercitar a empatia e a compreensão de diferentes modos de ser e de estar no mundo.

Nesse contexto e em consonância com as competências e habilidades propostas pelo Currículo Paulista, para a disciplina de História no 5º ano do Ensino Fundamental, esta pesquisa busca também explorar a cultura e a memória da colônia de descendência japonesa de Ribeirão Pires.

Busca compreender a trajetória e as contribuições dessa comunidade para a formação da identidade local e permitir aos estudantes aprofundarem essa compreensão como resultado da interação de diferentes grupos culturais, incluindo a comunidade japonesa. Isso pretende possibilitar que os estudantes se reconheçam como parte de uma diversidade presente na cultura brasileira e valorizem os conhecimentos historicamente construídos por diferentes grupos.

Ao investigar as experiências dos imigrantes japoneses e seus descendentes, os estudantes poderão elaborar questionamentos sobre o passado e o presente da cidade, utilizando diferentes fontes para construir narrativas sobre a memória local como entrevistas com descendentes, fotos e documentos de arquivos do museu histórico da cidade ou da Associação Nipo-Brasileira que foi fundada em Ribeirão Pires em 1945, conhecer os monumentos de cultura japonesa no Parque Oriental, criado na cidade para que a memória e a cultura nipônica possam ser lembradas.

O estudo da cultura japonesa, com suas diversas manifestações artísticas e sociais, tais como as artes marciais, as oficinas de ikebana, oficinas de origami e

mangás, a culinária, festivais orientais pela cidade, grupo de tambores (taikos), escola de idiomas, promovendo o apreço pela diversidade cultural, o que também contribui para o desenvolvimento do senso estético e para o reconhecimento da pluralidade cultural presente na cidade de Ribeirão Pires.

A produção de material didático que contemple essa temática visa utilizar diferentes linguagens, como textos, áudios, vídeos e imagens, para não só para facilitar o acesso ao conhecimento e estimular o diálogo intercultural como também para apresentar a história e a cultura japonesa e analisar como essa cultura é transmitida, adaptada e incorporada ao contexto de Ribeirão Pires, valorizando os saberes e as práticas dessa comunidade.

As associações nipônicas foram formadas e promovem eventos culturais voltados não só aos descendentes de várias gerações da comunidade japonesa, mas também à população em geral das localidades em que está situada.

Por meio dos eventos organizados por essas associações culturais, passamos a conhecer um pouco mais das artes, da gastronomia, do artesanato, da música, do toque dos tambores conhecidos como taiko e da língua originária. Não passou despercebido aos brasileiros que os imigrantes japoneses demonstram uma postura de respeito aos seus ancestrais e aos que já atingiram uma idade mais avançada. Também demonstram inteligência, foco e dedicação, principalmente aos estudos. Descendentes de imigrantes japoneses conquistaram boas posições no campo de trabalho graças à sua persistência.

Esta pesquisa propõe uma reflexão sobre como a interculturalidade pode ser integrada à formação de professores da rede de ensino fundamental de Ribeirão Pires, capacitando-os para trabalhar com temas relacionados à diversidade étnica, à memória e à cultura em sala de aula:

Eu diria que os educadores são como velhas árvores. Possuem uma face, um nome, uma “estória” (sic) a ser contada. Habitam um mundo em que o que vale é a relação que os liga aos alunos, sendo que cada aluno é uma “entidade” *sui generis*, portador de um nome, também de uma “estória” (sic), sofrendo tristezas e alimentando esperanças. E a educação é algo para acontecer neste espaço invisível e denso, que se estabelece a dois (Alves, 2006, p.19).

Ao valorizar as diferentes descendências presentes no ambiente escolar, abre-se espaço para a construção de conteúdos significativos, que favorecem a socialização, ao mesmo tempo em que desenvolvem competências e habilidades por meio da dança, dos esportes e da valorização da história de cada grupo.

Para Candau (1998, p. 12), “a cultura escolar, predominantemente nas nossas escolas se revela como ‘engessada’, pouco permeável ao contexto em que se insere, aos universos culturais das crianças e jovens a que se dirige e a multiculturalidade das nossas sociedades”. Como se expressa Severino (1989, p. 10), em prefácio sobre a fala de Paulo Freire: “alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não uma manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”.

Pensando assim, torna-se importante refletir sobre a importância da interculturalidade, pois esta eleva os estudantes a um patamar de conhecimento que lhes permite tráfegar por diferentes culturas. Num país como o Brasil, rico em diversidade étnica, a integração do multiculturalismo e da interculturalidade nos currículos escolares trará, não só aos professores como também aos estudantes, um aprendizado abrangente, uma nova maneira ou postura de ensino.

Freire (2003, p.12) afirma que: “primeiro a ‘leitura’ do mundo, do pequeno mundo em que se movia; depois, a leitura da palavra que, nem sempre, ao longo da minha escolarização, foi a leitura da palavra mundo”. É necessário conhecer o que se passa no mundo, abraçar novos conhecimentos, novas formas de linguagem para tornar-se sábio na arte de viver.

Introduzir conteúdo em um ambiente educacional que torne a aprendizagem dinâmica em relação a outra cultura, como a cultura japonesa, pode trazer abordagens pedagógicas que levam os estudantes a despertarem para outras convivências sociais, viabilizando o conhecimento, o respeito e a admiração por outras etnias e a empatia acerca da diversidade de culturas existentes no Brasil.

A diversidade cultural implica múltiplas formas de aprendizado e, independentemente da origem ou da especificidade étnica, ela contribui para o aprimoramento da convivência desde os primeiros anos de vida, fundamentada no respeito e na valorização do outro.

No caso da imigração e da cultura japonesa, é possível perceber uma forte necessidade de preservar os vínculos entre passado e presente, construindo um futuro no qual crianças e jovens possam ter acesso ao maior número possível de informações, imagens e relatos que mantenham viva essa memória cultural.

## 2 CONHECENDO A HISTÓRIA DOS JAPONESES: DO JAPÃO A RIBEIRÃO PIRES

### 2.1 O Japão e a abertura para o Ocidente

Entre os séculos XV e XVI, o intercâmbio entre Japão e China tomou novos rumos, com a exportação de espadas japonesas aos chineses e o aprendizado por parte dos japoneses de técnicas agrícolas chinesas variadas, que tornaram melhores a plantação e a colheita de trigo, cevada e arroz.

A partir do século XVI, a importação pelo Japão de ferro da China tornou-se comum para dar conta da impressão das moedas japonesas, em meio à produção de produtos chineses como seda, livros e porcelanas, trazendo diversificação para ambas as economias. Por inspiração na cultura Ming, os japoneses fizeram florescer as pinturas artesanais por meio do nanquim, uma espécie de tinta, e deram vida aos desenhos baseados nas estações do ano. Surgiram os pergaminhos, sobre os quais muita história foi registrada. Esses pergaminhos, chamados *emakimono*, criaram uma estética visual própria, chamada *yamato-e*, na qual os japoneses foram se especializando.

Embora o Japão tenha alcançado notoriedade global como uma nação industrializada após o término da Segunda Guerra Mundial, seu processo de modernização já tinha tido início no século anterior. Esse movimento transformador foi impulsionado pela Restauração Meiji, um período de reformas abrangentes, sobre o Japão feudal, liderado pelo Imperador Meiji, que se iniciou em 1867.

Como nos relata Yoshimoto (1992), em 1868, o Imperador Meiji emitiu uma proclamação, conhecida com a Carta de Juramento de Cinco Artigos:

Em todos os negócios de Estado, a opinião pública será ouvida através de consultas gerais; governo e povo agirão em harmonia, executando com energia as questões administrativas; nenhum cidadão, civil ou militar, será desencorajado na busca de suas aspirações, más práticas do passado serão abandonadas e a justiça universal deverá prevalecer; os alicerces do regime imperial deverão ser fortalecidos pela aquisição de conhecimento em todo o mundo (Yoshimoto, 1992, p. 23).

A necessidade de reformas internas fez com que o imperador olhasse para o mundo Ocidental procurando captar como redimensionar o país sociopolítica e economicamente, sem perder a identidade tradicional.

Ainda nos anos posteriores a 1868 houve rivalidades de grupos de poder e contrários à abertura do país ao estrangeiro.

Para não se perderem em meio a essas divergências internas, o imperador colocou alguns japoneses em contato com o mundo exterior a fim de investigar quais seriam as rotas de crescimento que o Japão poderia utilizar para promover a reformulação social e econômica. Como relata Miyao (1980), “desde então o Japão emergiu de uma nação fechada, de 300 anos de isolacionismo, conseguindo rápida modernização com a introdução maciça da cultura ocidental”.

Prevendo que as forças internas unidas apoiariam com mais facilidade a modernização, criaram benefícios políticos, educacionais e econômicos para abastecer uma sociedade que ansiava por novas conquistas e não poderia ficar isolada do mundo. As demandas tornam o desenvolvimento e a investigação tecnológica uma área de grande relevância e prestígio entre os japoneses.

As necessidades fizeram do estudo e da pesquisa tecnológicos um campo muito importante e respeitado pelos japoneses e o compartilhamento com o mundo dessas sabedorias, como a engenharia de construção e de segurança, já salvaram muitas cidades.

O Japão é um arquipélago, com ilhas montanhosas, destacando-se a menor ilha, Shikoku, com florestas que fornecem celulose para a indústria de papel. A ilha de Kyushu – onde se situa a cidade de Nagasaki que em 1945 foi alvo da bomba atômica lançada pelos Estados Unidos – conta com várias indústrias siderúrgicas, plantações de arroz e de chá. A ilha de Hokkaido é a quinta mais populosa do país, possui mais parques verdes, desenvolve a criação de gado, plantação de arroz e mineração de ferro. A ilha de Honshu ocupa mais de 50% do país, é a ilha mais importante, pois abriga a capital, Tóquio, cidade em que se localiza o Monte Fuji.

Para compreender historicamente o processo da imigração japonesa para o Brasil, é preciso voltar ao período da constituição do que foi o império japonês, após a abertura da Era Meiji para o Ocidente.

A chamada “Era Meiji” trouxe uma restauração na cidadania interna japonesa que vivia isolada em seu arquipélago desde 1639, quando se instaurou a política conhecida como *sakoku*, que significava um “não” a tudo que viesse de outros países, não aceitava estrangeiros em seu território e não permitia a saída de seus cidadãos. Quando, após duzentos anos de isolamento e várias fragmentações internas, o imperador Meiji assumiu o trono, as estratégias para crescimento e expansão começaram a se delinear.

No período entre 1192 e 1867, o Japão obedecia a ditadura dos “xoguns”, que

eram os generais militares e exerciam poder sobre os feudos, sobre as terras e, conseqüentemente, sobre os camponeses.

O período intitulado “Era Meiji”, que vai de 1868 a 1912, produziu mudanças estruturais profundas no Japão, instaurando a Monarquia Constitucional, na qual o Imperador Mitsuhiro ou como foi chamado Imperador Meiji (Figura 1), dividiu o poder com o parlamento e um primeiro-ministro. A pacificação interna entre as ilhas que pertenciam ao arquipélago chamado Japão foram acontecendo com parcimônia. E mesmo em meio a tantas desavenças, a restauração proposta pelo imperador foi tomando forma.

Figura 1 – Imperador Mitsuhiro (Imperador Meiji)



Fonte: Almanaque Centenário Imigração Japonesa (2008)

Sentimentos nacionalistas foram se tornando mais intensos, o sistema educacional passou por reformas, qualificando os japoneses para o trabalho, tornando-os mão de obra para as indústrias. Para Miyao (1980, p. 91), “a revolução da Era Meiji, trouxe profunda transformação no regime da nação nipônica, dando prioridade à difusão da educação, difundindo-a de modo drásticos, como todos sabem”

Para Yoshimoto (1992, p. 25), sobre a educação japonesa,

O governo japonês entendeu que o desenvolvimento do país só poderia ser conseguido com a educação de todo o povo. Assim, já em 1872, implantou o primeiro sistema integrado educacional, compreendendo desde as escolas elementares até as universidades, com base em modelos franceses e norte-americanos.

O comércio agrícola também prosperou por conta da redistribuição de terras e de uma justa troca entre produção e pagamento. Resultado do nacionalismo, o fortalecimento da identidade japonesa também estimulou outros interesses. Nesse momento, a abertura para os países do Ocidente poderia proporcionar, dentro dessa busca por alternativas, a compra de matérias-primas necessárias internamente, visto que os recursos dentro do arquipélago eram escassos.

A rápida industrialização, a assimilação e transformação de tecnologias externas e um exército poderoso que ansiava por expandir o território fizeram com que o imperador Meiji recusasse contratos comerciais desfavoráveis ao Japão. Por ocasião da abertura ao mundo ocidental, Kuniyoshi (1998, p. 9) nos revela que:

[...] as referências nipônicas eram transmitidas por meio de viagens feitas pelos europeus ao Japão que confeccionaram obras da chamada literatura de viagem ou por meio da observação dos objetos trazidos pelos colecionadores como kimonos, caixinhas de laca, biombos, dentre outros.

Cada vez mais os países europeus sentiam-se atraídos pelo Japão, por seu modo de vida, pelas magníficas paisagens, a evolução industrial, as vitórias em guerras contra a China (1895) e a Rússia (1905) e, diante desses fatores, queriam participar de forma mais ativa nessa relação.

A compra por parte do Japão de matérias-primas e patentes fazia com que o fluxo de ir e vir dos técnicos japoneses aos países estrangeiros absorvesse a tecnologia e a transformasse não só para uso interno, mas também para revenda ao exterior.

Os países europeus e alguns países da América adentraram pelos portos japoneses e permitiram que o Japão fosse se abrindo ao comércio e sendo conhecido pelo mundo. Os americanos pressionaram essa abertura não só em torno do Japão, mas também tinham interesse em aprofundar o comércio com a Ásia.

Entre tantas transformações, aconteceu a mudança da cidade imperial, localizada antes em Kyoto, para Tóquio, antiga Edo. Em contrapartida, impunha-se urgência em reestruturar a nação japonesa segundo os padrões ocidentais, mais industrializados e contemporâneos.

A disseminação do ideário democrático no território nipônico e a concessão da liberdade no movimento além-fronteiras nacionais acarretavam, igualmente, o fluxo migratório de japoneses para o Brasil.

A modernização não trouxe apenas expansão e crescimento, mas provocou

exclusões. Os camponeses e cidadãos que não conseguiram acompanhar as mudanças, principalmente aquelas que exigiam que saíssem de zonas rurais e enfrentassem trabalhos na cidade ou participassem da evolução tecnológica, acabaram por formar um grupo à parte.

A explosão demográfica, os problemas sociais e o custo de vida elevado foram fatores que acompanharam toda e qualquer mudança política, social e econômica e criaram expectativas a grupos de japoneses que já não queriam esperar a melhoria para si dentro de seu país, mas, já que estavam se tornando conhecidos pelo mundo, também poderiam conhecer outros mundos existentes e recomeçar a restaurar a própria vida.

A democratização com o fim das castas e mais liberdade impulsionou a busca dos japoneses por sua própria identidade e suas raízes. Paralelo à valorização da cultura japonesa, crescia o desejo por melhoria socioeconômica diante das novas oportunidades.

Países como Estados Unidos e Canadá foram destinos da imigração japonesa em um primeiro momento por conta das demandas de industrialização. Contudo, diante da proteção à própria mão de obra interna, esses mesmos países que os receberam, impuseram sanções à entrada dos japoneses, por acreditarem que esses imigrantes concorriam com a mão de obra interna. Além do mais, desenvolveu-se um sentimento antinipônico, devido à formação de núcleos coloniais como forma de manter a cultura e a memória do país de origem.

No Japão, entretanto, eram muito altos os custos de uma modernização acelerada. Embora tenha ganhado a guerra contra a Rússia, em 1905, ainda lidavam com os altos custos que a guerra havia ocasionado. Os problemas socioeconômicos vigentes e a explosão demográfica provocaram o desejo de os japoneses deixarem o país e lançarem-se nas propostas que eram propagandeadas pelas empresas que promoviam a imigração japonesa.

Nos relata Sakurai (2013, p. 245), que:

O governo japonês passou a incentivar a emigração subsidiando todas as viagens e divulgando em ampla propaganda a possibilidade de enriquecimento muito fácil no Brasil: local de muita terra em que as pessoas só precisam estender os braços para achar o que comer.

Figura 2 – Almanaque do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil



Fonte: Almanaque do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil em 14/03/2025

O incentivo à imigração por parte dos governantes, tanto japoneses quanto brasileiros, pareceu ser a melhor solução. Como mostra o cartaz da Figura 2, com tradução da Sra. Ewete Sawada: “seria vantajoso ir para o Brasil, pois o crescimento financeiro seria rápido”.

As negociações e os incentivos para os que gostariam de se aventurar a uma vida melhor fora do Japão conquistaram a simpatia de muitas famílias. Como nos esclarece Okamoto (2008, p.21):

Movidos pelas notícias que se propagavam no Japão, considerava-se o Brasil um local onde poderiam ganhar dinheiro rápido e fácil. Os imigrantes partiram em busca desse sonho, mas com o compromisso de retornarem ao seu país depois de atingidos seus objetivos. Partiram com suas famílias como “heróis” que buscavam engrandecer e honrar sua Pátria naquela terra desconhecida.

Se dentre os japoneses, com mão de obra especializada, viver em seu país era difícil, para aqueles que trabalhavam com a terra também não era diferente. Assim, eram incentivados a partir para países que lidavam com lavouras de café, algodão ou hortaliças, para ter trabalho como mão de obra agrícola, e com a promessa de ter seu próprio pedaço de terra para o cultivo. Esses anúncios fizeram com que famílias de japoneses seguissem para países, como o Brasil e o Peru, aqui na América do Sul.

## 2.2 O processo imigratório nipônico

Em meados do século XIX, o Japão, impulsionado por um ímpeto de modernização, ascendeu ao patamar de potência industrializada. Aliando pressões demográficas, tais pressões socioeconômicas levaram ao êxodo nipônico na década de 1880 e, nessa metamorfose,

As transformações econômicas e institucionais que permitiram um aumento substancial da população levaram também graves dificuldades para uma grande parcela de pequenos agricultores, submetidos a pesados impostos e a queda dos preços de seus produtos, como, por exemplo, o arroz (Handa, 1987, p. 73).

O desenvolvimento de um país depende dos fatos que ocorrem. Os fatores externos, ou seja, o que acontece no mundo, reflete internamente nos países, por isso as guerras, a fome, a miséria que se instalavam em outros países influenciavam a vinda dos imigrantes, ora por um fluxo intenso de determinada etnia, ora por um refluxo por conta das condições que se apresentavam, fossem elas políticas econômicas ou sociais. Internamente isso também refletia na aceitação ou não dos processos migratórios em determinados períodos.

Apesar de ser uma preocupação em âmbito nacional, em busca por mão de obra no contexto pós-abolição, as elites econômica e política tinham um perfil específico considerado ideal para os imigrantes, alinhado ao objetivo de promover o branqueamento da população.

O grupo japonês nunca foi um grupo bem visto pela sociedade brasileira, especialmente pelos eugenistas e políticos preocupados com o branqueamento da população: não era desejável acrescentar ao povo já “tão misturado” pela presença de negros e índios, também a raça amarela. O japonês só entrou como imigrante porque era considerado um povo agrícola muito trabalhador e, as fazendas naquele período, ainda demandavam mão-de-obra “competente” (Demartini, 2004, p. 152).

Desde o final do século XIX, Brasil e Japão iniciaram um intercâmbio entre os dois países. Nas palavras de Moura (2008, p.101), “a recepção desses imigrantes esteve compassada com elementos relacionados à grande história, tais como desenvolvimento econômico, guerras mundiais ou mesmo resoluções que influenciaram os fluxos migratórios.”

Em 1908, mais precisamente no dia 18 de junho, no porto de Santos em São Paulo, aportou o *Kasatu Maru* (Handa, 1980, p. 3), navio que trazia os primeiros imigrantes japoneses ao Brasil. Os japoneses radicados no Brasil comemoram o Dia dos Imigrantes nessa data. Esses eventos festivos têm como essência a rememoração conjunta de episódios históricos, resgatando narrativas que mantêm

viva, de forma quase intacta, a memória da imigração.

[...] os discursos presentes nas comemorações têm o intuito de construir uma memória coletiva e a formação da representação de uma comunidade coesa, além de objetivar a omissão das memórias subterrâneas, causadoras de conflitos e que desestruturariam essa comunidade imaginada (Pollak, 1989, p. 4).

Esses imigrantes japoneses buscavam a melhoria da vida, principalmente no financeiro, pois seu desejo era voltar à terra natal bem estabelecidos financeiramente.

O Brasil precisava de trabalhadores rurais para a lavoura, principalmente para os cafezais do Sudeste, que sofriam com a crise da mão de obra escrava e, no Japão, por sua vez, após a revolução Meiji, em 1868, a alta de impostos e o crescimento da população fizeram com que se abrissem caminhos para que a população fosse incentivada a tomar os rumos da imigração. Nos relata Costa (2007, p. 30) que:

Uma primeira tentativa exploratória de acordo com o governo brasileiro foi feita em 1892, a partir da promulgação da Lei 97 na presidência de Floriano Peixoto que permitiu a imigração de asiáticos para o Brasil, no qual os japoneses estavam contemplados.

Outro fator que indicou o Brasil como caminho a ser seguido foi que, a partir de 1875, os Estados Unidos receberam imigrantes japoneses, mas, segundo Takeuchi (2007, p. 14): “o sentimento antinipônico entre os norte-americanos, originado pela concorrência trabalhista representada pelos japoneses, fez com que o governo dos Estados Unidos tomasse medidas restritivas a essa corrente imigratória”.

O Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre o Brasil e o Japão, segundo a Imigração histórica nos relata, “foi celebrado em Paris no dia 5 de novembro de 1895”<sup>1</sup>. Apesar de o tratado entre as duas nações ter sido essencial para a chegada dos imigrantes às propriedades rurais, constatou-se que a recepção não ocorreu de maneira harmoniosa em toda a comunidade.

Nesse primeiro momento, os imigrantes japoneses se dirigiram às fazendas do interior paulista para trabalhar no cultivo de café, economia agrícola bastante promissora no estado de São Paulo àquela época. Como aponta Moura (2008, p. 98), “se por um lado a sociedade de onde os imigrantes partiam os considerava como fugitivos, aquela que os acolhia os via como intrusos”.

Além disso, Okamoto (2008, p. 28) no esclarece que “o clima, a cultura, a língua, a geografia do país, os hábitos, os costumes, o modo de conceber a vida, a alimentação, sem contar as condições de trabalho e de vida nas fazendas que eram

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://www.imigracaohistorica.info/>. Acesso em: 14 mar. 2025.

inóspitas e extremamente duras.”

Os imigrantes sofreram a perseguição em forma de proibição do uso do idioma, as escolas criadas pelos japoneses como forma de zelar pelos seus descendentes foram fechadas e, para Miyao (1980, p. 92), “habitualmente o imigrante formava um grupo rural com seus compatriotas e a primeira tentativa em comum era construir uma escola com as próprias mãos”.

A crise econômica no Japão, que se agravou entre 1868 e 1912, contribuiu para o início do período de imigração japonesa para o Brasil, que ocorreu entre 1908 e 1910. Para Takeuchi (2007, p. 42):

Presentindo as dificuldades que o sentimento antinipônico traria para a continuidade de sua política imigratória, o governo japonês, a partir de 1917, tomou cada vez mais para si a responsabilidade pela imigração de seus nacionais para o Brasil. Após conseguir a aprovação de verbas necessárias, o Japão passou a custear as passagens de seus nacionais e a financiar as empresas de imigração.

Posteriormente, entre 1917 e 1940, houve um aumento significativo no fluxo de japoneses para o Brasil, onde muitos foram trabalhar inicialmente em lavouras de café nas regiões de São Paulo e Paraná, até porque, a partir de 1927, a imigração dos japoneses para o Brasil passava por Sociedades Cooperativas. Estas foram criadas pelo governo japonês, o que resultou em uma filial no Brasil chamada Bratac que funcionava como uma Sociedade Colonizadora e se antecipava ao comprar imensos lotes de terras e, como nos conta Takeuchi (2007, p. 30), “o imigrante recebia do governo japonês a passagem para o Brasil e podia adquirir sua porção de terra mediante o pagamento de uma soma inicial ainda no Japão”.

Antes, em 1917, a Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha (K.K.K.K) – que, em português, podemos traduzir como Companhia De Desenvolvimento Exterior de Kaiko – já havia colocado em prática a criação de colônias japonesas autossuficientes.

No final dos anos 30, sob o governo de Getúlio Vargas, várias leis foram implementadas para controlar a imigração, incluindo a proibição de materiais didáticos em línguas estrangeiras. Essas medidas levaram muitos imigrantes japoneses a considerar o retorno ao Japão, para Lesser (2001, p. 212), “o movimento anti-japonês os deixará com a impressão de que eles jamais viriam a ser plenamente aceitos como membros da sociedade do país hospedeiro”.

Até 1934, a predominância de imigrantes japoneses alertou as autoridades brasileiras, que viam com preocupação o grande número de pessoas com hábitos e costumes diferentes dos europeus. Isso resultou na criação de uma nova lei de

imigração que limitava a nacionalidade dos imigrantes de cada país.

Os japoneses que migraram para o Brasil estabeleceram-se em diversas regiões do território nacional. Enfrentaram obstáculos para se adaptar ao novo ambiente e formaram núcleos, colônias e também entidades comunitárias.

O isolamento dos imigrantes japoneses em áreas rurais foi impulsionado, sobretudo, pelas dificuldades em compreender o idioma e os costumes brasileiros, além da pouca disposição para superar essas barreiras, já que muitos tinham a intenção de retornar ao Japão em um curto período. Assim, tornou-se inevitável a formação de grupos, que mais tarde se transformaram em comunidades e associações, com o objetivo de preservar suas tradições e oferecer apoio mútuo, o que “conduziu as famílias a um relacionamento mais estreito com os que consideravam seus iguais e a um contato somente necessário com os brasileiros” Sakurai (1993, p. 88).

Demonstrando sua cultura, os japoneses interagiram com os brasileiros, por meio de movimentos sociais como gastronomia, teatro, música ou dança, provocando uma convivência de trocas de aprendizados. A região do Grande ABC (Figura 3) foi um desses destinos secundários de imigrantes europeus e japoneses na primeira metade do século XX.

Figura 3 – Mapa do ABC Paulista – em Santo André



Fonte: Eletrovision em ABC Paulista em Santo André em 14/03/2025.

Para a plataforma Eletrovision:

O ABC recebeu forte fluxo de imigrantes no fim do séc. XIX e de migrantes ao longo do séc. XX, favorecendo o povoamento da região. É também o berço

da indústria automobilística e de multinacionais que se instalaram na região ao longo do último século, com destaque para a década de 1950, quando a industrialização iniciada na capital chegou às regiões próximas (apenas dois dos sete municípios não fazem fronteira com a cidade de São Paulo).<sup>2</sup>

Segundo reportagem do jornal *Rudge Ramos Online* (2008, p. 5), “São Bernardo do Campo foi a primeira cidade da região a ter uma vila construída por japoneses” e outras cidades do ABC também começaram a receber essas comunidades culturais. Buscando por melhores condições de vida, os imigrantes japoneses que chegaram em São Paulo foram encaminhados para outras localidades do país como os estados de Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso do Sul e Pará.

A preferência pela cidade de São Paulo acontecia porque vários núcleos japoneses já haviam se organizado ali. No entanto, vários imigrantes seguiram para o trabalho na agricultura no norte do Paraná, outros para a produção de borracha na Amazônia e outros foram direcionados ao Pará, para as plantações de pimenta.

As dificuldades foram imensas no início, fora do país de origem, outra cultura, outro idioma, a adaptação ao clima e costumes brasileiros, sem contar os preconceitos e a xenofobia com o estrangeiro. A motivação desses imigrantes era trabalhar e ser dono do próprio pedaço de terra, economizar e voltar ao Japão. No entanto, as fazendas de café recebiam os imigrantes, já com contratos estabelecidos entre os governos brasileiro e japonês, o que determinava o cumprimento de metas e prazos impossíveis de serem alcançados, obrigando-os a permanecer como mão de obra.

São Bernardo do Campo foi a primeira cidade da região a ter uma vila construída por japoneses. A família Mizuho e as de outras famílias imigrantes se estabeleceram em 1935, após trabalharem em fazendas no interior de São Paulo (Médici, 2010). Em terras brasileiras, a força de trabalho japonesa foi inicialmente absorvida pelas vastas plantações de café do estado de São Paulo.

O fluxo migratório persistiu ao longo das décadas de 1920 e 1930, desafiando as restrições impostas pelo governo brasileiro. A região do ABC acolheu um contingente crescente de imigrantes, oriundos não apenas do Japão, mas também de outras localidades brasileiras, conforme atesta o portal da Prefeitura de São Bernardo do Campo<sup>3</sup>.

A Colônia Mizuho manteve-se como polo de atração para famílias japonesas.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://eletrovisandooh.com.br/abc-paulista>. Acesso em: 14 mar. 2025.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.saobernardo.sp.gov.br/web/cultura/imigracao-japonesa>. Acesso em: 14 mar. 2025.

Os imigrantes diversificaram suas atividades em São Bernardo, dedicando-se à agropecuária (hortaliças e avicultura), ao comércio e aos serviços. A união e a fundação de associações solidificaram a comunidade nipônica na cidade. Já a cidade de São Caetano do Sul recebeu também seus primeiros imigrantes onde conhecemos a história do Sr. Ryohei, procurando por novas perspectivas vindo das fazendas do interior de São Paulo, como nos relata Carvalho (2008, p. 17) :

[...] vindo do interior paulista, depois de ter trabalhado na lavoura de Guarantã, interior de São Paulo, o Sr. Ryohei transferiu-se para a cidade de São Caetano e coloca em prática os conhecimentos que possuía em relação à produção de porcelana. Num primeiro momento a empresa de porcelana de Ryohei estabelecida na cidade de São Caetano do Sul, outra cidade do Grande ABC, se dedicava à confecção de objetos domésticos e depois dedicou-se à confecção de pastilhas esmaltadas.

### 2.3 Os imigrantes japoneses na cidade de Ribeirão Pires

A cidade de Ribeirão Pires foi desmembrada de Santo André em 1953, ganhando autonomia de município, o aniversário da cidade é comemorado em 19 de março e, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), conta com uma população estimada de 115.559/pessoas<sup>4</sup> (Quadro 1).

Quadro 1 – População de Ribeirão Pires em 14/03/2025

População no último censo [2022]	<b>115.559</b> pessoas	
	População estimada [2024]	<b>118.877</b> pessoas
	Densidade demográfica [2022]	<b>1.167,59</b> habitante por quilômetro

Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/ribeirao-pires/panorama>. Acesso em: 14 mar. 2025

O Coordenador que responde pela Secretaria de Assistência, Participação e Inclusão Social de Ribeirão Pires (SAPIS), Sr. João Moreira, em entrevista concedida em 26/05/2025, informou que, segundo as pesquisas, temos na cidade de Ribeirão Pires, mediante o censo de 2022<sup>5</sup>, do total de 115.559 pessoas, 3% (três por cento) pertence à etnia nipônica, ou seja, temos em Ribeirão Pires cerca de 3.467 japoneses.

Na história dessa cidade, no século XVI, o território de Ribeirão Pires era uma

<sup>4</sup> Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/ribeirao-pires/panorama>. Acesso em: 14 mar. 2025.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/ribeirao-pires.html>. Acesso em: 14 mar. 2025.

imensa floresta inabitada, que fazia parte da aldeia tupiniquim de Geribatiba (do tupi, lugar de muitas palmeiras). “O chefe dessa aldeia, que morava nas imediações do Rio Pinheiros, era o índio Caiubi, irmão de Tibiriçá”<sup>6</sup>.

Por conta de sua localização geográfica (Figura 4), serviu como rota inevitável para os que vinham da área portuária de Santos, com destino aos campos de Piratininga ou a cidade de São Paulo. Nos esclarece o *Diário Oficial de Ribeirão Pires* que:

No decorrer dos anos, esses caminhos foram aperfeiçoados por bandeirantes, garimpeiros e milícias. No século XVII, as terras nas proximidades da Serra do Mourão passaram a ser cobiçadas. Um novo processo de povoamento passou a acontecer, baseado na exploração das minas de ouro. Caaguaçu, que estava no caminho para essas minas, passou a ser conhecida, pois até então era quase inexplorada. Houve formação de um núcleo de povoamento na região decorrente da exploração do ouro, mas que não durou muito tempo<sup>7</sup>.

Figura 4 – Mapa da cidade de Ribeirão Pires



Fonte: Prefeitura de Ribeirão Pires, em 24/05/2025

A construção de templos religiosos próximos aos núcleos de exploração aurífera era uma prática comum entre os bandeirantes, motivada pelo receio da morte sem a devida absolvição de seus pecados.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://turismoribeiraopires.com.br/historia/>. Acesso em: 23 mar. 2025.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://ribeiraopires.sp.gov.br/diario-oficial/>. Acesso em: 23 mar. 2025.

A vida pregressa desses exploradores, marcada por atos criminosos no contexto da mineração, gerava um temor constante em relação ao julgamento divino. Nesse contexto, a imagem de Nossa Senhora do Pilar (Figura 5), venerada como padroeira na Espanha, também assumia o papel de protetora dos bandeirantes paulistas em terras brasileiras.

Figura 5 – Capela Nossa Senhora do Pilar



Fonte: <https://turismoribeiraopires.com.br/historia/> Acesso em: 08 abr. 2025.

Em razão disso, acredita-se que o capitão-mor Antônio Corrêa de Lemos, um bandeirante paulista, teria ordenado aos seus escravos a construção da **Capela de Nossa Senhora do Pilar** como pagamento de uma promessa pela cura de uma doença que quase o matou. A data de sua fundação (25 de março de 1714), marca o surgimento do povoado do **Pilar**, que só tomaria esta denominação no século XIX ao ser incorporada à Freguesia da Sé”<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://turismoribeiraopires.com.br/historia/>. Acesso em: 08 abr. 2025.

No século XIX, com a expansão da produção de café em São Paulo, surgiu a necessidade de uma ferrovia que conectasse as fazendas ao Porto de Santos. Em 1885, foi inaugurada a estação de Ribeirão Pires. Paralelo aos trilhos, povoados e comércios se expandiram, impulsionando o desenvolvimento da então pequena região e no relato do “Memórias que ficam”:

No século XIX, a São Paulo Railway & Co. compra várias terras para a instalação da ferrovia. Em um de seus relatórios, a companhia cita a necessidade de construir pontes sobre o Ribeirão Pires e o Ribeirão Grande. O primeiro, localizado nas proximidades dos atuais bairros do Jardim do Mirante, Vila Suely e Bocaina e o segundo, nas imediações da atual Rua Capitão José Gallo. O nome “Ribeirão Pires” será gravado na história a partir da construção da primeira parada de trem, em 1885, então chamada de “Estação do Ribeirão Pires” – até essa data, a localidade era chamada de Pilar ou Caguaçú.<sup>9</sup>

A Estação Ferroviária de Ribeirão Pires (Figura 6) foi inaugurada no dia 01 de março de 1885<sup>10</sup>.

Figura 6 – Estação Ferroviária de Ribeirão Pires, s/d.



Fonte: [http://ribeiraopires.fot.br/Historia/001-PILAR\\_PARTE\\_03.htm](http://ribeiraopires.fot.br/Historia/001-PILAR_PARTE_03.htm). Acesso em: 08 abr. 2025.

Em fevereiro de 1887, ocorreu a fundação do Centro Colonial de Ribeirão Pires. os primeiros imigrantes italianos foram enviados de São Bernardo, impulsionando o desenvolvimento local. Como nos esclarece o Turismo Ribeirão Pires:

Do final do século XIX até a década de 1930, o povoamento de Ribeirão Pires se caracteriza pela chegada de diversas culturas imigrantes (alemães, italianos, sírios, japoneses). Essa troca cultural imprime uma dinâmica social

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.memoriasqueficam.com.br/c%C3%B3pia-cidade>. Acesso em: 23 mar. 2025.

<sup>10</sup> Disponível em: [http://ribeiraopires.fot.br/Historia/001-PILAR\\_PARTE\\_03.htm](http://ribeiraopires.fot.br/Historia/001-PILAR_PARTE_03.htm). Acesso em: 08 abr. 2025.

e econômica que podemos chamar de primeira urbanização – marcada pelo surgimento dos primeiros melhoramentos urbanos (escola, correio, ruas, igreja, cartório, hotel etc.) e pelo intenso comércio de mercadorias primárias de origem agrícola, pecuária e mineral.<sup>11</sup>

Como nos esclarece Duarte (2025), a partir de dezembro de 1998, a cidade conquistou a condição de Estância Turística, pois possui vários recursos naturais e ambientes de florestas, próprios para a exploração do turismo. Após vários estudos da legislação estadual, Ribeirão Pires conquistou sua autonomia como município (Figuras 7 e 8) e o local foi protegido pela Lei de Mananciais, acionando a infraestrutura implantada pela prefeitura ao longo dos anos.

Figura 7 – Museu histórico de Ribeirão Pires



Fonte: Foto da autora em Museu Histórico em Ribeirão Pires em 15/03/2025.

Para Marcilio Duarte, historiador morador da cidade de Ribeirão Pires, a cidade envolve várias nuances<sup>12</sup>:

Assim nasceu Ribeirão Pires, diversificada pelas cores culturais, ao som das caldeiras, do apito do trem, das missas, das brigas entre colonos, mas temperada pela tranquilidade de um cenário que a serra lhe emprestou. Seus recursos foram exaustivamente extraídos para impulsionar o progresso e delinear os contornos de uma cidade que despontou industrializada, mas que, com o passar do tempo, foi se equilibrando entre o modelo rural e o urbano, até se transformar na Estância Turística hoje conhecida.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://turismoribeiraopires.com.br/historia/>. Acesso em: 09 abr. 2025.

<sup>12</sup> Disponível em <https://editora.ufabc.edu.br/ciencias-sociais/106-uma-cidade-na-serra>. Acesso em: 18 abr. 2025

Figura 8 – Museu histórico de Ribeirão Pires



Fonte: Foto da autora em Ribeirão Pires em 15/03/2025.

A cidade possui um padroeiro reverenciado pelos munícipes que é São José e foi inaugurado um mirante como é conhecido na cidade: “O Mirante São José é um dos principais pontos turísticos da Estância Turística de Ribeirão Pires. Foi inaugurando no dia 15 de maio de 1976”<sup>13</sup> (Figura 9).

Para o Instituto Viva ABC, que mantém um olhar vivo sobre as cidades do Grande ABC, “a estátua de São José, padroeiro de Ribeirão Pires desde outubro de 1983, obra modernista de 1,75m de altura, é assinada pelo escultor Gildo Zampol, nascido no município, formado pelo Liceu de Artes e Ofício de São Paulo.”<sup>14</sup>

Figura 9 – Mirante São José em Ribeirão Pires



Fonte: <https://ribeiraopires.sp.gov.br/mirante-sao-jose/>. Acesso em: 08 abr. 2025.

<sup>13</sup> Disponível em: <https://turismoribeiraopires.com.br/pontos-turisticos-2/>. Acesso em: 23 mar. 2025.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.vivaabc.com.br/mirante-sao-jose-e-inaugurado-em-ribeirao-pires-apos-obras-de-modernizacao/#>. Acesso em: 26 mar. 2025.

Inaugurada em janeiro de 2008, a Vila do Doce (Figura 10) passou a ser mais uma opção de lazer para a população da Estância Turística de Ribeirão Pires. Os quiosques, incluindo alimentação e artesanato, também são atrativos para turistas e movimentam a economia da cidade<sup>15</sup>.

Figura 10 – Vila do Doce em Ribeirão Pires



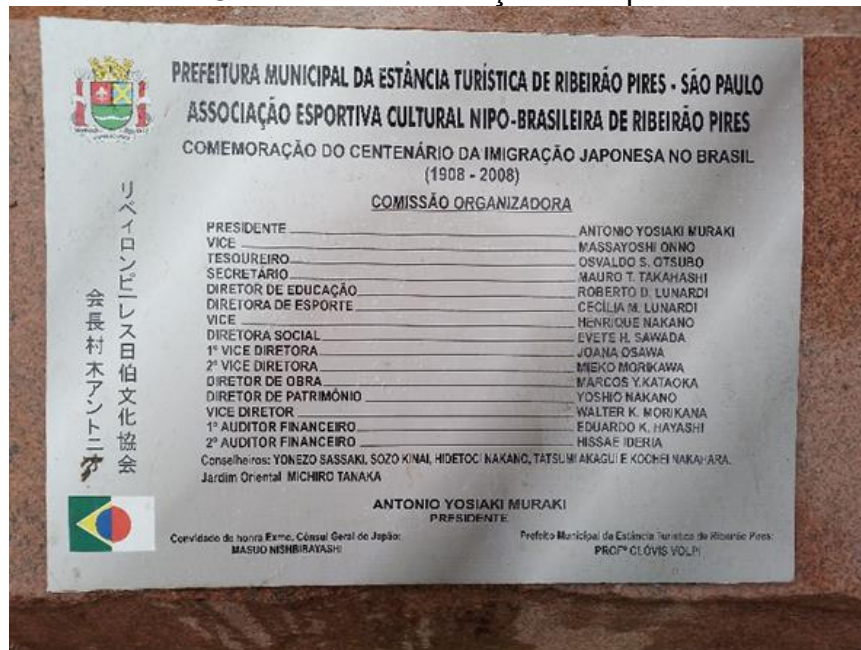
Fonte: <https://acessocultural.com.br/tag/centro-de-exposicoes-e-historia-de-ribeirao-pires/>. Acesso em: 08 abr. 2025.

E como parte do histórico da cidade, os imigrantes japoneses foram sedimentando sua identidade e, com a colaboração da Prefeitura, vários monumentos foram inaugurados (Figuras 11 e 12), não somente em homenagem aos imigrantes japoneses que se estabeleceram, mas também como forma de compartilhar sua história com os munícipes.

---

<sup>15</sup> Disponível em: <https://acessocultural.com.br/tag/centro-de-exposicoes-e-historia-de-ribeirao-pires/>. Acesso em: 08 abr. 2025.

Figura 11 – Placa Comemorativa – Paço Municipal em Ribeirão Pires



Fonte: Foto da autora Kaikan Bunkyo – Ribeirão Pires em 05/04/2025

Figura 12 – Paço Municipal de Ribeirão Pires em Ribeirão Pires



Fonte: Foto da autora. Ribeirão Pires – 16/03/2025

Figura 13 – Paço Municipal em Ribeirão Pires



Fonte: Foto da autora. Ribeirão Pires – 16/03/2025

Figura 14 – Paço Municipal em Ribeirão Pires



Fonte: Foto da autora. Ribeirão Pires – 16/03/2025

Nesta cidade vemos muito da influência nipônica (Figuras 13 e 14). Para Freitas (2025), desde o final do século XIX e durante o século XX, os japoneses procuraram oportunidades fora do Japão, em virtude da crise econômica causada pela Segunda Guerra Mundial, estabeleceram-se em várias cidades do Brasil. Como esclarece Yoneya (2008), “regiões como Ribeirão Pires, Mauá, Bragança, Guararema, Itaquera e Parelheiros foram ocupadas por imigrantes e tornaram-se conhecidos pólos

produtores de alimentos” , dentre eles hortaliças, soja e batata doce<sup>16</sup>,

Em reportagem do jornal *Diário do Grande ABC*, sobre o centenário do casal Nogami<sup>17</sup>, adentramos a história dos primeiros imigrantes a chegar na cidade de Ribeirão Pires. A reportagem apresenta elementos históricos interessantes sobre a trajetória de Toki Kumabe e Yutaka Nogami (Figura 15), destacando aspectos da imigração japonesa e das experiências interculturais no Brasil.

Figura 15– Casamento do casal Nogami, Los Angeles (EUA), em 1921



Fonte: <https://www.dgabc.com.br/Mobile/Noticia/3988933/100-anos-do-casal-nogami>, Acesso em: 07 mar. 2024.

De acordo com Renan Soares (2023, p.1), colunista do *Diário do Grande ABC*, jornal de grande atuação na região, mais precisamente em fevereiro de 1923, Yutaka Nogami e Toki Kumabe Nogami se estabeleceram em Ribeirão Pires, dedicando-se à agricultura, já que o clima da cidade colaborava imensamente para o cultivo das hortaliças, frutas e legumes e, depois, ao comércio local (Figuras 16 e 17). “A escolha de Ribeirão Pires foi por sua localidade, próxima à estação, a 40 minutos de São Paulo e a 100 minutos de Santos, o que facilitava o transporte de itens”, reitera Renan Soares (2023, p.1). O filho do casal, Paulo Soichi Nogami, ainda residente da cidade de Ribeirão Pires, produziu um livro intitulado *Uma Família de Pioneiros e*

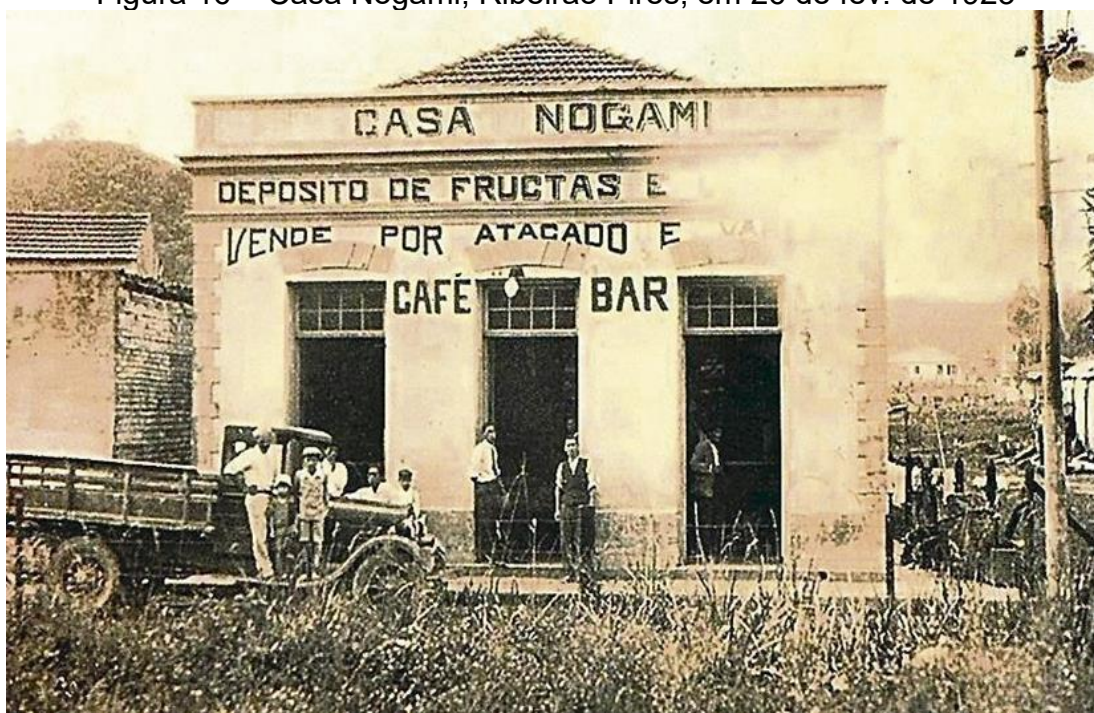
---

<sup>16</sup> Disponível em: <https://revistacafeicultura.com.br/japoneses-criaram-o-cinturao-verde-em-sao-paulo-centenario-da-imigracao/>. Acesso em: 6 fev. 2025.

<sup>17</sup> 100 anos Casal Nogami. *Diário do Grande ABC*, Santo André, 2023, p1. Disponível em: <https://www.dgabc.com.br/Noticia/3988933/100-anos-do-casal-nogami>. Acesso em: 24 abr. 2025.

*Precursores*, onde narra toda a trajetória de seus pais, Yutaka e Toki, livro publicado em 2008, relatando, na página 42, que: “os terrenos onde existiam plantações antigas foram todas carpidas e lavradas com arados puxados por burros, a fim de receber novas culturas”. Complementa que “para o escoamento da produção além do comércio, Yutaka fez acordos com comerciantes estabelecidos no mercado municipal de Santos”.

Figura 16 – Casa Nogami, Ribeirão Pires, em 26 de fev. de 1923



Fonte: <https://www.dgabc.com.br/Mobile/Noticia/3988933/100-anos-do-casal-nogami>, Acesso em: 09 mar. 2024.

O casal de pioneiros, embora falecidos, recebeu homenagem em 16 de novembro de 2022, na Câmara Municipal da Estância Turística de Ribeirão Pires. A unidade de recreação livre, Casa do Origami, localizada no interior do Parque Municipal Milton Marinho de Moraes (Parque Oriental), foi denominada como “Casa Toki Kumabe Nogami”, em homenagem ao casal de pioneiros, já falecidos.

Figura 17 – Casa Nogami em Ribeirão Pires, em 1950



Fonte: Egle Guarniere Soares Baugis em Ribeirão Pires 16/03/2025

Outros bairros em Ribeirão Pires, como Ouro Fino e Quarta Divisão, receberam a presença dos japoneses. O bairro de Ouro Fino, situado a quarenta minutos do centro da cidade, é conhecido pelas terras férteis e se mantém no patamar do bairro ideal para o cultivo de flores. O bairro da Quarta Divisão, com condições climáticas adequadas ao cultivo de hortaliças e frutas, foi o preferido dos japoneses.

Normalmente, os imigrantes japoneses formavam colônias para se ajudarem mutuamente e colaborarem para o desenvolvimento sociopolítico e cultural da região onde fixaram moradia, estando entre os compatriotas, propiciando com isso não só a preservação das tradições bem como a prosperidade cultural.

As associações surgiram não apenas para manter o elo entre os que aqui estavam mas, também para abraçar os que aqui chegavam oferecendo moradia e condições de trabalho dentro da comunidade. Realimentar a identidade étnica e partilhar os mesmos costumes os fortalecia e, ao mesmo tempo, visava que esses imigrantes progredissem e participassem da sociedade brasileira.

O centro da cidade também recebeu imigrantes japoneses os quais se dedicaram ao comércio, pois a localização central facilitava acesso ao centro de São Paulo e seu desenvolvimento comercial e cultural.

### **3 ESTUDOS CULTURAIS, MEMÓRIA COLETIVA E TEMPO PRESENTE**

Os estudos culturais contribuem para entender as dinâmicas culturais presentes na sociedade, considerando as práticas e identidades que se constituem no cotidiano escolar. A interculturalidade surge como uma perspectiva essencial para promover o diálogo entre diferentes culturas, reconhecendo e valorizando a diversidade cultural presente nas escolas.

Nesse contexto, a educação intercultural propõe práticas pedagógicas que favorecem o respeito e a inclusão de saberes culturais diversos, contribuindo para a formação cidadã e para a construção de uma sociedade mais justa e plural. A memória coletiva transnacional, por sua vez, permite compreender como as experiências de imigração japonesa são transmitidas entre as gerações, influenciando as práticas culturais e educativas locais.

Esta fundamentação teórica busca relacionar esses conceitos para analisar como as escolas municipais da rede de ensino fundamental dos anos iniciais em Ribeirão Pires, que contemplam o Currículo Paulista, incorporam a interculturalidade e a memória da imigração japonesa em suas práticas pedagógicas, uma vez que seguem promovendo uma educação mais inclusiva e culturalmente sensível.

Os estudos culturais envolvem a investigação de um campo interdisciplinar dedicado à análise de práticas e manifestações diversas — como linguagem, arte, mídia, literatura, jogos e quadrinhos — e à forma como elas se expressam em distintos contextos históricos, políticos e sociais. Compreender como essas expressões culturais são utilizadas e consumidas pela sociedade é fundamental para entender suas dinâmicas e significados. Sendo assim, os estudos culturais trazem uma abordagem alternativa e inclusiva, de várias facetas, para investigar a complexa diversidade cultural, formando uma dinâmica de interação em vários âmbitos do conhecimento.

Ao tratar de cultura japonesa ou nipônica à luz dos estudos culturais, enxergamos essa diversidade entre nós, relacionada a: língua, gastronomia, artes, festivais, rituais como os das estações ou mesmo o ritual de ancestrais, valores comungados em família de geração a geração sobre, disciplina, respeito, senso de observação e a dedicação a qualquer estudo ou atividade aos quais se dedicam.

Em suma, observa-se a cultura popular. Dentro da pesquisa que se apresenta, os estudos culturais podem explorar as memórias e cultura japonesas, derivadas da imigração e fixação dos japoneses e seu desenvolvimento dentro do local escolhido como moradia. Nesse sentido, são aqui compreendidas como cultura popular, por corresponderem às culturas de um grupo social específico.

Importante ressaltar que o convívio e as relações dos imigrantes japoneses no Brasil, de forma interdisciplinar, envolve sua adaptação e como sua cultura consegue ser disseminada e integrada na cultura popular do país onde se estabeleceram. Como ressalta Burity (2002, p. 9), “a cultura ganha importância em realidade em que a forma como os atores se apresentam é parte construtiva da realidade que constroem e na qual atuam”, vemos que os atores japoneses mantêm viva sua hegemonia não pelas associações familiares, mas por manterem vivos os arquétipos que os representam.

### **3.1 Interculturalidade e educação intercultural**

A interculturalidade é a coexistência entre duas ou mais culturas. Como destaca Walsh (2001, p. 10), trata-se de “um intercâmbio que se constrói entre pessoas, conhecimentos, saberes e práticas culturalmente diferentes, buscando desenvolver um novo sentido na sua diferença”. Isso nos leva a compreender que o diálogo é a parte mais importante dessa interação, que nem sempre é pacífica, mas que o valor dessas culturas é reconhecido tanto nos meios educacionais quanto nos políticos.

As duas abordagens validam a relevância da cultura e das lembranças nipônicas em Ribeirão Pires. A educação cultural contém as informações acerca da cultura japonesa, crucial para a conversação intercultural. A interculturalidade intensifica o entendimento, incentivando a ponderação sobre as conexões entre culturas e a edificação de uma memória mais abrangente e comunicativa. Ramos (1947, p. 330-331) observa que, em relação aos japoneses, “o pouco que se sabia em geral versava sobre alguns aspectos culturais relacionados à religião e sobre aspectos físicos das pessoas de origem japonesa”. O estudo da interculturalidade não se limita à língua nativa de outro país, mas inclui também o conhecimento de sua ancestralidade, suas tradições e a forma como esses conhecimentos são transmitidos a outras comunidades.

Em 1953, o sociólogo e imigrante japonês Hiroshi Saito demonstrou preocupação com a interculturalidade e a assimilação da cultura brasileira pelos imigrantes japoneses, visando à adaptação ao novo país, ao publicar seu livro

*Assimilação e Integração dos Japoneses no Brasil*, junto com Takashi Maeyama. Segundo Cotrim (2020, p.35),

O indivíduo que passou pelo processo de assimilação teria marcas das culturas com as quais teve contato intenso, mesmo que a cultura hegemônica estivesse mais presente no seu dia-a-dia, criando, assim, uma nova cultura. Este processo aconteceria de formas distintas entre as diferentes gerações de imigrantes, pois para a população mais nova ele seria menos difícil, visto que ela teria menos contato com a sua cultura de origem e menos traços a serem abandonados.

Estudos de comunidades japonesas, estudos de caso e estudos ecológicos dos imigrantes, ao trazer à luz a cultura dos imigrantes japoneses no Brasil, trazem junto a vivência dessas comunidades pelo país, sem contar que os estudos com base nas histórias de vida revelam elementos de sobrevivência e adaptação em um país estranho.

Ao longo dos anos, os estudiosos e pesquisadores foram criando maneiras de recontar os saberes de uma nação. Para Freire (1996, p. 30), é na experiência educativa que “educandos, educadoras e educadores, juntos, ‘convivam’ de tal maneira com este como com outros saberes de que falarei que eles vão virando sabedoria”.

Segundo *Agência Gov* de 03/05/2024, cerca de 2,7 milhões de descendentes de japoneses vivem no Brasil, constituindo a maior comunidade nipo-brasileira fora do Japão, enquanto o Japão abriga a quinta maior comunidade brasileira no exterior, com mais de 210 mil residentes brasileiros.<sup>18</sup>

Trata-se aqui também de compreender a convivência como os “diferentes”, as transformações sociais que a presença de imigrantes ocasiona, pois essa presença significa também que os saberes dos imigrantes colaboram em diversos setores do profissional, setor de conhecimento bem como ajudam um país a se moderniza, criar produtos diferenciados, criar renda e arrecadações.

Na concepção de Willems (1940, p. 7), “os seres humanos são produtos de interações sociais, sendo capazes de aprender novos hábitos e comportamento” e, ao observarmos o meio ambiente, sabemos que uns contribuem com o aprendizado dos outros. As práticas da interculturalidade fazem reconhecer o dinamismo e a interação dessas diferentes culturas fazendo com que a comunhão, ao invés da imposição de umas sobre as outras, proporcione um ambiente onde os grupos culturais tenham foco

---

<sup>18</sup> Disponível em: <https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202405/comunicado-conjunto-sobre-o-fortalecimento-da-parceria-estrategica-e-global-brasil-japao>. Acesso em: 14 mar. 2025.

no aprendizado de novas línguas e tradições, tornando qualquer sociedade rica em conhecimento.

Para os imigrantes japoneses foi imprescindível unir-se para sobreviver, não só a uma nova cultura, nova língua e afazeres diversos num país mais diverso ainda como o Brasil. A união dos imigrantes também envolveu a necessidade de manter suas tradições para que, no futuro, seus descendentes pudessem se apoderar de sua história, bem como manter seus valores de vida (incluem-se aqui: disciplina, honra, liberdade, tradição aos seus ancestrais e respeito não só a si como aos mais idosos).

Surgem assim os primeiros grupos de vizinhos japoneses que se unem para manter as tradições e amenizar a saudade do país de origem e dos familiares que lá ficaram. Com o passar dos anos e a interação com os brasileiros, esses grupos sentiram a necessidade de uma organização maior, as quais se transformaram em sociedades e que – através do trabalho em lavouras de café e algodão e posteriormente em seus próprios sítios e comércios – foram se organizando e proporcionando ao seu entorno um maior contato com sua cultura e tradições.

A associação nipo-brasileira, fundada em Ribeirão Pires no ano de 1945, reuniu, de início, somente sócios japoneses, que foram interagindo com os munícipes brasileiros, até porque os descendentes coabitavam terras brasileiras, já adquirindo seus hábitos, mesclando os idiomas e tanto assimilaram a cultura brasileira como os brasileiros tomaram conhecimento de artes marciais e da gastronomia.

Diferentes etnias coabitam e assimilam as características do meio sem perder as suas próprias; sempre haverá um espaço homogêneo onde as culturas irão trocar entre si, experiências e vivências e até mesmo aquilo que não é aceito por cada um em prol de uma convivência rica em aprendizado, na visão de Bourdieu (1996, p. 143) “as reconversões através das quais somos levados a novos gêneros, a novas disciplinas, a novos objetos etc. são vividas como conversões”. Para esse sociólogo francês, o importante das comunidades de etnias diversas (como nesta pesquisa trata-se da etnia japonesa) são as formas oferecidas para a adaptação dos membros, seja em instituições de ensino, locais de trabalho, seja a forma como são recebidos em suas comunidades e conduzidos à integração com os brasileiros, o significa que “aprender uma língua além do nosso idioma materno, [é] penetrar na sintaxe é abrir uma segunda janela para a paisagem da existência” (Steiner, 1990, p. 85).

As associações nipo-brasileiras apontaram que o estereótipo de um povo reservado, fechado em sua própria história e cultura, convivendo somente com seus

iguais, não fazia sentido. As interações sociais promovidas pela Associação Nipo-Brasileira, possibilitaram as relações interculturais e tornaram-se convites a uma convivência para trocas de experiências.

A interculturalidade adquire mais e mais importância e presença no campo educacional, uma vez que a educação intercultural procura conhecer a práxis de diversos coletivos, assimilando as práticas culturais dos mesmos. A perspectiva da interculturalidade busca romper com as noções de colonialidade, sobretudo aquelas pautadas na educação eurocêntrica, como

[...] uma específica racionalidade ou perspectiva de conhecimento que torna mundialmente hegemônica, colonizando e sobrepondo-se a todas as demais pessoas e diferenças e seus respectivos saberes concretos tanto na Europa como no resto do mundo (Quijano, 2005, p. 239).

No Brasil, foram os movimentos sociais que começaram a balançar os alicerces eurocêntricos, pois o respeito à diversidade vem de árduas batalhas, mas vem conseguindo seu espaço e “e se posicionando como referencial nas práticas educativas”. Para Oliveira (2015, p. 71),

Nas práticas de educação intercultural consideram-se a) a diversidade de sujeitos e de culturas – como referencial das práticas educativas; b) a relação entre os saberes – o uso de diversas formas de representações, presentes na práxis cotidiana social, expressas nas narrativas orais e escritas e nos discursos dos diferentes campos específicos do conhecimento; c) a relação dialógica e solidária entre os sujeitos – o estabelecimento de relações intersubjetivas solidárias e dialógicas, possibilitando o respeito à diversidade de sujeitos e grupos e sujeitos sociais.

Na presente pesquisa, abordando a memória e a cultura japonesas, encontramos a interculturalidade ao propor que os estudantes conheçam e interajam com a cultura e a memória japonesas nas escolas da rede de ensino fundamental. Na visão de Silva e Nóbrega (2022, p. 205), aprendemos que: “A proposição do eixo Dimensão Intercultural na BNCC nasce da compreensão de que as culturas, especialmente na sociedade contemporânea, estão em contínuo processo de interação e (re)construção”.

A proposta desta pesquisa é justamente levar para dentro da sala de aula, cultura e memória japonesas, para que os estudantes munícipes tenham acesso aos valores, princípios e sistema de vida dos imigrantes japoneses, visto a presença marcante desse grupo cultural na cidade, conforme demonstrado anteriormente pelos símbolos culturais japoneses espalhados na cidade, além de valores como a valorização da família, sempre centrados na simplicidade e na beleza das artes, o respeito pela natureza, os esportes e a consciência da disciplina e respeito não só

pelo oponente, mas também por si mesmo, as amizades, a religiosidade.

Compreende-se que os professores são agentes sociais importantíssimos pois irão influenciar os estudantes durante o período escolar de formação e para isso os professores precisam ampliar a visão além da postura acadêmica, ao lidar com diferentes coletivos no mesmo ambiente. Faz-se necessário um ambiente de adaptação e desenvolvimento contínuo que proporcione ponderação e práticas pedagógicas que os auxiliem nas mais diversas conjunturas culturais.

É necessário haver a prática, no contexto escolar, da familiarização com a pluralidade étnico-racial, pois o diálogo intercultural traz a compreensão de que cada país conta com a cultura inerente a si, além de lembrar que as imigrações que sempre existiram traduzem e abrigam grupos socioculturais os mais diversos, daí a necessidade de atualização, não só das normas escolares, mas, principalmente, do professor que está à frente desses diversos grupos em sala de aula.

Assim, o convívio com identidades diversas emancipa os indivíduos a conviver e criar uma sociedade mais progressista e liberta de preconceitos, hostilidades ao que é diferente, sem censura ou condenação para quem traz em sua bagagem cultura e tradição dessemelhante.

Segundo Nóvoa (2007, p. 10), “todo movimento em torno da educação gera dilemas. O que é mais importante para o universo educacional, uma escola que prioriza o aluno ou uma escola que dá mais importância para a aprendizagem?”

Ainda para Nóvoa (2007) é o “transbordamento” de missões em que os professores foram alocados: missões socioeconômicas junto aos alunos, além de se responsabilizar também por assuntos psicológicos, emocionais e afetivos. O professor trafega de forma exaustiva entre a aprendizagem do aluno e toda e qualquer problemática, mantendo-se atualizado no contexto da escola e de seu próprio conhecimento.

A aprendizagem engloba o que o aluno traz consigo, ou seja, identidades pessoais, étnico-raciais ou gênero, sua cultura, interações sociais com comunidades, a interação ou não com redes sociais, com amigos e família. Isso implica sair dos padrões antigos e tradicionais de ensino e modernizar os conceitos e práticas, pois atualmente temos inovações tecnológicas e pesquisas abrindo conhecimento para novos patamares, novas posturas, transformações sociais que tratam da inclusão, diversidade, interculturalidade, obrigando o poder público a criar políticas públicas que desenvolvam novas diretrizes àqueles considerados “diferentes”.

Rituais escolares não envolvem somente a aula e seu espaço restrito à sala de aula, cabe aí trazer também aspectos simples, mas importantes, que possuem significado histórico e emocional, traduzido em memórias coletivas que agregam identidades, valores e tradições as quais serão transmitidas e compartilhadas por uma comunidade de geração a geração.

A evolução das escolas está permitindo que a aprendizagem interaja com a comunidade, por meio das experiências próprias e das experiências no ambiente escolar, entre alunos e professores, nas atividades escolares.

[...] memória comunicativa relacionada à transmissão difusa de lembranças do cotidiano através da oralidade; e memória cultural, lembranças objetivadas e institucionalizadas que podem ser armazenadas, repassadas e reincorporadas ao longo das gerações (Assmann, 2016, p. 118).

A integração com o meio social enriquecerá o aprendizado fora das salas de aula e dentro desse processo educativo vai direcionar os estudantes para aprenderem sobre outras etnias. Segundo Lima e Capitão (2003, p. 57), “essa linguagem dialógica traz a preparação do indivíduo para a sociedade do conhecimento e para (o saber conhecer, saber fazer, saber viver em comum e saber ser) ao longo da vida, no decurso da qual assumirão atividades profissionais diversas”.

### **3.2 Memória coletiva**

As características da memória coletiva e as práticas culturais imateriais estão profundamente conectadas. Ambas dizem respeito à forma como grupos sociais compartilham, preservam e transmitem saberes, valores, significados e identidades ao longo do tempo.

A memória coletiva é a lembrança compartilhada por um grupo (família, comunidade, povo, nação etc.) sobre eventos, tradições e experiências que moldam sua identidade, reforça o sentimento de pertencimento a um grupo. Nem tudo é lembrado, apenas aquilo que tem valor simbólico ou afetivo para o grupo, passado de geração em geração, muitas vezes oralmente ou por meio de rituais e práticas culturais.

Por sua vez, segundo Goulart, Perazzo e Lemos (2005, p. 156),

A memória não é um fenômeno de interiorização individual, mas sim uma construção social e um fenômeno coletivo, dessa forma é modelada pelos próprios grupos sociais, [...] a memória não é o passado, mas a rememoração desse passado feita no presente de um indivíduo e determinada pelas condições presentes do momento.

Dentre as práticas culturais imateriais que são manifestações culturais que não

se expressam em objetos físicos, mas em saberes, fazeres e celebrações, destacam-se as festas populares, as tradições orais onde inclui-se histórias, mitos e lendas. Também podemos citar os rituais religiosos, o artesanato, a culinária tradicional (como modos de fazer) e também a música, a dança e o teatro popular.

Nesse contexto podemos compreender por que a prática cultural imaterial é um suporte da memória coletiva, pois, quando uma comunidade celebra um festival tradicional, ela está revivendo e reforçando uma memória compartilhada, transmitida por gerações. Considerando que é natural as pessoas viverem em coletividade e se estruturarem em sociedade, estabelecendo vínculos de convivência, afinidades e recordações compartilhadas, o fortalecimento de uma identidade comum e de uma memória coletiva se esclarece pelas palavras de Halbwachs (1990, p.9):

A memória individual existe, mas ela está enraizada dentro dos quadros diversos que a simultaneidade ou a contingência reaproxima momentaneamente. A rememoração pessoal situa-se na encruzilhada das malhas de solidariedades múltiplas dentro das quais estamos engajados. Nada escapa à trama sincrônica da existência social atual, e é da combinação destes diversos elementos que pode emergir esta forma que chamamos de lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem.

As práticas culturais de origem japonesa em escolas ou comunidades, a memória coletiva da imigração, as tradições e as histórias familiares influenciam diretamente a manutenção dessas práticas imateriais — como a língua, as festividades, a culinária e os rituais.

As práticas culturais imateriais e a memória coletiva estabelecem uma relação no processo de formação identitária e de valorização da diversidade cultural dentro dos espaços educativos. Tais características encontram eco direto nas práticas culturais imateriais, que envolvem saberes, rituais, celebrações, ofícios e tradições orais, transmitidos entre gerações e constantemente ressignificados no tempo.

Nesse sentido, práticas como o Tanabata Matsuri, o tradicional festival japonês que celebra uma linda lenda romântica, podem ser vivenciadas em eventos, de uma forma única e especial. As pessoas podem escrever seus pedidos em pequenas tiras de papel, chamados tanzakus e pendurá-los em ramos de bambu. Esse evento é celebrado em algumas escolas e comunidades nipo-brasileiras no estado de São Paulo, e pode ser compreendido como manifestações da memória coletiva da imigração japonesa.

Essas práticas não apenas evocam o passado, mas atualizam a identidade do grupo no presente, contribuindo para o sentimento de pertencimento e continuidade

cultural. Tais características encontram eco direto nas práticas culturais imateriais, que envolvem saberes, rituais, celebrações, ofícios e tradições orais, transmitidos entre gerações e constantemente ressignificados no tempo.

Estamos a discorrer sobre um processo de migração transnacional, no qual os japoneses, mesmo com a mudança de país, procuraram não só manter suas tradições como um processo de conforto pelo distanciamento do país de origem, mas, também, porque precisavam estar abertos a novas concepções culturais, não só as brasileiras como às outras etnias que também buscavam melhores condições de vida no país de destino. Para uma compreensão mais apurada sobre os imigrantes transnacionais, observamos o que escreve Covarrubias, Perazzo e Uribe (2021, p. 69):

[...] – sobre processo migratório transnacional “O migrante é uma pessoa que precisa se deslocar do seu local de origem por uma série de motivos[...] a vida cotidiana do migrante em constante movimento físico e simbólico de um lugar para outro [...]” isso é transnacional.

De forma inquestionável temos, na migração transnacional, uma enigmática trama de diferentes dinâmicas do ponto de vista do indivíduo que está em constante movimento e evolução, sem negar ou esquecer sua origem e cultura.

Para Covarrubias, Perazzo e Uribe (2021, p. 69, tradução livre), “a relevância de redes de relacionamento além do espaço geográfico e a importância de se preservar essas forrações, esse entrelaçado de culturas e vivências” são fatores essenciais para que imigrantes possam se estabelecer em novos lugares.

Esse amplo legado cultural atualmente se materializa nas atividades das organizações que se chamam *kaikans*, que são pequenos clubes de bairro ou cidades onde se encontram colônias japonesas. Assim, foi se dando a presença cultural destes povos na região. Essas associações (*kaikans*) promovem atividades culturais como festivais de culinária japonesa, gincanas tradicionais como a *Undokai*, atividades artesanais como a *Ikebana*, ou musicais como os *karaoke*s ou *taikos*, entre outras.

Na reflexão de Halbwachs (2004, p.38-39):

Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que é só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade.

Por outro lado, a memória coletiva material pode ser compreendida como o conjunto de elementos físicos — como objetos, espaços, monumentos, registros históricos, vestimentas, artefatos culturais, entre outros — que carregam e

representam as experiências, vivências e identidades de um grupo social. Ela se manifesta como uma extensão da cultura e da identidade coletiva, perpetuando saberes, narrativas e tradições.

Ao explorar a história e a cultura japonesas presentes na comunidade escolar, os professores podem lançar mão de elementos materiais — como instrumentos musicais, trajes típicos, objetos ritualísticos, fotografias de festas tradicionais, documentos históricos ou até mesmo comidas típicas — para promover experiências educativas mais significativas. Isso permite aos alunos não apenas aprender sobre outras culturas de forma abstrata, mas vivenciar e sentir essas diferenças através de elementos concretos, promovendo empatia, respeito e pertencimento.

Dessa forma, a memória coletiva material atua como suporte para o desenvolvimento das competências interculturais mencionadas no Currículo Paulista, tais como a sociabilização, o desenvolvimento de habilidades através da arte, da dança, do esporte e da história, permitindo a criação de pontes entre as culturas.

Ela fortalece o papel da escola como espaço de preservação e valorização da diversidade, indo além do currículo tradicional e incorporando novas práticas pedagógicas que ressignificam a identidade e a história de cada grupo representado.

É imprescindível estar atento ao que acontece ao redor do mundo, acolher novos saberes e diferentes formas de expressão, a fim de alcançar sabedoria na arte de viver. Inserir conteúdos em contextos educacionais que promovam uma aprendizagem interativa relacionada a outra cultura — como a cultura japonesa — pode contribuir com práticas pedagógicas que incentivem os estudantes a se abrirem para novas formas de convivência social.

Dessa maneira, o envolvimento dos estudantes em atividades nas distintas comunidades locais possibilita o contato com múltiplas realidades sociais, favorecendo a compreensão e a internalização de culturas diversas.

### **3.3 História do tempo presente**

Quando identificamos a trajetória da imigração e da cultura japonesas, nota-se uma grande necessidade de manter um elo com o passado e o presente, promovendo um futuro na qual tenham contato com o maior número de fatos, fotos e testemunhos possíveis.

A valorização, o respeito e o reconhecimento da história do tempo presente trazem para as comunidades o compartilhamento de suas tradições, promovendo

equidade no seu local de moradia. Relembrando o início dos estudos do tempo presente, sua história remonta do início do século XX após a Segunda Guerra Mundial, em países como a Alemanha e a França.

No Brasil, acontecimentos importantes fizeram com que a estrutura arcaica de informações entrasse em uma nova era. Assinada pela presidenta Dilma Rousseff em 18 de novembro de 2011, o primeiro acontecimento foi a Lei que criou a Comissão Nacional da Verdade e também a Lei de Acesso a Informações, contida na Constituição Federal de 1988.

O acesso a fontes proibidas anteriormente, traria clareza, por exemplo, à história da ditadura, sua atuação, estrutura e permanência na história brasileira. Para Ferreira (2018, p. 80), “após a saída do regime militar um número crescente de pesquisas foi criado, em universidades ou instituições voltadas para a preservação da memória”.

Para Santos (1999, p. 15), “a aceleração do mundo atual, o avanço tecnológico, a globalização, modificaram as relações sociais, políticas, culturais e econômicas”. Precisa-se da preservação e da reconstrução da memória bem como da compreensão do passado para que o tempo presente contenha mais do que lugares e tempos. O tempo presente contém experiências passadas de pessoas e seus sentimentos que, por meio da oralidade, nos conectam a um passado, mantendo-se assim a identidade cultural.

Nesse aspecto, o ensino da disciplina de história na rede básica de ensino fundamental é extremamente importante, não só por manter viva a história e a cultura de nosso país como também por trazer para os estudantes um mergulho na história de outros países e pontuar suas tradições, seus idiomas e patrimônio histórico.

Geralmente, a história da própria cidade ou local não é contada em livros didáticos, quanto a isso Candoti (2013, p. 288) nos elucida que “ao relacionar aspectos do passado ainda presentes nos espaços de convívio temos a identificação e a valorização identitária dos alunos”.

Nos anos de 1950-1980, o fluxo de japoneses para o Brasil diminuiu muito, mas os que já estavam no Brasil cresceram principalmente na agricultura e, posteriormente, em comércios. Ao tratar do tempo presente da imigração japonesa, é prudente focar na conexão e na intersecção da comunidade nipônica para com os brasileiros da região em que vivem, observar o comportamento de suas gerações, descendentes, dentro e fora de suas comunidades e o desafio de manter sua

identidade cultural.

Em 1945, os imigrantes que já tinham se estabelecido na cidade de Ribeirão Pires foram migrando do interior de São Paulo, cidades do Paraná e Mato Grosso do Sul, cidade de Santos e fundaram a Associação Nipo-Brasileira – Bunkyo - Ribeirão Pires. Já havia por parte desses imigrantes a intenção de manter suas tradições, não só unindo as famílias japonesas que chegavam em Ribeirão Pires. Pollak (1989, *apud* Perazzo, 2015) diz que “o que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo”.

## **4 NOS CAMINHOS DE RIBEIRÃO PIRES, O ENCONTRO COM OS MÉTODOS DA PESQUISA**

Esta é uma pesquisa qualitativa, de metodologia narrativa e histórica, com coleta de dados documental, historiográfica, iconográfica e com entrevistas semiestruturadas com professoras do 5º ano de uma escola da rede pública estadual de Ribeirão Pires.

A abordagem qualitativa envolve o estudo das relações humanas do grupo de descendentes imigrantes japoneses na cidade de Ribeirão Pires. Segundo Severino (2016, p.125), “a pesquisa qualitativa corresponde ao aprofundamento do conhecimento para interpretar, mediante análise de conteúdo, o contexto do objeto que está sendo pesquisado”.

É uma pesquisa de natureza aplicada por gerar conhecimento para intervir junto aos professores das redes de escolas de ensino fundamental, a fim de “resolver problemas identificados no âmbito das sociedades em que os pesquisadores vivem” (Gil, 2016, p. 27). Assim, na pesquisa de campo priorizamos o aspecto narrativo, a partir de entrevistas semiestruturadas com quatro professoras de uma escola estadual de Ribeirão Pires, que lecionam no Ensino Fundamental, anos iniciais.

### **4.1 Narrativas de professoras**

A pesquisa narrativa em processos formativos, como o próprio nome sugere, utiliza a narrativa como ferramenta essencial. Por meio dela, torna-se possível explorar profundamente as experiências, vivências e trajetórias dos docentes em formação no contexto educacional. Esse processo permite que se promovam reflexões críticas, ao trazer à tona as próprias experiências dos participantes. Assim, emergem aprendizados, além de uma compreensão ampliada de fenômenos complexos e suas inter-relações. Segundo Moura e Gonçalves (2021, p. 361), “pela narrativa, a voz dos participantes ganha destaque, gerando diálogos significativos entre teoria e prática”.

Os diálogos educacionais desempenham um papel crucial, pois incentivam a reflexão, facilitam a construção de significados compartilhados e promovem a geração de novos conhecimentos. Esse compartilhamento de saberes e vivências constrói um conhecimento colaborativo que enriquece as práticas pedagógicas, tornando-as mais

dinâmicas. Na concepção de Moura e Gonçalves (2021, p. 362), “a pesquisa narrativa oferece aos participantes a oportunidade de refletir sobre suas experiências, desenvolver novas perspectivas e fortalecer o senso de comunidade”.

A pesquisa narrativa em educação se destaca como um método que alia rigor científico à análise contextualizada dos fenômenos educacionais. Essa abordagem fundamenta-se na necessidade de articular uma proposta de investigação que não apenas compreenda a complexidade do objeto de estudo, mas também assegure a legitimidade de seus resultados por meio de parâmetros metodológicos específicos. De acordo com Vilela, Borrego e Azevedo (2022, p. 76):

No sentido de se pensar numa proposta de investigação científica, e no fenômeno que é seu objeto de estudo, é que a pesquisa narrativa em educação passa a ser desenvolvida seguindo parâmetros específicos tanto de atuação científica como para a legitimidade dos seus resultados.

A narrativa se torna uma ferramenta essencial para explorar experiências e processos educativos, permitindo uma análise aprofundada e significativa do fenômeno investigado. Como nos esclarece Severino (2016, p.134), “história de vida é uma coleta de informações da vida pessoal de um ou vários informantes. Pode assumir formas variadas: autobiografia, memórias, crônicas, em que se possa expressar as trajetórias pessoais dos sujeitos”. Essa abordagem permite a utilização de diferentes formas narrativas, por meio das quais os informantes, ou colaboradores da pesquisa, relatam aspectos significativos de suas experiências de vida.

A pesquisa narrativa emprega a narrativa como instrumento central para investigar detalhadamente as experiências, vivências e trajetórias de estudantes e professores e, no âmbito educacional, torna-se possível o entendimento das experiências dos participantes. Mesmo tendo optado pelo instrumento da entrevista semiestruturada, foi possível gerar registros narrativos de experiências dessas quatro professoras sobre o que lhes foi perguntado.

O lócus desta pesquisa se deu na Escola Estadual de Ensino Fundamental Prof. Antônio de Pádua Paschoal de Godoy, ligada à Diretoria de Ensino de Mauá, no Bairro: Somma, no Município: Ribeirão Pires. Foram feitas quatro entrevistas semiestruturadas com professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental, de uma escola estadual de Ribeirão Pires, a fim de conversar com elas sobre como são tratados conteúdos referentes à cultura japonesa na cidade em suas aulas no 5º ano do Ensino Fundamental.

Entre abril e junho de 2025, a escola contava com 34 professores e possuía

418 alunos, atendendo do 1º ano ao 5º ano (anos iniciais - Fundamental I) e do 6º ano ao 9º ano (anos finais- Fundamental II)<sup>19</sup>. Como infraestrutura contém: 9 salas de aulas, 01 laboratório de informática, 01 sala de atividades, 01 sala de leitura, lousas funcionais, projetor multimídia, banda larga, oferece internet aos alunos e professores, possui também aparelhos de dvd, aparelhos de som, aparelhos de televisão, computadores portáteis, impressoras multifuncionais, espaço com acessibilidade, quadra coberta.

O diretor no período da pesquisa (abril-junho de 2025) era Paulo Libarino dos Santos, com 32 anos de docência, graduação em Letras e Pedagogia, com pós-graduação em Pedagogia Hospitalar. Há 5 anos como diretor da Escola Antônio de Pádua Paschoal de Godoy, contou que a escola foi fundada em 1992, após vários abaixo-assinados, por ser um bairro carente, e foi inaugurada pelo governo estadual Luiz Antônio de Fleury Filho. Hoje o bairro continua carente, mas em melhores condições que em épocas anteriores. A Escola atende vários bairros de Ribeirão Pires e os estudantes foram caracterizados pelo Diretor como sendo tranquilos, carinhosos, respeitosos, não havendo problemas graves como violência ou drogas.<sup>20</sup>

#### 4.1.1 Professoras entrevistadas

As entrevistas com as quatro professoras foram feitas num intervalo de quinze dias entre elas, entre 30/04/2025 e 14/05/2025. Antes de tratar diretamente com as professoras, abordei o diretor da escola com um documento de solicitação de apoio à esta pesquisa, o que imediatamente foi atendido. Paulo Libarino dos Santos, diretor da escola, foi quem indicou as professoras que poderiam ser entrevistadas, dizendo quem delas poderia ter a conversa sobre o conteúdo relacionado ao ensino de memória e cultura japonesas para as turmas de 5º ano. Em seguida, o diretor me apresentou às professoras e permitiu que as entrevistas fossem realizadas dentro da escola, no horário de intervalo, tendo entre 20 e 30 minutos de conversa com cada uma delas, individualmente.

O perfil das professoras entrevistadas para esta pesquisa é apresentado a seguir. Mesmo tendo autorização delas para a divulgação de suas identidades,

---

<sup>19</sup> Disponível em: <https://transparencia.educacao.sp.gov.br/Home/DetalhesEscola?codesc=921117>. Acesso em: 23 maio 2025.

<sup>20</sup> Entrevista de Prof. Paulo Libarino dos Santos, diretor da Escola Estadual de Ensino Fundamental Antônio de Pádua Paschoal de Godoy, para Rosicler Maria do Nascimento. Ribeirão Pires, em 30/05/2025. Acervo: Rosicler Nascimento.

optamos por não colocar seus nomes completos, identificando-as por nomes escolhidos especificamente para esta pesquisa. Elas lecionam para turmas de 5º ano do Ensino Fundamental, da Escola Estadual de Ensino Fundamental Antônio de Pádua Paschoal de Godoy.

- Professora Alaíde - 55 anos, é formada em Pedagogia e Matemática, pós-graduada em Neuropsicopedagogia. Mora na cidade de Ribeirão Pires, leciona há 20 anos, sendo que há dois anos está nas turmas de 5ºs anos, do Ensino Fundamental, na Escola Estadual Antônio de Pádua Paschoal de Godoy e atualmente também está como Coordenadora Pedagógica na mesma escola.
- Professora Lucilaine - tem 51 anos de idade, mora em Ribeirão Pires, leciona há 33 anos e é graduada em Pedagogia. Fez especialização em Análise do Comportamento Aplicada (ABA), que é uma abordagem científica voltada para estudo e modificação de comportamentos, sendo amplamente utilizada em diferentes contextos, especialmente na educação e no acompanhamento de crianças com transtornos do espectro autista. Atua com os 5ºs anos do Ensino Fundamental há 13 anos na Escola Estadual Antônio de Pádua Paschoal de Godoy.
- Professora Mara - tem 47 anos de idade, leciona no Estado há dois anos e nestes está com os 5ºs anos do Ensino Fundamental na Escola Estadual Antônio de Pádua Paschoal de Godoy. Moradora de Ribeirão Pires, é formada em Pedagogia, pós-graduada em Análise do Comportamento Aplicada (ABA).
- Professora Rosa - tem 57 anos de idade, mora em Ribeirão Pires, é graduada em Pedagogia e Psicologia, leciona há vinte e sete anos e está na Escola Estadual Antônio de Pádua Paschoal de Godoy há dois anos com os 5ºs anos do Ensino Fundamental.

#### 4.1.2 Roteiro das entrevistas semiestruturadas

As entrevistas semiestruturadas tiveram como objetivo investigar as práticas pedagógicas das professoras no que se refere ao ensino da cultura japonesa, buscando compreender como esse conteúdo é abordado nas salas de aula da rede municipal de ensino. Segue o roteiro conduzido com as quatro professoras:

Utilizamos como instrumento a entrevista semiestruturada com quatro professoras que lecionam disciplinas de história e geografia ou disciplinas relacionadas. O contato com a Escola Estadual Antônio de Pádua Paschoal de Godoy foi muito produtivo, pois tanto por parte da Diretoria como por parte das professoras entrevistadas houve acolhimento e interesse em participar da pesquisa.

A preparação do roteiro de perguntas foi meticulosa, para que as professoras tivessem entendimento rápido e mantivessem o interesse. As entrevistas foram realizadas individualmente no ambiente escolar, com as professoras previamente informadas sobre o tema da pesquisa. Todas as entrevistas foram gravadas com a devida autorização para uso de imagem e voz, e posteriormente transcritas para possibilitar a análise do conteúdo.

Quadro 2 – Roteiro de Entrevista Semiestruturada com Professoras de Ensino Fundamental de Ribeirão Pires

<p><b>ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA</b></p> <p><b>1. Como a cultura japonesa é abordada em sua prática pedagógica nas aulas de História ou outras disciplinas?</b></p> <p><b>Sim.....</b></p>
<p><b>Caso a resposta seja afirmativa:</b></p> <p>2a. Você considera que os alunos têm interesse em aprender sobre a cultura japonesa?</p> <p>3b. Quais são os principais temas relacionados à cultura japonesa que você costuma explorar em sala de aula?</p> <p>4c. Conhece os monumentos e lugares de cultura japonesa na cidade?</p> <p>5d. Conhece o Bunkyo Kaikan - Associação Nipo-Brasileira na cidade?</p> <p>6e. Tem ou teve alunos de descendência japonesa nas suas salas de aulas ao longo dos seus anos de trabalho em Ribeirão Pires?</p> <p>7e. Você percebe algum tipo de resistência ou falta de interesse dos alunos em relação ao estudo da cultura japonesa?</p> <p>8e. A escola possui algum material didático ou recursos específicos (livros, vídeos, jogos, etc.) para abordar a cultura japonesa de forma mais aprofundada?</p> <p>9e. De que forma os conteúdos sobre a cultura japonesa são integrados com as outras culturas e tradições que fazem parte do currículo escolar?</p> <p>10f. Você já participou de alguma formação ou capacitação relacionada ao ensino de culturas estrangeiras, como a japonesa?</p> <p>11g. Quais são as atividades ou projetos pedagógicos que você já desenvolveu para trabalhar o tema da cultura japonesa com seus alunos?</p> <p>12h. Como a escola valoriza a diversidade cultural em geral?</p> <p>13i. Você acredita que é importante continuar ampliando o ensino sobre a cultura japonesa nas escolas? Quais seriam as possíveis melhorias ou propostas que você sugere para enriquecer esse tema no currículo?</p>
<p><b>ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA</b></p> <p><b>1. Como a cultura japonesa é abordada em sua prática pedagógica nas aulas de História ou outras disciplinas?</b></p> <p><b>Não.....</b></p> <p><b>Caso a resposta seja negativa:</b></p> <p>2a. Você considera interessante trabalhar o tema da imigração e cultura com seus alunos de 5.ano? Por que?</p> <p>2b. Você conhece a história da presença japonesa em Ribeirão Pires? Caso sim, o que conhece? Caso não, onde você acha que encontrará material para conhecer?</p>

3c. Você tem ou teve alunos de descendência japonesa nas suas salas de aula em Ribeirão Pires em algum momento da sua carreira?
4d. Você acha que tem algum tipo de resistência (gestão da escola, estudantes ou família) para tratar da presença japonesa nas suas aulas?
5e. Como você imagina que possa trabalhar esses conteúdos em sua aula? Que tipo de material você gostaria de ter para preparar suas aulas?

Fonte: Elaboração da pesquisadora

## 4.2 Pesquisa documental

Quando tratamos de interculturalidade e, no caso específico desta pesquisa, de relações entre cultura e memória japonesas no ensino fundamental, os elementos que configuram as memórias dos imigrantes japoneses, ao serem tratados com estudantes, pelo sistema educacional brasileiro, podem promover o respeito às diferentes etnias.

Ao apresentar elementos tradicionais da cultura japonesa, contribui-se para a redução de preconceitos. No contexto das relações interculturais, proporciona-se aos estudantes uma compreensão mais ampla de um mundo interconectado. Desde os anos iniciais do ensino fundamental, torna-se essencial não apenas apresentar a diversidade cultural existente, mas também estimular a construção da própria identidade e a valorização de suas origens.

Quadro 3 – Relação de fontes documentais

<b>Tipo de documento</b>	<b>Documento / Acervo</b>	<b>Local encontrado</b>
Fotografias	Álbuns de fotos do Bunkyo	Acervo Bunkyo
	Rosicler M. do Nascimento	Acervo pessoal
Documento oficial da associação	Ata Inicial da Associação	Acervo Bunkyo
Documento oficial da associação	Ata da Reunião da Associação	Acervo Bunkyo
Documento educacional	Currículo Paulista	<a href="https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/">https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/</a>
Documento educacional	BNCC	<a href="https://basenacionalcomum.mec.gov.br/">https://basenacionalcomum.mec.gov.br/</a>

Fonte: Elaboração da pesquisadora

## 5 INTERCULTURALIDADE NA PRÁTICA DOCENTE: NARRATIVAS DE PROFESSORAS SOBRE O ENSINO DA MEMÓRIA E CULTURA JAPONESAS NO ENSINO FUNDAMENTAL

### 5.1 Bases Curriculares do Ensino de História e Geografia para Fundamental, anos iniciais

A presente pesquisa busca compreender como a interculturalidade, a memória e a cultura japonesas são integradas nas práticas pedagógicas das escolas da rede de ensino fundamental dos anos iniciais no município de Ribeirão Pires. Para isso, fundamenta-se em diversos conceitos teóricos que se inter-relacionam para embasar a análise.

Para a compreensão da importância da Base Comum Nacional Curricular (BNCC) podemos refletir que:

[...] Na BNCC, e mesmo antes dela, com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o professor é considerado o mediador do conhecimento e o estudante é um ser ativo no seu processo de aprendizagem. Essa forma de aprender e ensinar contribui para a formação do estudante como protagonista. A aprendizagem de História é um exercício importante de humanização e socialização, pois nos coloca em contato com o outro por meio do conhecimento de outras experiências humanas, em lugares e épocas distintas (São Paulo, 2019, p. 339).

Para assegurar os direitos de aprendizagem previstos na BNCC, o Currículo Paulista incorporou as realidades sociais, econômicas, culturais e históricas dos municípios do estado. Fruto da colaboração entre educadores das redes municipal e estadual, o documento orienta a atuação docente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, reunindo saberes, métodos e vivências pedagógicas.

#### Quadro 4 – Objetivos do Currículo Paulista relacionados à BNCC

Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo.
Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica.
Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito.
Identificar interpretações que expressam visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Analisar e compreender o movimento de populações e mercadorias no tempo e no espaço e seus significados históricos, levando em conta o respeito e a solidariedade com as diferentes populações.
Compreender e problematizar os conceitos e procedimentos da produção historiográfica.
Produzir, avaliar e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação, posicionando-se de modo crítico, ético e responsável, compreendendo seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais.
Compreender a história e a cultura africana, afro-brasileira, imigrante e indígena, bem como suas contribuições para o desenvolvimento social, cultural, econômico, científico, tecnológico e político e tratar com equidade as diferentes culturas.
Compreender, identificar e respeitar as diversidades e os movimentos sociais, contribuindo para a formação de uma sociedade igualitária, empática, que preze pelos valores da convivência humana e que garanta direito (São Paulo, 2019, p. 343).

Fonte: Currículo Paulista / organização, Secretaria da Educação, Coordenadoria Pedagógica; União dos Dirigentes Municipais de Educação do Estado de São Paulo - UNDIME. São Paulo : SEDUC, 2019. Disponível em: [https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/wp-content/uploads/2023/02/Curriculo\\_Paulista-etapas-Educa%C3%A7%C3%A3o-Infantil-e-Ensino-Fundamental-ISBN.pdf](https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/wp-content/uploads/2023/02/Curriculo_Paulista-etapas-Educa%C3%A7%C3%A3o-Infantil-e-Ensino-Fundamental-ISBN.pdf)

A BNCC para a disciplina de História no 5º ano do Ensino Fundamental considera que “o saber histórico na sala de aula tem se caracterizado por um duplo movimento”. O primeiro movimento diz respeito à compreensão de “aspectos do presente por meio do passado”. O segundo “busca-se reelaborar a história a partir de novos questionamentos”. Esses dois movimentos visam a “construção das identidades dos diferentes grupos que constituem a sociedade”.<sup>21</sup> Desse modo, no que diz respeito às habilidades correspondentes aos propósitos desta pesquisa, encontramos na BNCC, para a disciplina de História:

- EF05HI10: "Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo."
- EF01H01: Reconhecer transformações sociais a partir do registro das lembranças particulares, da família ou da comunidade (as fases da vida e a ideia de temporalidade (passado, presente, futuro).
- EF01HI09: Identificar, respeitar e valorizar as diferenças entre as pessoas de sua convivência (os diferentes indivíduos: se identificar, para conhecer e respeitar as diferenças).
- EF03HI04B : Reconhecer a importância da preservação dos patrimônios históricos para conservar a identidade histórica do município (os patrimônios históricos e culturais da cidade e/ou do município em que

<sup>21</sup> Disponível em: [https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/wp-content/uploads/2023/02/Curriculo\\_Paulista-etapas-Educa%C3%A7%C3%A3o-Infantil-e-Ensino-Fundamental-ISBN.pdf](https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/wp-content/uploads/2023/02/Curriculo_Paulista-etapas-Educa%C3%A7%C3%A3o-Infantil-e-Ensino-Fundamental-ISBN.pdf). Acesso em: 17 abr. 2025.

vive).

- EF03HI05: identificar os marcos históricos do lugar em que vive e compreender seus significados (a produção dos marcos da memória – ruas, praças, escolas, monumentos, museus etc.).
- EF05HI04: Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos (cidadania, diversidade cultural e respeito às diferenças sociais, culturais e históricas).
- EF05HI10: "Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo."

No contexto da aprendizagem do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, em Geografia, no estado de São Paulo, é “importante, na faixa etária associada a essa fase do Ensino Fundamental, o desenvolvimento da capacidade de leitura por meio de fotos, desenhos” para que, “a partir dos lugares de vivência, os estudantes desenvolvam a percepção e o domínio do espaço, noções de pertencimento, localização, orientação e organização das experiências e vivências em diferentes locais”.<sup>22</sup>

Desse modo, no que diz respeito às habilidades correspondentes ao propósito desta pesquisa, encontramos para a disciplina de Geografia:

- EF01GE01 - Observar e descrever características de seus lugares de vivência a diversidade de indivíduos e de grupos sociais como indígenas, quilombolas, caiçaras e outros.
- EF02GE01 - Reconhecer e descrever a influência dos migrantes internos e externos que contribuíram para modificação, organização e/ou construção do espaço geográfico, no bairro ou comunidade em que vive.
- EF04GE01 - Identificar e selecionar, em seus lugares de vivência e em suas histórias familiares e/ou da comunidade, elementos de distintas culturas (indígenas, afro-brasileiras, de outras regiões do país, latino-americanas, europeias, asiáticas, entre outros), valorizando o que é próprio em cada uma

---

<sup>22</sup> Disponível em: [https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/wp-content/uploads/2023/02/Curriculo\\_Paulista-etapas-Educa%C3%A7%C3%A3o-Infantil-e-Ensino-Fundamental-ISBN.pdf](https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/wp-content/uploads/2023/02/Curriculo_Paulista-etapas-Educa%C3%A7%C3%A3o-Infantil-e-Ensino-Fundamental-ISBN.pdf) com acesso em 17/04/2025.

delas e sua contribuição para a formação da cultura local, regional ou brasileira.

Diante dessas bases curriculares, percebemos que integrar cultura e memória japonesas no contexto educacional pode ampliar o aprendizado dos estudantes, promovendo a valorização da diversidade cultural e o respeito às diferentes heranças que compõem a sociedade brasileira.

A comparação entre os dois documentos revela, que o Currículo Paulista dá um passo além da BNCC ao tornar mais visíveis e valorizados os temas relacionados à interculturalidade, à memória coletiva e à conexão com o território. Essa diferença se evidencia, por exemplo, na forma como o Currículo Paulista trata o tema sobre a constituição da sociedade brasileira (indígenas, quilombolas, imigrantes asiáticos, europeus) de maneira mais direta, concreta e contextualizada, reconhecendo sua importância na formação cultural do estado de São Paulo.

Dessa forma, o Currículo Paulista se destaca pela atenção às especificidades locais, incentivando práticas pedagógicas que dialogam com o cotidiano e a história dos territórios. Já a BNCC, por sua vez, permanece mais abrangente e generalista, oferecendo um guia nacional que depende de adaptações e aprofundamentos por parte das redes de ensino e das escolas. Essa combinação, contudo, pode ser altamente enriquecedora: enquanto a BNCC traça orientações gerais, o Currículo Paulista se aprofunda na vivência cotidiana, revelando as diversas expressões culturais que formam o cenário paulista — como a herança nipo-brasileira, que desempenha um papel fundamental na construção da identidade do estado.

## **5.2 Patrimônio cultural japonês em Ribeirão Pires como conteúdo de ensino**

A presença de elementos culturais japoneses, como o origami, reflete uma tentativa de promover a educação intercultural, ainda que haja escassez de recursos formais. Nesse contexto, observa-se a presença de um currículo multicultural, no qual alguns professores conseguem articular os conteúdos históricos com aspectos da cultura local, enquanto outros esbarram em limitações relacionadas à formação docente ou à ausência de materiais adequados.

A comunidade japonesa no Brasil possui amplo patrimônio cultural, tanto material quanto imaterial, que pode ser explorado em sala de aula para ensinar conceitos históricos e geográficos, além de fomentar a consciência sobre a importância da preservação cultural. Essa abordagem mais sensível e comprometida

com a diversidade regional contribui de forma significativa para a criação de projetos interdisciplinares vivos, significativos e próximos da realidade dos estudantes.

Em cidades como Ribeirão Pires, onde há uma expressiva presença da cultura japonesa, essa proposta ganha ainda mais força, pois abre espaço para que os estudantes se reconheçam, se conectem com seu local de moradia e compreendam o valor das múltiplas identidades que formam sua comunidade.

A comunidade cultural nipônica tem sido preservada e celebrada por vários eventos e monumentos, como o Parque Oriental, inaugurado recentemente, que abriga o Jardim Japonês e o Centro de Exposições e História do município.

Pela pesquisa documental e de campo, pudemos elencar diversos lugares na cidade que foram construídos a partir da memória e cultura japonesas, promovendo um patrimônio cultural que compõe a paisagem da cidade, não apenas para a comunidade nipo-brasileira, mas para toda a população de Ribeirão Pires. Segundo Gonçalves (2012, p. 59-60), “qualquer espaço da cidade, qualquer atividade, qualquer lugar, qualquer objeto pode ser, de uma hora para outra, identificado e reivindicado como ‘patrimônio’ por um ou mais grupos sociais”.

Desse modo, podemos ver os espaços de cultura japonesa em Ribeirão Pires como expressões de um patrimônio local que se estende para além da comunidade nipo-brasileira. Por serem locais e monumentos acessíveis à população em geral, podemos considerar que estudantes em geral podem conviver nesses locais.

Assim, apresentamos alguns deles:

Figura 18 – Torre de Miroku em Ribeirão Pires



A Torre de Miroku (Figura 18), situada em Ribeirão Pires, é considerada a maior torre de estilo japonês no Brasil, com 32 metros de altura. Sua construção foi idealizada no início do ano 2000, por Minoru Nakahashi, tendo sido sua parte principal concluída em 21 de junho de 2014 (Templo Luz do Oriente, [2019]). Foi inspirada no templo Horyu, “o Templo Horyuji que fica na cidade de Ikaruga (província de Nara) foi a primeira edificação japonesa, junto com o castelo de Himeji, a ser tombada pela Unesco, órgão das Nações Unidas, como Patrimônio Cultural da Humanidade, em 1993”<sup>23</sup>.

No seu interior encontra-se a imagem de Hinode Kannon esculpida em madeira e folheada a ouro, com estatura de 5,67 metros, totalizando 8 metros junto com sua base. Kannon é uma divindade existente na cultura de povos da Índia, do Tibete e da China, representada tanto no masculino quanto no feminino (Hinode e Meshiya são manifestações da mesma divindade) e, quando observa todas as leis regentes do Universo, salva livremente os povos. A Torre de Miroku está edificada no Parque Oriental, onde também podemos ter acesso à história da colônia nipônica desde a sua chegada no Brasil.

A Associação Cultural Nipo-Brasileira de Ribeirão Pires-SP - *Bunkyo Ribeirão Pires Kaikan* reúne em seus festivais, além de japoneses e seus descendentes, a população em geral da cidade e da região do Grande ABC. Festivais gastronômicos, feiras de artesanato, festivais de danças e teatro formam uma gama de atrações que permitem interações com a comunidade local por meio das práticas da interculturalidade.

Figura 19 – Parque Oriental, Ribeirão Pires



Fonte: <https://www.turismo.sp.gov.br/1795>. Acesso em 08 mar. 2024.

<sup>23</sup> Disponível em: <https://www.nippo.com.br/3.turismo/n070.php>. Acesso em: 29 mar. 2025.

A entrada do Parque Oriental (Figura 19), também conhecido como Parque Municipal Milton Marinho de Moraes, é marcada por um imponente torii com 3,5 metros de altura. Esse espaço celebra a herança cultural japonesa, ressaltando a importância histórica da imigração japonesa em Ribeirão Pires, que se iniciou por volta da década de 1940. De acordo com a Secretaria de Turismo e Viagens do Estado de São Paulo, o parque é um dos principais pontos turísticos da cidade, integrando elementos da cultura japonesa em sua estrutura e programação, o que reforça a valorização da diversidade cultural na região. Os espaços do parque foram projetados para ser um ambiente de apreciação, trazendo harmonia entre o plantio de cerejeiras (sakuras) e ipê amarelos.

A temática de preservação da cultura japonesa, em suas trilhas de pedras ladeadas com lagos embelezados por lindas espécies de carpas, cria um clima de paz e admiração (Figura 20).

Figura 20 – Jardim Japonês, vista do lago, Ribeirão Pires



Fonte: <https://ribeiraopirestv.com.br/2020/06/prefeitura-de-ribeirao-pires-realizou-entrega-virtual-do-parque-oriental/>. Acesso em: 08 mar. 2024.

Para Thompson (2006, p. 41), “nunca se deve subestimar o poder do compartilhamento da experiência humana”. Ao expor sua cultura e seus costumes, os imigrantes japoneses convidam não só seus descendentes e munícipes a conhecerem sua cultura, mas interagem com a história e a cultura brasileiras também. A memória é um fenômeno em constante transformação, pautado na elaboração e reelaboração do passado a partir do olhar do presente. Ela é composta por diversos fatores que ultrapassam os limites da história em si, envolvendo aspectos psicológicos, afetivos, sociais e até políticos que moldam essas narrativas.

Segundo Perazzo e Lemos (2022, p. 6):

A memória é um processo dinâmico de construção e reconstrução do passado, a partir do presente e constituída por outros elementos que vão além da mera história: elementos psicológicos, emocionais, sociais ou políticos constituem também essas narrativas.

Figura 21 – Parque Oriental, vista do Jardim Japonês



Fonte: <https://www.turismo.sp.gov.br/1795>. Acesso em: 10 mar. 2024.

Figura 22 – Casa do Origami em Parque Oriental



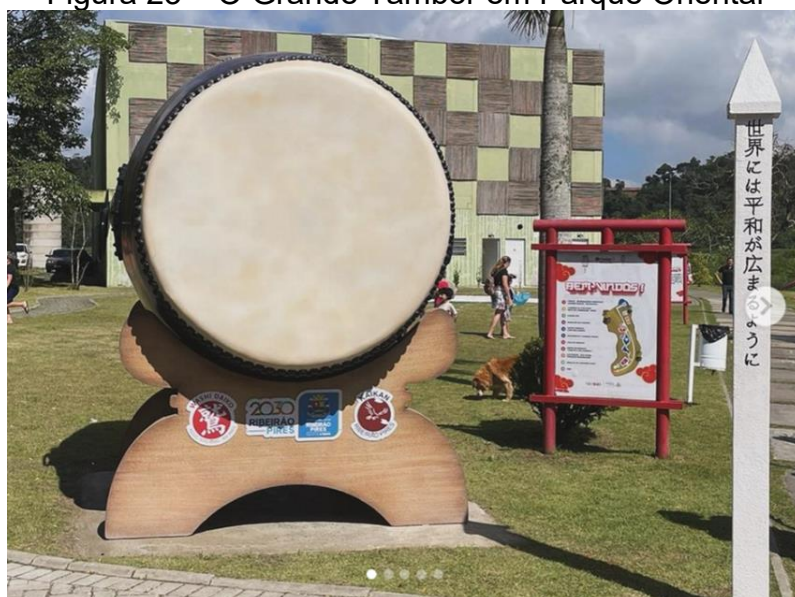
Fonte: <https://ribeiraopirestv.com.br/2020/06/prefeitura-de-ribeirao-pires-realizou-entrega-virtual-do-parque-oriental/>. Acesso em: 25 mar. 2025.

Quando se reflete sobre o passado, depara-se com incertezas e certezas ao

serem reavaliados os acontecimentos históricos. Ao pensar em tempo presente obtém-se, por meio de objetos históricos e relatos orais, as memórias das experiências do passado sob novas informações, reorientadas em interpretações, contendo o passado e o presente ao mesmo tempo.

Foi nítida a emoção, não só da comunidade japonesa como dos munícipes presentes na inauguração do Parque Oriental, ao verem o Grande Tambor (Figura 23).

Figura 23 – O Grande Tambor em Parque Oriental



Fonte: Kaikan Ribeirão Pires em Ribeirão Pires em 19/04/2025

Segundo o Sr. Yoshio:

A homenagem foi recebida com alegria por antigos membros da comunidade japonesa da cidade. Caso do senhor Yoshio Nakano, 84 anos, um dos fundadores da Associação Nipo Brasileira de Ribeirão Pires. “Fazer tudo isso aqui (entrega do monumento) é uma honra para nós. Depois de 83 anos vivendo nessa cidade, sinto uma gratidão imensa. Muito bom”, celebrou.<sup>24</sup>

A emoção expressada pelo Sr. Yoshio não é apenas pelo monumento, mas a importância da história. O tambor (taiko) integrou-se ao teatro japonês, como o Kabuki e o Noh, por suas funções rítmicas, decorativas e para reforçar a ambientação tradicional, sendo utilizado até hoje nesses estilos clássicos. Também permanece presente no gagaku, música cerimonial da Corte Imperial de Quioto, acompanhando danças tradicionais. Antes do surgimento dos grupos de kumi-daiko, no pós-guerra, o

<sup>24</sup> Disponível em: <https://abcemoff.com.br/parque-oriental-de-ribeirao-pires-ganha-monumento-em-homenagem-a-colonia-japonesa/>. Acesso em: 21 abr. 2025.

taiko era usado principalmente em festivais e rituais religiosos, como o Kagura (dança Xintoísta) e o Bon Odori (dança de finados). Para a Associação Brasileira de Taiko, “o taikô faz parte da cultura japonesa e ao longo de toda sua história foi utilizado de diversas formas. Dentre elas, podemos destacar o uso como meio de comunicação, na religião, em festivais, na guerra e no teatro”<sup>25</sup>.

Na Associação Nipo-Brasileira a tradição dos tambores (Figura 24) é mantida e o grupo Waishidaiko se apresenta não só nos festivais da cidade como também em eventos nacionais.

Figura 24 – Grupo Waishidaiko – Kaikan



Fonte: Foto da autora em Ribeirão Pires em 14/04/2025

Somando-se a outro patrimônio histórico, “o Parque Oriental de Ribeirão Pires recebeu nesta terça-feira dia 06/08/2024 um monumento em memória de Sadako Sasaki, menina japonesa vítima da bomba atômica que atingiu a cidade de Hiroshima, durante a Segunda Guerra Mundial (Figuras 25 e 26). A obra de arte, que foi doada pelo Templo Luz do Oriente – Torre de Miroku, foi entregue à cidade pela comunidade japonesa, em parceria com a Kai Kan (Associação Cultural Nipo-Brasileira) da cidade”<sup>26</sup>.

<sup>25</sup> Disponível em: <https://taikobrasil.com.br/taiko/>. Acesso em: 26 abr. 2025.

<sup>26</sup> Disponível em: <https://www.dgabc.com.br/Noticia/4155125/ribeirao-ganha-estrutura-em-homenagem-a-vitima-da-bomba-de-hiroshima>. Acesso em: 22 abr. 2025.

Figura 25 – Arena de Mosaico, Parque Oriental



Fonte: Foto da autora em Parque Oriental em Ribeirão Pires em 16/03/2025

Figura 26 – Memorial Sadako Sasaki em Parque Oriental



Fonte: Foto da autora em Parque Oriental em Ribeirão Pires em 16/03/2025

A Prefeitura de Ribeirão Pires, sempre presente e em parceria com a Associação Nipo-Brasileira, inaugurou mais um monumento (Figura 27) no Parque Oriental como destaque:

O Parque Oriental, que já é reconhecido por sua beleza natural e atrações multiculturais, ganha mais destaque com a inauguração do Dragão Kinryo, símbolo de equilíbrio e harmonia. Além de ser um local de contemplação e lazer, o espaço reflete a diversidade cultural da cidade, que recebeu significativas influências de imigrantes japoneses ao longo de sua história.<sup>27</sup>

Nessa inauguração também houve a participação do grupo de com apresentações da Dança dos Leões e dos Dragões, conduzidas pela Academia Taichi,

<sup>27</sup> Disponível em: <https://ribeiraopires.sp.gov.br/ribeirao-pires-entrega-monumento-do-dragao-kinryo-no-parque-oriental/>. Acesso em: 23 abr. 2025.

e performances de tambores (taiko) a cargo do grupo Washi Daiko.

Figura 27 – Dragão Kinryo em Parque Oriental



Fonte: <https://ribeiraopires.sp.gov.br/ribeirao-pires-entrega-monumento-do-dragao-kinryo-no-parque-oriental/>. Acesso em: 23 abr. 2025

#### 5.2.1 Associação Nipo-Brasileira – Bunkyo de Ribeirão Pires

A Associação Cultural Nipo-Brasileira de Ribeirão Pires-SP - *Bunkyo Ribeirão Pires Kaikan* reforça os laços de amizade e respeito entre os povos. Para Okamoto (2008, p. 37):

A formação dessas associações foi importante não somente pelo aspecto de identidade étnica e de transmissão da cultura e da educação, mas também serviam de base para a formação de aglomerados cooperativistas impulsionadores da ascensão econômica e social dos japoneses no Brasil, colaborando para o crescente processo de fortalecimento do grupo no país.

Mantendo a tradição oriental, a cidade de Ribeirão Pires conta com a Associação Cultural Nipo-Brasileira – Bunkyo Ribeirão Pires – Kaikan, fundada em 18/10/1945, nascida primeiro de uma agremiação esportiva tornando-se, posteriormente, a Associação Nipo-Brasileira. Para Sakurai (2013, p. 253):

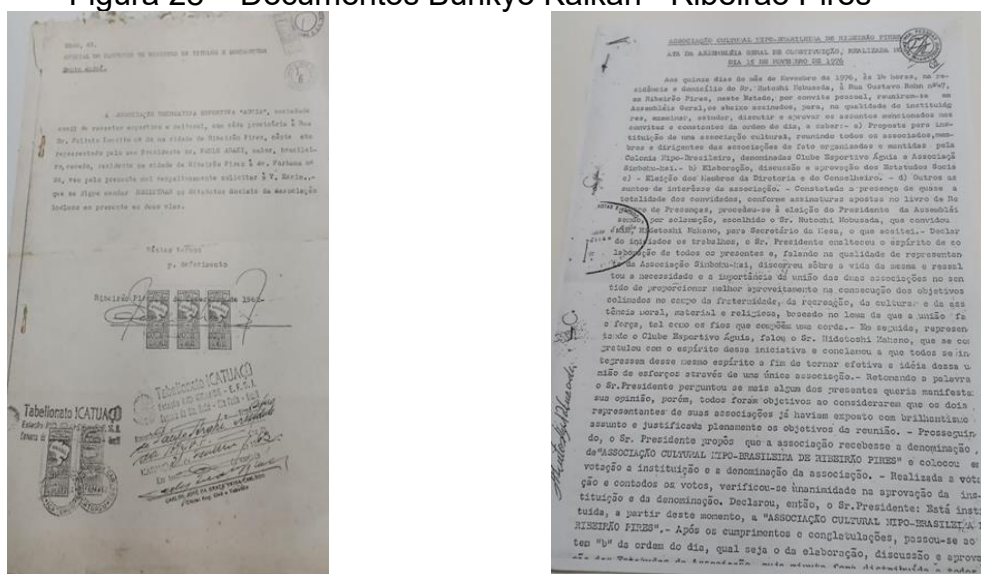
Até o início da Segunda Guerra Mundial, os japoneses no Brasil conseguiram se organizar criando redes de sociabilidade através de associações. Elas se espalharam por onde houvesse núcleos de famílias japonesas. Nelas estavam as escolas, as ligas esportivas e os espaços de lazer. As escolas de língua japonesa seguiam o currículo japonês, pois o sonho do retorno ainda estava na meta de muitos chefes de família. As crianças e os jovens seguiam também o currículo brasileiro, dedicando-se aos estudos o dia todo.

A família da senhora Evete Sawada, que é atualmente Diretora Social do Bunkyo Kaikan de Ribeirão Pires, chegou na cidade entre 1956-1957, vinda do interior do Paraná para administrar uma fazenda agrícola chamada “Tecelão”, sediada no bairro da Quarta Divisão em Ribeirão Pires. Evete enfatiza que a preservação das

tradições é o foco central das associações.

Ações culturais e beneficentes agregam todas as etnias e classes sociais, pois é importante divulgar a cultura nipônica principalmente por meio da educação, propiciando bem-estar entre a coletividade, gerando atividades filantrópicas, esportivas, gastronômicas e compartilhando seu rico legado de valores e cultura.<sup>28</sup> Na Figura 28 vemos documentos antigos da fundação da Associação em Ribeirão Pires.

Figura 28 – Documentos Bunkyo Kaikan - Ribeirão Pires



Fonte: Arquivo pessoal – Evete Sawada em Kaikan Ribeirão Pires em Ribeirão Pires em 09/03/2025.

Figura 29 – Placa Comemorativa- Kaikan Ribeirão Pires



Fonte: Foto da autora em Kaika Ribeirão Pires em 09/03/2025

<sup>28</sup> Entrevista de Evete Sawada para Rosicler do Nascimento. Ribeirão Pires, 13 de agosto de 2024. Acervo Rosicler do Nascimento.

Figura 30 – Diretoria Bunkio Kaikan – Ribeirão Pires



Fonte: Foto da autora em Bunkio Kaikan em Ribeirão Pires em 09/03/2025

A Diretoria do Kaikan Ribeirão Pires (Figuras 29 e 30) consiste em um Presidente, Arlindo Miyasaki, e o vice-presidente, Iuquio Uwasakio. Yoshitomo Nakano (que aparece na Figura 29) é um dos fundadores da Associação e, juntamente com Osvaldo Otsubo, exerce a função de tesoureiro. A Diretoria Social fica a cargo de Evete Sawada. Mutsuko Nakano é diretora do Grupo de Senhoras e coordenadora das refeições criadas por conta de eventos gastronômicos e que conta com a colaboração da Keiko Akagui, Joana Osawa, Alice Uno, Elizabeth Minematsu. Mário Sawada é o diretor de Karaoke e das manifestações artísticas, como teatro.

Ao tratar de cultura japonesa, certamente nos remetemos aos estereótipos de um povo reservado, fechado em sua própria história e cultura, convivendo somente entre os seus iguais. Contudo, a colônia japonesa existente na cidade de Ribeirão Pires recepcionou os munícipes, após ampla divulgação, em eventos gastronômicos que conquistaram o gosto popular local.

Outro evento oriental que ocorre na cidade é o Harumatsuri, a Festa da Primavera (Figura 31), quando ocorrem danças, taiko, música, workshops, comidas típicas (Figuras 32 e 33), apresentação do grupo de teatro e dança da Associação.

Figura 31 – Harumatsuri – Ribeirão Pires



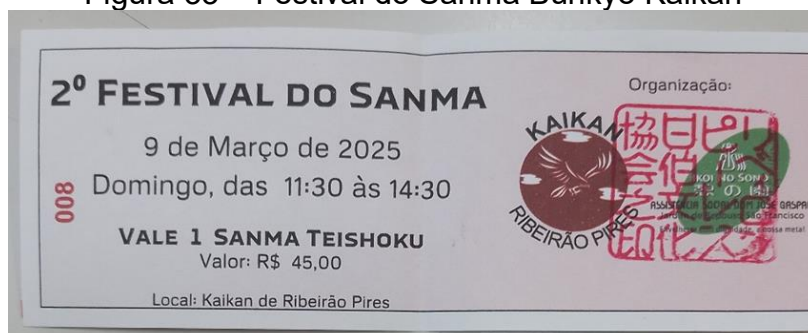
Fonte: Brenda Miura em Ribeirão Pires em 25/04/2025

Figura 32 – Festa do Yakissoba Bunkyo Kaikan



Fonte: Foto da autora em Pires em Ribeirão Pires em 24/03/2024

Figura 33 – Festival do Sanma Bunkyo Kaikan



Fonte: Foto da autora - Bunkio Kaikan – Ribeirão Pires em 09/03/2025

Com o passar do tempo e a permanência de imigrantes e descendentes no Brasil, a cultura nipônica foi-se disseminando por boa parte da população brasileira. As artes marciais tornaram-se conhecidas, jiu-jitsu, karatê e judô passaram a fazer parte do cotidiano de alguns brasileiros. Isso foi possível porque as associações culturais promoveram eventos como o Undokai (Figura 34) que se trata de uma celebração realizada todos os anos, que promove a integração entre famílias e a comunidade escolar por meio de momentos de lazer (jogos e brincadeiras), possibilitando relações interculturais nas diferentes comunidades em que se encontram grupos de imigrantes e seus descendentes.

Figura 34 – Bunkyo Kaikan gincanas tradicionais (Undokai)



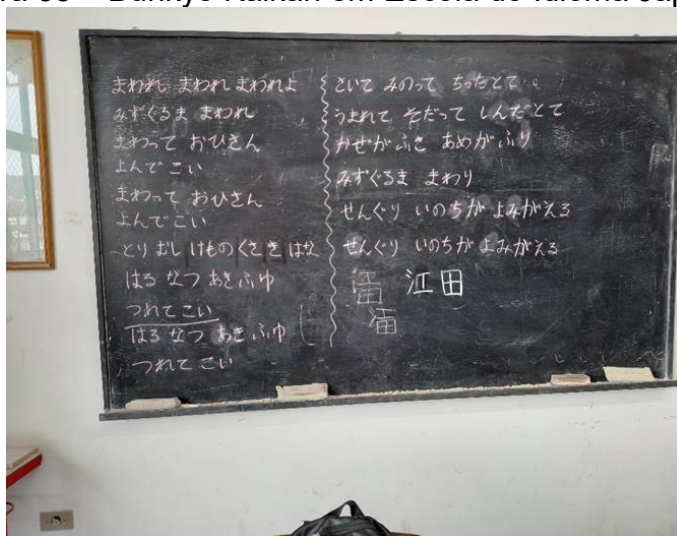
Fonte: Foto da autora - Bunkio Kaikan – Ribeirão Pires – 09/03/2025

A Associação Nipo-Brasileira de Ribeirão Pires mantém sua escola para o idioma japonês (Figuras 35 e 36), dentro da suas dependências. Os professores são associados voluntários, descendentes ou não, mas que já se graduaram no idioma.

## Segundo Leiko Matsubara Morales:

Embora questões sobre o ensino de língua estrangeira tenham sido objeto de debate desde a década de 1950 em seminários, nos editoriais de jornais japoneses editados no Brasil, é a partir de 1980 que assuntos relativos à metodologia passam a ser mais destacados em relação à concepção de ensino. A partir de 2000, a entrada maciça de alunos (descendentes e não-descendentes) sem nenhum conhecimento da língua levou os professores a uma reflexão mais aprofundada. Nesse sentido, a mudança do perfil do alunado traz novas mudanças no cenário de ensino-aprendizagem de japonês do Brasil, eliminando a fronteira étnica para o estudo da língua e da cultura, até então considerada prerrogativa dos descendentes.<sup>29</sup>

Figura 35 – Bunkyo Kaikan em Escola do Idioma Japonês



Fonte: Foto da autora em Ribeirão Pires em 11/01/2025

Figura 36 – Bunkyo Kaikan em Escola do Idioma Japonês



Fonte: Foto da autora em Ribeirão Pires – Bunkyo Kaikan – 11/01/2025

<sup>29</sup> Disponível em: <https://discovernikkei.org/pt/journal/2009/6/9/lingua-japonesa-no-brasil/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

A instituição escolar representou um espaço crucial para a preservação dos valores culturais dos imigrantes japoneses. Por meio da educação, eles mantiveram suas tradições e costumes, mesmo sob a influência do contexto brasileiro. A escola serviu como um elo, preservando a identidade do grupo e diferenciando-se da sociedade em geral. Isso era especialmente importante para aqueles que planejavam um retorno temporário ao Japão, pois a falta de proficiência na língua japonesa criaria dificuldades de comunicação entre pais e filhos, bem como com familiares e amigos.

As escolas japonesas eram organizadas e administradas por associações japonesas locais, que foram relatadas por vários entrevistados que delas participavam em São Paulo. Era nessas escolas que a educação geral e, os valores em particular, eram perpetuados, assuntos sociais discutidos, reuniões efetivadas, decisões comunitárias tomadas, cerimônias dos mais variados tipos realizados, enfim, em que a vida comunitária acontecia. Dentro desse espaço escolar as pessoas reuniam-se em ocasiões importantes como a Celebração do Ano Novo (Shiho Hai), o Dia do Império (Kigen Setsu), o Aniversário do Imperador (Tencho Setsu), festas de aniversário, casamentos e outras festividades variadas (Demartini, 2004, p. 153).

Os imigrantes adotavam estratégias mesmo diante das perseguições políticas para manter seus ideais como era a escola japonesa como nos esclarece Demartini (2004, p. 163):

É interessante destacar que durante todo o período do nacionalismo, da Segunda Guerra Mundial e do pós-guerra, muitas escolas japonesas continuaram funcionando graças às estratégias que pais e professores desenvolveram para burlar as leis discriminatórias. Além de colocarem os vigias, também procuravam manter laços de amizade com pessoas importantes da cidade e do governo.

A Escola de Idioma Japonês existente dentro da Associação Nipo-Brasileira de Ribeirão Pires atende aos descendentes de japoneses assim como quaisquer outras pessoas interessadas, da cidade.

### **5.3 O ensino da cultura e memória japonesas em Ribeirão Pires**

A análise de dados do conteúdo das entrevistas semiestruturadas com quatro professoras da cidade, que são comuns em pesquisas qualitativas, envolve várias etapas que visam interpretar os significados das falas das entrevistadas, identificando padrões, categorias e temas relevantes.

A leitura inicial das transcrições foi feita de maneira atenta, a fim de obter uma visão geral das falas. Em seguida, iniciou-se a marcação de trechos significativos, utilizando numeração e cores para facilitar a organização das ideias e criar categorias temáticas. Tais categorias foram pensadas a partir da conjugação do roteiro de entrevistas com as correspondentes respostas das professoras.

Os temas encontrados na análise foram:

- 1) **Integração com o currículo da disciplina de História:** a partir de falas como “Gosto de falar sobre imigração japonesa quando falamos sobre os imigrantes”.
- 2) **Interesse dos estudantes pela cultura japonesa:** a partir de falas como “Os alunos ficam bem curiosos”, que apontam para o interesse dos estudantes pela cultura japonesa.
- 3) **Uso de práticas pedagógicas culturais:** a partir de falas como “Fiz uma atividade de origami com meus alunos”.
- 4) **Carência de materiais didáticos:** a partir de falas como “Não temos livros ou vídeos específicos”.

A partir desse processo, palavras e expressões-chave que revelam ideias centrais foram agrupadas em categorias com o objetivo de interpretar os dados para além da simples descrição, buscando compreender os significados atribuídos pelos participantes ao fenômeno investigado.

Elencamos dez categorias de análise, a saber:

- 1) Abordagem do conteúdo
- 2) Interesse pela cultura japonesa (estudantes, currículo, normas)
- 3) Ideias de Interculturalidade
- 4) Patrimônio de cultura japonesa de Ribeirão Pires apresentado em sala de aula
- 5) Fora da escola - relacionamento dos professores com a cultura japonesa
- 6) Fora da escola - relacionamento de estudantes com a cultura japonesa e alunos de descendência japonesa
- 7) Capacitação docente
- 8) Demanda de material didático
- 9) Estereótipo do japonês
- 10) Relação com outras etnias

A partir dessas categorias foi possível classificar trechos de narrativas das professoras correspondentes ao conteúdo da categoria, conforme se pode ver no Quadro 5, a seguir:

Quadro 5 – Vista geral das narrativas das professoras

<b>Categoria 1 - Abordagem de Conteúdo</b>	
Alaide	Nas aulas de história e Geografia se fala pouco - a gente tem pouco material.
Lucilaine	Nas aulas de história já ocorre abordagem das várias culturas de imigrantes, citando o bairro da Liberdade em São Paulo.
Mara	Fala-se um pouquinho de cada cultura, utiliza-se imagens de livros.
Rosa	Abordagem geográfica: localização do continente asiático, distância do Japão, diferença de fuso horário.
<b>Categoria 2 - Interesse pela cultura japonesa (estudantes, currículo, normas)</b>	
Alaide	Fala-se sobre todos os imigrantes no geral.
Lucilaine	Povos indígenas predominam no currículo.
Mara	Currículo trabalha pouco a cultura japonesa é sucinto e dificulta o tema.
Rosa	Começam pelos indígenas e depois outras culturas. Interesses despertados por vestimentas.
<b>Categoria 3 - Ideias de Interculturalidade</b>	
Alaide	Alunos trazem curiosidades sobre a cultura japonesa quando veem algo na mídia.
Lucilaine	No Brasil é miscigenação.
Mara	Interesse surge após as aulas, com contribuição de familiares sobre filmes e jogos.
Rosa	A abordagem é do "exótico", do "diferente" e distante da realidade local.
<b>Categoria 4 - Patrimônio de cultura japonesa de Ribeirão Pires apresentado em sala de aula</b>	
Alaide	Conhece o parque oriental, mas não a Associação Nipo-Brasileira.
Lucilaine	Menciona o parque oriental e a Torre de Miroku nas aulas.
Mara	Aluno visitou o parque oriental após aula sobre cultura japonesa.
Rosa	Fala sobre o parque, a Torre de Miroku e a associação após visita casual.
<b>Categoria 5 - Fora da escola - relacionamento dos professores com a cultura japonesa</b>	
Alaide	Desenvolveu projeto de origami; conhece por mídia e vídeos.
Lucilaine	Estudantes e professores consomem comida japonesa fora da escola.
Mara	Visita ao parque oriental, Torre de Miroku e Bunkyo.
Rosa	Mãe de aluno fala sobre desenhos, filmes e comidas japonesas.

<b>Categoria 6 - Fora da escola - alunos de descendência japonesa</b>	
Alaide	Teve aluno com pais trabalhando no Japão.
Lucilaine	Nunca teve alunos de descendência japonesa.
Mara	Escola atual não tem alunos nipônicos.
Rosa	Recorda de dois alunos de origem japonesa em 25 anos de docência.

<b>Categoria 7 - Capacitação docente</b>	
Alaide	Pedagogia, Matemática, pós em Neuropsicopedagogia, 55 anos, 20 anos de docência, 4 anos docente nos 5ºs anos.
Lucilaine	Pedagogia, pós em Deficiências Múltiplas, ABA, TEA, 33 anos de docência. 5 anos como docente nos 5.anos
Mara	Pedagogia, pós em ABA e Ludicidade, 10 anos de docência. 3 anos com os 5 anos
Rosa	Pedagogia e Psicologia, 27 anos de docência, 2 anos com os 5.anos

<b>Categoria 8 - Demanda de material didático</b>	
Alaide	Não há material didático sobre cultura e memória japonesa de Ribeirão Pires
Lucilaine	Não há material didático sobre cultura e memória japonesa de Ribeirão Pires
Mara	Não há material didático sobre cultura e memória japonesa de Ribeirão Pires
Rosa	Não há material didático sobre cultura e memória japonesa de Ribeirão Pires

<b>Categoria 9 - Estereótipo do japonês</b>	
Alaide	-
Lucilaine	-
Mara	-
Rosa	-

<b>Categoria 10 – Relação com outras etnias</b>	
Alaide	Ampliar o ensino da cultura japonesa como outras já incluídas.
Lucilaine	-
Mara	Aluno se reconheceu como descendente e se interessou por visita a local próximo.
Rosa	Ressalta a importância da representação de crianças japonesas nas mídias.

Fonte: Relatos das entrevistas semiestruturadas realizadas para a pesquisa.

Sobre a abordagem do conteúdo referente à memória e à cultura japonesas presentes em Ribeirão Pires, as professoras disseram que tratam de assuntos nas disciplinas de História e Geografia, como imigração japonesa, dentro do contexto da imigração em geral no Brasil, no século XX. Em específico sobre japoneses, chamam a atenção para o bairro da Liberdade em São Paulo. Utilizam imagens em livros. Por esses relatos nos damos conta de que a abordagem do conteúdo referente à cultura japonesa para estudantes de Ribeirão Pires não traz referências à presença dessa

imigração na cidade nem aos espaços, parques e monumentos que têm na cidade, dando exemplos de locais – mesmo que tradicionais e históricos – não fazem parte da realidade local desse alunado, como é o caso do bairro da Liberdade em São Paulo.

Ao serem questionadas pelo interesse que as professoras têm pela cultura japonesa, como conteúdo de suas aulas, dizem que se dedicam mais a tratar de questões indígenas que propriamente de cultura nipo-brasileira. Mesmo considerando que a cidade de Ribeirão Pires pode ter uma presença indígena significativa, o que não podemos afirmar por não ter dados de estudos a esse respeito, podemos dizer, com base na pesquisa documental do patrimônio nipo-cultural em Ribeirão Pires, que os espaços japoneses são de acesso da população em geral e correspondem a locais que os estudantes podem frequentar em seus momentos fora da escola.

Nota-se pelas narrativas das professoras que a concepção de interculturalidade na educação não coincide com as perspectivas teóricas apresentadas nesta pesquisa, pois elas tratam as diferentes culturas na perspectiva do exótico.

Contudo, ao serem questionadas sobre conhecer ou não os monumentos e locais de cultura japonesa na cidade, muitas dizem conhecer, principalmente a Torre de Miroku e o Parque Oriental, bem como dizem que seus alunos costumam conhecer. Chegam a citar alguma participação em oficinas de Origami, promovidas pelas sociedades nipo-brasileiras. Quase todas dizem comer “comida japonesa” e conhecem filmes e desenhos japoneses. Pelos relatos, observamos que as professoras têm, ou tiveram, poucos alunos de origem nipônica.

De modo unânime, as professoras relatam que não há material didático sobre cultura e memória japonesa de Ribeirão Pires. Todavia, dizem ter interesse em abordar esse assunto e o consideram importante.

Uma análise mais detalhada do conteúdo das entrevistas com as professoras, nos possibilitou outras interpretações:

Quadro 6 – Análise de conteúdo das narrativas das professoras

<b>Categoria 1 - Abordagem de Conteúdo</b>			
<b>Profa. Alaíde</b>	<b>Profa. Lucilaine</b>	<b>Profa. Mara</b>	<b>Profa. Rosa</b>
Abordagem da cultura japonesa na prática pedagógica: ...é mais abordada nas aulas de história e Geografia no conteúdo de migração.	Abordagem da cultura japonesa na prática pedagógica: dentro das aulas de história, na realidade são abordados vários temas	Abordagem da cultura japonesa na prática pedagógica: Recentemente eu trabalhei trabalhando sobre a cultura e foi um	Abordagem da cultura japonesa na prática pedagógica: Começa assim porque tem uma lenda que as crianças pensam aqui no Brasil

<p>Mas é pouco. E aí acaba trazendo todos os imigrantes e todos os imigrantes que vieram de fora, não especificamente apenas os japoneses.</p>	<p>e geralmente quando nós falamos em imigrantes e migrações, então geralmente são relacionados à cultura japonesa e aí nós damos exemplos, principalmente ali e falamos muito do bairro que fica em de São Paulo a Liberdade. E tem alunos que já foram para lá e às vezes eles vem e fala Professor, olha prof. Fui lá na Liberdade, fui lá conhecer e minha mãe já levou.</p>	<p>pouquinho de cada lugar. Aí se fala muito pouco, né? E aí para eu apresentar para eles a cultura japonesa, a única ferramenta que eu tinha ali era uma televisão e uma internet. E no que eu os livros era poucas imagens e isso desperta. Dependendo da forma como você coloca, a criança, desperta a curiosidade</p>	<p>hoje em dia e no Japão está de noite. Aí começa a conversa. Aí eu explico já teve essa aula de história que a Terra gira em torno do sol e que é por isso que quando ela muda de lugar, aqui está claro e do outro lado está escuro e do outro lado está o continente asiático</p>
<p>O respeito que eles [japoneses] têm. Então a gente quando traz essa questão a eles [estudantes], dos japoneses mais que foca, que sai nas mídias, o que chama a atenção tanto dos alunos é esse jeito que eles têm, esse cuidado, essa disciplina que eles têm. Eles [japoneses] são tão disciplinados, em tudo o que eles fazem e isso acaba despertando a atenção dos alunos.</p>	<p>E aí então, nessa parte de imigração, no caso que foi, entrou no primeiro bimestre, então foi falado sobre a cultura japonesa.</p>	<p>E aí eu falei de Ribeirão, eu falei do Parque Oriental, entrei no Google, mostrei a imagem e falei olha, vocês já passavam em frente e não sabem o que era, né?</p>	<p>não tem no currículo e só aproveitei. Aproveitei o momento e a gente foi falando sobre isso.</p>
<p>Integração dos conteúdos sobre a cultura japonesa com as outras culturas e tradições que fazem parte do currículo escolar: Fala assim da cultura, se de positivo e aí fala um pouquinho lá do que os italianos do dos africanos. Então é muito pouco, não é assim voltado especificamente para cultura japonesa, é muito amplo. Então acaba que ela se generaliza um pouco, falamos um pouquinho de tudo, você acaba não falando especificamente de nada.</p>	<p>Eu falei com eles também e acho que lá em Santa Catarina também, que tem uma região também, que tem aquele outro país que agora é Holanda, Alemanha. E aí eu falo isso com eles e vou dando exemplos.</p>	<p>Peguei algumas coisas também pelo YouTube, porque tem aquela diferença entre a imagem e o vídeo. O vídeo dá uma coisa mais viva. E Aí eu coloquei para eles o vídeo, mostrei para eles a [o bairro da] Liberdade.</p>	<p>A gente estava falando sobre comida e isso faz o que? Eu fiz uma pesquisa, porque quando eu faço a chamada, eu faço uma pesquisa. Você fala um dia o que você gosta de comer, na outra chamada de outro dia eu pergunto qual a cor que o aluno gosta em outro dia pergunto o nome da família e em outro dia no dia que eu perguntei sobre a comida preferida.</p>

<p>a gente trabalha também, porque é importante que eles tenham essa auto aceitação. Só que aí, e como são pontos específicos que surge, a gente acaba tendo esse olhar de ampliar e de valorizar cada um quando surge, porque a gente tem essa possibilidade.</p>	<p>Quando nós falamos de migrações e imigrações e tanto nós falamos dos imigrantes e dos que, dos que vão e dos que vêm, então às vezes falamos em questão de quem se casa, por exemplo, o japonês com brasileiro, que fica mais fácil do brasileiro entrar lá no país deles, né?</p>	<p>Assim eu acabei aprofundando, porque o currículo ele é muito sucinto, sabe? Trabalha muito pouco, então é o currículo, ele trabalha pouco, eles estão mais presentes nos indígenas, quilombolas e consegue extrair mais.</p>	<p>a gente falou sobre a o continente asiático, a distância que tem até chegar lá, o porquê que demora 24 horas pra essa mudança de dia e de noite a gente já falou sobre comida, a gente já falou sobre as vestimentas aqui, que eu expliquei pra eles que eles não usam quimono o tempo todo, que é uma vestimenta que usava a um tempo atrás.</p>
	<p>A escola não fala que abordagem, os professores quem escolhem. Depende do tema da aula. A gente pode trabalhar qualquer tema tendo dentro do nosso planejamento, tudo certinho dentro da sala de aula. É tranquilo.</p>	<p>Não tem como trabalhar muito, porque ele está muito sucinto ali no currículo, né? Então eu consegui trabalhar pouco e dei para eles a forma de pesquisa para que eles consigam aprofundar. Trabalhei a curiosidade deles, instiguem isso e aí eles trouxeram essas informações para mim.</p>	<p>Essa é igual a visita que nós fizemos de, deu assim, uma visão diferenciada, foi uma proposição, uma coisa que aconteceu, que causou todo esse movimento, né? E a gente vai de novo no Parque Oriental</p>
	<p>Importância de ampliar o ensino sobre a cultura japonesa nas escolas: Eu creio que sim. A gente, pensando agora dentro da pesquisa, sim, você vê que talvez de repente, até alguma coisa que a gente fala muito é dos</p>	<p>Os conteúdos sobre a cultura japonesa são integrados com as outras culturas e tradições que fazem parte do currículo escolar. Na No meu caso, entrou na sala falando sobre culturas</p>	<p>A gente fala um pouco sobre a formação do povo brasileiro, aí conta que os japoneses vieram, que vieram os espanhóis, os italianos, que os negros foram trazidos, essas coisas. Mas assim é um estudo profundo que eu acho</p>
	<p>Abordagem: nunca sendo uma cultura específica, vamos falar hoje só do Japão. Ela entra como tema dentro de uma atividade, mas é no geral, mas não assim, vamos falar hoje só do Japão, né? Eu acho que seria interessante as escolas começarem a pensar essa visão.</p>		<p>Então eu sempre tento passar essa visão para eles, que sempre tem algo que é diferente da família que não está hoje, mas que fez parte da formação.</p>
	<p>Talvez trabalhando como nós trabalhamos história, geografia. De repente, ver o que está dentro do nosso planejamento diário e</p>		

	começar a abranger um pouco mais a... Falando sobre a cultura japonesa. Porque a gente fala sempre muito de cultura, né? E a cultura japonesa é mais que se a gente for ver no Brasil, ela é bem forte e às vezes não se falam tanto, a não ser lá nas regiões onde existe um número grande de moradores é que a gente sempre coloca como ponto forte lá, como o bairro da Liberdade né?		
<b>Categoria 2 - Interesse pela cultura japonesa [estudantes, currículo, normas]</b>			
<b>Profa. Alaíde</b>	<b>Profa. Lucilaine</b>	<b>Profa. Mara</b>	<b>Profa. Rosa</b>
Interesse da professora em aprender sobre a cultura japonesa: Sim, eu nem sabia tanto assim que a curiosidade deles era tão aflorada. Foi a partir da vinda de um aluno japonês e dessa cultura aqui que eu vi que a gente percebe.			Eles se interessaram em saber sobre na parte de ciências e até na parte de história, como que seria essa cultura
Importância de continuar ampliando o ensino sobre a cultura japonesa nas escolas: Acredito ainda mais que vemos que existem. Como eu já falei anteriormente, eu acho que a maneira, o respeito que eles têm com a natureza, o respeito que eles têm com o próprio povo, essa, esse cuidado, sabe, essa união que eles têm. Eu acho que seria tão benéfica, porque no nosso país já é assim, a gente já incluiu todo mundo, mas só que se a gente aprendesse um pouco mais, talvez o nosso olhar seria menos egoísta.			Alunos têm interesse em aprender sobre a cultura japonesa: Muito, principalmente nessa questão que a gente começou a falar dos movimentos da terra, do Sol. Aí eles [alunos] começaram a perguntar como é que seria lá, como será, como é que vai ser, como é que eles dormem?

			Eu percebi que eles [alunos] têm interesse mesmo, porque tem muitas crianças que comem comida japonesa
<b>Categoria 3 – noções das professoras para pensar interculturalidade</b>			
<b>Profa. Alaíde</b>	<b>Profa. Lucilaine</b>	<b>Profa. Mara</b>	<b>Profa. Rosa</b>
Como que é difícil o choque de culturas. Então sempre a gente acaba discutindo isso, mas não assim de uma forma mais didática, conforme vai surgindo o assunto que os alunos mesmos trazem no dia a dia.	Talvez trabalhando como nós trabalhamos história, geografia. De repente, ver o que está dentro do nosso planejamento diário e começar a abranger um pouco mais a... Falando sobre a cultura japonesa. Porque a gente fala sempre muito de cultura, né? E a cultura japonesa é mais que se a gente for ver no Brasil, ela é bem forte e às vezes não se falam tanto, a não ser lá nas regiões onde existe um número grande de moradores é que a gente sempre coloca como ponto forte lá, como o bairro da Liberdade.	a criança é japonesa, mas não tem noção por que é japonesa. Então eu sinto essa curiosidade. Ela vem a partir da hora que você apresenta para eles. No caso dos meus alunos, foi depois que eu apresentei que começou a ter a curiosidade. Foi quando eu fui falar com a mãe que a mãe falou que tinha desenho, que o outro aluno foi lá para lá, para a cidade, lá e vi o que tem.	A gente falou sobre a o continente asiático, a distância que tem até chegar lá, o porquê que demora 24 horas para essa mudança de dia e de noite a gente já falou sobre comida, a gente já falou sobre as vestimentas aqui, que eu expliquei para eles que eles não usam quimono o tempo todo, que é uma vestimenta que usava a um tempo atrás.
Cada vez os alunos se aproximam, querem saber como que é, qual é a diferença, com como que é comida, como que é, os jeitos de eles falarem dos diversos assuntos, E eles realmente param para pensar. É uma outra cultura, um choque de realidade.	Interesse em aprender sobre a cultura japonesa: é uma cultura, Sim. Na realidade, abrange várias culturas, principalmente. Eles falam muito dos africanos e índios, né? Nossa cultura, realmente eles falam muito do povo indígena, né? E aí a gente entra com a cultura falando porque a gente fala da migração, então a gente costuma focar assim,	Eu via que ela [menina japonesa na ONG] trazia bem a cultura dela, que a família enfim, se conversava, porque quando a mãe vinha buscar, elas se comunicavam em japonês e a menina falava em português com a gente, a alimentação dela era diferenciada, tinha umas comidas que para nós, a nosso ver era esquisita, mas para eles é uma alimentação diferente, que eu nem sei dizer o nome, então eu via que era um pouco diferente das outras crianças que conviviam com a gente.	A gente fala um pouco sobre a formação do povo brasileiro, aí conta que os japoneses vieram, que vieram os espanhóis, os italianos, que os negros foram trazidos, essas coisas. Mas assim é um estudo profundo que eu acho.
Olha os temas que eu já abordei, que eu	Que não é só o indígena que a gente	Com qualquer cultura, porque quando se fala	Teve criança que falou que gosta de comida

<p>trabalhei muito assim, que eu admiro na cultura japonesa, a sincronia que eles têm com todo o jeito que eles tratam os idosos lá, a forma como eles tratam o meio onde eles vivem, seus pertences, a limpeza, o jeito que eles</p>	<p>tem como cultura, que a gente tem outros países também, que é o Brasil é uma miscigenação.</p>	<p>em cultura, você tem que explorar, o máximo que você pode e em nossas aulas hoje é só sinalizar, é pincelado, sabe?</p>	<p>japonesa e eu também gosto muito de comida japonesa. Eu até como de pauzinho.</p>
<p>Eles conseguem entender que a vida dos imigrantes aqui no Brasil é bem difícil, Eles conseguem ter essa dimensão, mas não especificamente de um povo.</p>	<p>E se o brasileiro vai sozinho, é muito mais difícil pra entrar. Sempre dando exemplos diferenciados de outros países também, como os Estados Unidos também, que é a mesma coisa, dificuldade. Então, sempre que a gente fala em imigração, surgem os temas específicos na sala.</p>	<p>E aí, como eu também venho de uma descendência indígena, então eu tenho muito essa pegada de que a cultura tem que aprender, tem que tá ali no sangue.</p>	<p>mas eles [japoneses] também usam roupas comuns, né, como comuns considerados por nós e assim a gente também. Eles [japoneses] também vestem esse tipo de roupa que a gente usa, que é a diferença é que eles têm uma cultura que naquela época os antepassados usavam o quimono, usavam as roupas diferentes, mas que hoje em dia essa história já evoluiu.</p>
		<p>O que a cultura lá fora trouxe para nós aqui? O que acabou mudando a vida aqui dos brasileiros? É a miscigenação, o que foi mudando. E aí, onde entrou a cultura japonesa, entrou outras culturas. E aí eu fui fala nossa, mas é desse lugar e é aquilo que eu falei, você vai apresentando para eles, vai instigando, aí começa a procurar e ter mais conhecimento.</p>	<p>Eles [japoneses] em um tempo de festa, de uma comemoração diferente, eles acabam usando. E tem alguns idosos também que eu já vi que eles andam de quimono lá no Japão, no Japão já vi isso, já vi uma época e uns filmes que a gente já assistiu a gente. A Karatê Kid dois fala bastante sobre a mudança do menino que vai para outro lugar.</p>
		<p>Fomos para trabalhar a cultura, dentre as culturas, apareceu a cultura japonesa e pouco se fala.</p>	<p>Eles [alunos] entenderem que o mundo é diverso, né? Como que a gente não como que uma criança. Não sei se vai se sentir representada se não tem a imagem dela lá</p>
		<p>Valorização da diversidade cultural: eu acho que a escola em si, ela está ali, paradinha. Eu acredito</p>	<p>Quando a gente fala de cultura, quando a gente fala de formação do povo brasileiro, quando a gente fala da</p>

		<p>que essa responsabilidade, ela acaba ficando mais com o professor, porque a escola ela pode até te dar a ferramenta, o parâmetro, se o professor não tá a fim de trabalhar legal lá. Eu acredito que fica uma coisa muito rasa.</p>	<p>diversidade que é o nosso país, né? Eu sempre converso muito isso com eles, desse jeito. O Brasil foi formado por vários tipos de etnias. Então a gente tem que pensar que na nós, nossos antepassados podem ter tido um negro, pode ter tido um indígena, pode ter tido um japonês, pode ter sempre como italiano, espanhol.</p>
		<p>Importância da ampliação do ensino sobre a cultura japonesa nas escolas: Com certeza. Com certeza. Possíveis melhorias ou propostas para enriquecer esse tema no currículo: Mostrar mais. Falar mais a história deles. Por que é que eles vieram para cá? Porque as pessoas que falam a nossa língua são japoneses, porque eles comem diferente, que eles comem diferente? Por quê? Por que eles são assim? Então eu acho que isso é legal, então você acaba entendendo a cultura do outro, porque tem crianças, por exemplo, que são japonesas e vive uma cultura normal como qualquer outra criança e as outras não.</p>	<p>Porque o que eu percebo eles exaltam muito aqui, principalmente porque tem italiano na família, porque tem espanhol, mas também, com certeza deve ter tido o negro, o japonês, o índio. Sempre tem alguma gente.</p>
			<p>Inclusive eu já fui até no bairro da Liberdade para comprar como eu adoro comida japonesa, aqueles biscoitinhos que tem gostoso material, tudo muito bem feito, tudo muito bem</p>
			<p>Valorização da diversidade cultural: Eu acho que a escola</p>

		<p>valoriza muito. A gente sempre tenta colocar que o quão a diversidade é importante. Se você for analisar, ele começa pela falta de conhecimento das pessoas que as pessoas não conhecem. A cultura não tem conhecimento da origem das outras pessoas, porque, por exemplo, tem muito pessoas... tem muito preconceito porque o chinês ele come com meu cachorro tem essa, tem essa.</p>
		<p>Eu adoro animal, mas naquela época às vezes é o que eles tinham mesmo. É assim comer inseto, escorpião. Eles passaram por um pedaço de exceção tão forte que eles tinham que comer o que aparecia na frente. E aí quando começa, a gente começa a falar sobre isso, que eles ficam com nojo com a gente. Isso é da cultura daquele país.</p>
		<p>Na Índia eles não comem vaca e aqui a gente come. Então o povo chinês do povo indiano pode ter preconceito com relação ao nosso modo de viver, da nossa cultura. Então a gente tem que ter esse entendimento que cada país tem uma cultura, tem uma história, que a gente tem que respeitar.</p>
		<p>Eu acho que tem que incluir todas as etnias, para eles entenderem a formação</p>
		<p>Teve criança que falou que gosta de comida</p>

			japonesa e eu também gosto muito de comida japonesa. Eu até como de pauzinho
			Inclusive eu já fui até no bairro da Liberdade para comprar como eu adoro comida japonesa, aqueles biscoitinhos que tem gostoso material, tudo muito bem feito, tudo muito bem

**Categoria 4 - Patrimônio de cultura japonesa de Ribeirão Pires apresentado em sala de aula**

<b>Profa. Alaíde</b>	<b>Profa. Lucilaine</b>	<b>Profa. Mara</b>	<b>Profa. Rosa</b>
Parque oriental, Não conhece a Associação Nipo-Brasileira	Temas relacionados à cultura japonesa, explorados em sala de aula: Aqui na cidade a gente fala daquela que eles construíram aquele... o Parque Oriental. E tem aquela outra casa que eles fizeram, a casa do origami, que fica lá no parque também então sempre tem esses pontos e tem aquela também lá no parque Oriental chamada Torre de Miroku, né?	Eu fui, eu peguei, usei essa ferramenta que eu consegui trazer mais para eles. É o fato de Ribeirão ter alguma coisa. Acabou dando aquela curiosidade neles. Aí um deles acabou indo lá conhecer o Parque Oriental.	Aí eles deram o ônibus, aí a gente levou as crianças lá, eles colocaram o coletinho, atravessaram pelo bairro até chegar lá do outro lado e eles conheceram assim. Foi muito bom, foi muito interessante para eles, porque é um lugar diferente. Foi um momento diferente, né? A gente já teve isso ao Parque Oriental. A gente também já levou as crianças dessa escola lá e o ano passado nós levamos e acho que está programado para esse ano aí.
	Então e a gente fala quais são os pontos principais que a gente tem da região aqui de Ribeirão Pires, do Paço Municipal. Tem o Jardim Japonês também, ali perto da prefeitura, também conhece os monumentos e lugares de cultura japonesa na cidade que hoje acabamos de falar, que é a cultura, né? Que tem lá o Paço Municipal da prefeitura, que tem o Parque Oriental também e a torre são		E quando a gente chegou lá no início, eu mostrei para eles os monumentos que tem no começo deu uma explicação geral do que era aquilo. A gente conversou sobre o que seria esse parque oriental antes da gente ter o passeio para chegar lá e não ficar perdido, não entender o que está acontecendo.

	pontos principais de Ribeirão.		
			A gente vai mencionando junto com as outras etnias, a gente vai colocando junto com as outras etnias. Então, para poder a criança entender que existe essa diversidade na formação do povo brasileiro, então nós acabamos sempre colocando todas as etnias. Como a gente vai falar de construção, de formação do povo brasileiro?
			A gente pode fazer uma feira cultural também, expondo comida, vestimenta e dança, porque tem muita dança legal. O tambor japonês também é assim a cultura japonesa que meu pai deixa eu contar essa história para você que é apaixonado pelo Japão.
<b>Categoria 5 - fora da escola - relacionamento dos professores com a cultura japonesa</b>			
<b>Profa. Alaíde</b>	<b>Profa. Lucilaine</b>	<b>Profa. Mara</b>	<b>Profa. Rosa</b>
Olha, aqui a gente tem muitas oportunidades assim, mas eu confesso que eu só conheço a parte oriental que nós tivemos a oportunidade de fazer piqueniques no passado.	eu conheço porque fica próximo, ali no centro. Então, faz muitos anos que moro em Ribeirão, eu conheço. Nunca fui lá sem participar mas eu sei onde fica.	Eu ri por causa da idade eu também assistia. Eu falei ah, você assistiu? Aí eu falei ela tem outros também, já que eu sei disso e fui falando, tem alguns outros, vai lá também, pesquisar.	Teve criança que falou que gosta de comida japonesa e eu também gosto muito de comida japonesa. Eu até como de pauzinho,
Se conhece o Bunkyo-Kaikan (associação nipo-brasileira em Ribeirão Pires): estou ouvindo falar agora.		Conhecimento de os monumentos e lugares de cultura japonesa em RP: Só não conheço muitos. Só sei que tem a torre de Miroku, eu nunca fui lá no Parque Oriental, que sei também é um lugar bonito. Não, não conheço a Associação não. Tem ou teve alunos de descendência japonesa: Não, aqui na	Conhecimento dos monumentos e lugares de cultura japonesa na cidade: Conheço todos. Eu conheço o ator de Miroku. Uma vez a prefeitura de Ribeirão, quando estávamos na gestão do ex-prefeito Kiko, eles passaram nas escolas e convidaram para a gente levar as crianças para conhecer o parque

		escola não. Quando eu trabalhei numa ONG, aí tinha uma criança, uma menina, que ela era japonesa	Oriental. Foi muito legal. Eu conheço de nome, já passei várias vezes na frente porque eu morava bem ali perto, no Alvorada, porque era ali na esquina
A gente só conhece por vídeos, por filmes e é um estereótipo às vezes e isso porque a gente procura por informações e aí vai perceber que tem. Tem coisas lá na cultura deles que é mais própria deles.			Quando a gente saía de ali, então eu já passei várias vezes, eu já tive vontade de ir lá comprar verdura, porque eles que vende verdura, mas eu sinceramente eu nunca fui. Mas eu tenho vontade de conhecer mais a fundo. Eu sei onde é, mas eu não conheço o trabalho que eles realizam ali.
			Inclusive eu já fui até no bairro da Liberdade para comprar como eu adoro comida japonesa, aqueles biscoitinhos que tem gostoso material, tudo muito bem feito, tudo muito bem

**Categoria 6 - fora da escola - alunos de descendência japonesa**

<b>Profa. Alaíde</b>	<b>Profa. Lucilaine</b>	<b>Profa. Mara</b>	<b>Profa. Rosa</b>
Tem ou teve alunos de descendência japonesa nas suas salas de aula ao longo dos seus anos de trabalho em Ribeirão Pires: Então, recentemente, aí tivemos esse aluninho aí e ele constantemente ele traz essa vivência dele, ele gosta de contar como é a vida dele na casa dele, ele é o Gabriel. E aí ele conta que os pais dele são brasileiros, mas estava morando e trabalhando lá no Japão, aí eles vieram embora porque onde os pais estavam trabalhando aconteceu de a empresa veio para o Brasil ele notou a diferença que existe em	Teve alunos de descendência japonesa nas suas salas de aulas ao longo dos seus anos de trabalho: Não tem, nunca tive. Quando eu vi essa pergunta eu fiquei pensando foi nossa, nunca tive. Tive assim de outras etnias, mas japonês nunca, nunca.	Acabou trazendo outras coisas para mim e a minha mãe falou que quando era pequena tinha um desenho que chamava Jaspion e era japonês.	Teve criança que falou que gosta de comida japonesa e eu também gosto muito de comida japonesa. Eu até como de pauzinho,

<p>viver lá e viver aqui. Então o Gabriel ele acaba contribuindo muito para as outras crianças e todo mundo pára para ouvir.</p>			
<p>Todo mundo quer perguntar como que elas fazem. A comparação constante é muito bacana porque é um choque de realidade.</p>	<p>Algum tipo de resistência ou falta de interesse dos alunos em relação ao estudo da cultura japonesa: Não, não. Principalmente nessa turminha que eu estou ensino. Eles são muito participativos e eles gostam. Tudo o que você oferece, e eles trazem também.</p>	<p>Não, aqui na escola não. Quando eu trabalhei numa ONG, aí tinha uma criança, uma menina, que ela era japonesa</p>	<p>Alunos de descendência japonesa: em 25 anos de docência eu tive um aluno chamado Celso, que eu nunca me esqueço dele, Aí eu lembro que ele estava no primeiro aninho, ele tinha seis aninhos, tinha cinco para seis aninhos e esse menino chorava porque o pai dele tinha mudado para o Japão e ele tinha ficado com a mãe e com os irmãos aqui. Então para ele era muito difícil porque a gente falar, ele sempre tinha uma história para contar, que estava com saudade do pai.</p>
	<p>e o conhecimento prévio deles eles mesmos trazem, quando eles vão em algum lugar que tem alguma coisa a ver com aquela aula que a gente teve, eles chegam no outro dia falando que foi o que eles viram lá.</p>		<p>Inclusive hoje ele já é um moço e eu fiquei sabendo que ele foi para o Japão, então ele foi para o Japão. Ele seguiu a trajetória do pai e também eu tive uma aluna que também ela estudou comigo nos anos iniciais. Isso faz muitos anos. Agora ela é moça e ela mora lá também, e a irmã foi embora, foi embora para o Japão.</p>
			<p>Ela foi morar no Japão, mas era uma aluna muito inteligente. Ela veio no Brasil, só que ela não quer mais morar aqui. Ela voltou para o Japão, sabe, pois não tem mais a mãe aqui.</p>
			<p>Tenho. Pelo que eu sei, tem uma aluna aqui na escola que veio, que mora no que morou no Japão, veio para cá esse ano. O nome dela</p>

			é Maia, mas eu acho que deve ser a família dela, porque ela não tem assim traços de japonês, mas, eu acho que alguém da família morou e ela veio pra cá.
			Poderia pegar essa menina para ela contar o que ela viveu lá. Estava no quarto ano, quarto ano, agora tarde. O nome dela é Maia, entendeu? Conversar com ela pra ela poder explicar como que era lá onde ela morava, o que tinha.
<b>Categoria 7 - capacitação docente</b>			
<b>Profa. Alaíde</b>	<b>Profa. Lucilaine</b>	<b>Profa. Mara</b>	<b>Profa. Rosa</b>
	Participação em formação ou capacitação relacionada ao ensino de culturas estrangeiras, como a japonesa: Não, nunca eu participei de nada voltado para o japonês.		
<b>Categoria 8 - demanda de material didático</b>			
<b>Profa. Alaíde</b>	<b>Profa. Lucilaine</b>	<b>Profa. Mara</b>	<b>Profa. Rosa</b>
E eu acho que são pouco divulgadas, que talvez a gente tivesse a oportunidade de ter um direcionamento. Os livros assim, com mais dados, mais parte da cultura, até a gente possa entender melhor.	Material didático ou recursos específicos, como livros, vídeos, jogos para abordar a cultura japonesa de forma mais aprofundada: Não, não possuímos nada assim. E se vocês falassem pelos anos de experiências que eu tenho? Nem uma escola lá traz esses tipos de material para gente.	E aí para eu apresentar para eles a cultura japonesa, a única ferramenta que eu tinha ali era uma televisão e uma internet. E no que eu os livros era poucas imagens e isso desperta	Que eu saiba, não é que eu saiba, não tem, mas a gente consegue e só.
E a gente tem pouco material e só o que é divulgado na mídia. Pouca coisa, muito pouco. Como se fosse um caderno didático. Sim, sim, eu acho que seria como temos aí, por exemplo, o material do inglês, "que é o	Para falar a verdade, nunca desenvolvi um tema específico japonês, né? A gente relaciona aula, mas assim, o tema mesmo, específico só sobre o Japão, não. Eu nunca desenvolvi nada voltado a cultura japonesa em	Material didático ou recursos específicos para abordar a cultura japonesa: Não. Quando eu apresentei para eles, eu que fui ali, a ferramenta que eu tinha naquele momento era uma internet, uma televisão.	Material, material não, que a gente eu acabo fazendo. Por exemplo, como a gente fala de diversidade, eu tenho que incluir alguma coisa mais no material das crianças mesmo.

<p>nosso país”, está cada vez mais americanizado. Por que não também trazer de outros que eu acho que de repente até favorecia mais, porque é muito mais rico assim, né?</p>	<p>si. Ela entra nos temas das aulas, mas nada é voltado assim. Só a cultura japonesa específica, a cultura japonesa.</p>		
		<p>Algumas crianças foram atrás e o vídeo foi importante porque tem aquilo que eu falei, a diferença entre você apresentar uma imagem que a pessoa está vendo aquilo e onde você colocar o vídeo que você vê que a criança entende que é real, que ela existe.</p>	<p>A questão da cultura na cultura japonesa e porque, principalmente no currículo. Agora que a gente tem um livrinho deles, fala das duas culturas, da cultura quilombola e da cultura indígena, mas fala só dessas culturas como se o Brasil só fosse construído a partir disso.</p>
		<p>E aí para eu apresentar para eles a cultura japonesa, a única ferramenta que eu tinha ali era uma televisão e uma internet. E no que eu os livros era poucas imagens e isso desperta</p>	
<b>Categoria 9 - estereótipo do japonês</b>			
<b>Profa. Alaíde</b>	<b>Profa. Lucilaine</b>	<b>Profa. Mara</b>	<b>Profa. Rosa</b>
<p>o que chama a atenção tanto dos alunos é esse jeito que eles têm, esse cuidado, essa disciplina que eles têm. Eles [japoneses] são tão disciplinados, em tudo o que eles fazem e isso acaba despertando a atenção dos alunos.</p>			<p>Quando a gente saía de ali, então eu já passei várias vezes, eu já tive vontade de ir lá comprar verdura, porque eles que vende verdura, mas eu sinceramente eu nunca fui. Mas eu tenho vontade de conhecer mais a fundo. Eu sei onde é, mas eu não conheço o trabalho que eles realizam ali.</p>
			<p>Resistência ou falta de interesse dos alunos em relação ao estudo da cultura japonesa: De maneira nenhuma. Porque a criança ela é. Ela é pronta para qualquer coisa que você procura.</p>

			<p>Não sei se é verdade isso. Você pede um lanche, aí o estudante chega com o drone, com o drone. Eu falei gente, eu tinha que ver isso. É muita tecnologia, é muito, muito avançado. Eu acho que além da questão cultural dos antepassados, também tem essa questão do avanço que eles têm dentro da cultura, a disciplina que eles têm, por exemplo, quando teve as Olimpíadas.</p>
			<p>Eu acho que foi o Japão, não tinha, não tinha sujeira. Quando terminava o jogo, você olhava para o estádio, eles recolhendo todo o lixo, isso é cultural. Então a gente tem muito a aprender.</p>
			<p>a cultura japonesa, eles valorizam muito os antepassados, o que não acontece aqui no Brasil. A pessoa ficou velha, perdeu valor e lá não, muito pelo contrário, eles valorizam muito.</p>
<b>Categoria 10 – Relação com outras etnias</b>			
<b>Profa. Alaíde</b>	<b>Profa. Lucilaine</b>	<b>Profa. Mara</b>	<b>Profa. Rosa</b>
		<p>E foi aí que eles viram o que eles têm no Japão, pertinho deles. E aí é aquilo que eu fiz, que é o que eu pensei um pouco, como o professor também mostra</p>	<p>Eu sou uma pessoa de etnia, eu sou aquilo aqui, eu sou negra, eu sou preta sim. Então hoje já tem muita representatividade na televisão, só que da cultura japonesa mesmo, a gente vê muito pouco. E aí eu fico pensando o quanto ainda antes só tinha no desenho, só aparecia o loirinho e o moreninho. Claro, não tinha criança negra. Aí já aparece a criança negra, aparece a criança deficiente. Mas eu acho que tem</p>

			que aparecer também a criança japonesa é inclusão, isso é inclusão.
		Pode ser bem longe, mas se você pesquisar, sabe, se você se aprofundar, você consegue ter um conhecimento mais prévio, aquele mais pertinho. Foi uma aula maravilhosa, porque de repente ele [aluno] fala nós temos isso aqui perto, eu falo tem, pede para os pais levarem quando vocês forem para Ribeirão, sabe? E aí eu passei isso para eles. Inclusive uma das crianças foi.	Como deveria ter como tema dos quilombolas e dos indígenas. Realmente não tem de que forma os conteúdos sobre a cultura japonesa são integrados com as outras culturas e tradições que fazem parte do currículo escolar.

Fonte: Relatos das entrevistas semiestruturadas realizadas para a pesquisa.

Detendo-nos um pouco mais na categoria de número 3, que destaca o conteúdo referente às possíveis noções de interculturalidade narradas pelas professoras, podemos perceber que as ideias de cultura ainda estão bastante ancoradas na noção mais tradicional de cultura em que distingue “o eu e o outro” como se a cultura fosse um bloco homogêneo capaz de ser caracterizada entre um e outro.

A noção de interculturalidade de Walsh (2001, p. 10), que pensa numa coexistência de culturas, que se intercambiam na construção de diferentes conhecimentos, saberes e práticas não é percebida pelas professoras ao pensarem sobre o conteúdo de cultura e memória japonesa para estudantes de uma cidade que convive com esses representantes da cultura japonesa entre seus monumentos. O diálogo intercultural não se estabelece e o conteúdo referente a esse assunto se expressa de modo estanque, quando não, colocando imigrantes japoneses de modo estereotipado e exótico.

A falta da capacitação docente apontada pelas professoras é percebida não apenas no conteúdo específico relacionado à história da imigração japonesa, mas nas noções de educação intercultural, que poderiam colocar o tema sob outras perspectivas, e não apenas como conteúdo estanque de história e geografia, pela abordagem da imigração japonesa para o Brasil (e não especificamente como se deu

a presença desse grupo étnico em Ribeirão Pires) ou pelo estudo do planeta e do universo, a pensar nas diferenças de dia e noite e fusos horários.

Chama a atenção também que muitos dos saberes prévios, tanto de professores quanto estudantes, passa pela midiatização da cultura pop, como filmes relacionados aos personagens Jaspion e Karatê Kid.

A gastronomia de característica japonesa é citada também como bastante apreciada por professoras e estudantes. Contudo, nem o nome do instrumento usado como talher foi reconhecido ou discutido sobre suas práticas, origens e significado, sendo chamado apenas de “pauzinho”.

Outra questão que nos chamou a atenção é que, ao menos nessa escola da rede estadual de ensino, em Ribeirão Pires, as professoras disseram não ter alunos de origem japonesa em suas salas de aula. Contudo, as professoras identificam suas etnias indígenas, negras e quilombolas, bem como de seus alunos e dizem trabalhar muito mais com essas questões em suas aulas.

Com relação às habilidades em História, descritas na BNCC pelos códigos EF05HI10, EF01H01, EF01HI09, EF03HI04B, EF03HI05, EF05HI04 e EF05HI10, podemos dizer que as professoras pouco se referiram ao trabalho de patrimônio da cultura japonesa na cidade.

Retomando as habilidades correspondentes à disciplina de Geografia na BNCC, apontadas anteriormente, podemos perceber que “observar e descrever características de seus lugares de vivência a diversidade de indivíduos e de grupos sociais” não abrange os monumentos que representam a presença cultural japonesa em Ribeirão Pires, apesar de as professoras relatarem que, em alguns casos, chegam a levar seus estudantes até o Parque Oriental ou à Torre de Myroku (EF01GE01).

Mesmo a professora que disse instigar a curiosidade de seus estudantes promovendo a pesquisa sobre tais questões, não nos parece atender a habilidade nº EF04GE01, que propõe “identificar e selecionar, em seus lugares de vivência e em suas histórias familiares e/ou da comunidade, elementos de distintas culturas (indígenas, afro-brasileiras, de outras regiões do país, latino-americanas, européias, asiáticas entre outros)”. De certo modo a habilidade nº EF02GE01, que indica o reconhecimento da “influência dos migrantes internos e externos que contribuíram para modificação, organização e/ou construção do espaço geográfico, no bairro ou comunidade em que vive” parece ser a mais desenvolvida junto aos estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental, nessa escola estadual de Ribeirão Pires.

O que se conclui desta análise do conteúdo das narrativas é que, como esperado, a educação intercultural nos moldes apresentados pelos autores aqui estudados praticamente não se realiza na prática docente dessas professoras, em relação à memória e à cultura japonesas numa cidade cujas representações culturais dessa etnia estão nos monumentos dos parques, das associações, das feiras e festas.

## 6 PRODUTO EDUCACIONAL

A proposta apresentada tem como objetivo identificar e valorizar os aspectos da memória e da cultura japonesas em Ribeirão Pires. Com base nos parâmetros curriculares das disciplinas de História e Geografia, busca-se fornecer subsídios para que professores do Ensino Fundamental trabalhem essas temáticas, promovendo o reconhecimento das origens imigrantes locais e uma visão plural das identidades culturais, com a finalidade de ressaltar a memória da comunidade japonesa dentro da história de Ribeirão Pires, promovendo sua percepção pelos alunos do Ensino Fundamental da rede pública local.

Desse modo, algumas questões norteiam esta proposta para apontar os aspectos da cultura e da memória japonesas em Ribeirão Pires a serem trabalhados no currículo do 5º ano da Educação Fundamental para que os estudantes conheçam as origens imigrantes de seu local de moradia e escolaridade.

Sendo assim, as metas são: Identificar elementos significativos da memória cultural japonesa na cidade; elaborar um produto educacional para o Ensino Fundamental I, integrando as contribuições culturais japonesas ao currículo escolar.

A preservação da cultura da comunidade japonesa em Ribeirão Pires constitui importante legado para a valorização da diversidade cultural no ambiente escolar. Esta proposta busca contribuir com o fortalecimento da identidade cultural local e a implementação de práticas pedagógicas que promovam o respeito à pluralidade.

Durante as visitas à Escola Antônio de Pádua Paschoal de Godoy notamos que os alunos possuem acesso a computadores e acesso à internet. As professoras entrevistadas se utilizam do youtube, buscas no google para mostrar aos alunos imagens do Japão e mostrar um pouco do Parque Oriental existente na cidade, então criamos um e-book interativo, por ser acessível aos alunos, que poderá ser acessado pelo link:

[https://www.canva.com/design/DAGp5gBpvvl/7D\\_IMuVZ6MRdG7u0Gzcd2A/view?utm\\_content=DAGp5gBpvvl&utm\\_campaign=designshare&utm\\_medium=link2&utm\\_source=uniquelinks&utm\\_id=h4660042e67](https://www.canva.com/design/DAGp5gBpvvl/7D_IMuVZ6MRdG7u0Gzcd2A/view?utm_content=DAGp5gBpvvl&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=uniquelinks&utm_id=h4660042e67)

Este material pode ser utilizado pelas professoras nas aulas sobre migrações em geral e também servirá de incentivo aos estudantes que quiserem explorar com mais calma a cultura e a memória japonesas existente na cidade.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem do tema na perspectiva da “diversidade” cultural está relacionada à ideia de cultura ou etnia que participa da formação social brasileira, às vezes ligada ao exotismo, ao diferente e ao que está “longe” da realidade social do estudante de Ribeirão Pires, relacionado à longa distância do território no Japão, ou mesmo o bairro da Liberdade, na cidade de São Paulo. Elas têm a ideia de miscigenação, mas não articulam as ideias de hibridismo cultural ou interculturalidade ao pensar o conteúdo de cultura japonesa.

Nenhuma das professoras entrevistadas fez menção de que esse conteúdo poderia ser abordado na perspectiva do patrimônio cultural local, a partir dos elementos culturais nipo-brasileiros existentes em Ribeirão Pires.

As quatro entrevistadas disseram que não há material didático para trabalhar de forma específica o tema da cultura japonesa em Ribeirão Pires. Por outro lado, as professoras conhecem os locais na cidade e já levaram os estudantes ou, mesmo, mostraram fotos.

Quando as professoras consideram a especificidade desse assunto, pensam muito em “falar sobre o Japão e os japoneses e a imigração”. Mas “falar” disso em aula não significa tratar o conteúdo na especificidade da cultura japonesa e nipo-brasileira em Ribeirão Pires. Há um descolamento desse conteúdo do cotidiano e da localidade de moradia dos estudantes.

As professoras parecem que não perguntam o que as crianças sabem sobre o que veem, lidam ou convivem na cidade onde moram, sem relações com possíveis patrimônios culturais e memória da cultura japonesa nos seus locais de moradia.

Nessa escola estadual, as professoras disseram praticamente não terem tido estudantes nipo-brasileiros. Nossa pesquisa não as questionou sobre as origens afro-indígenas e quilombolas dos estudantes para compreender se há outras etnias não brancas entre seus grupos de estudantes. As professoras contaram que abordam esses temas de modo de diversidade étnica e cultural por conta das demandas sociocurriculares.

As professoras chamaram muito a atenção em seus relatos ao bairro da Liberdade, na cidade de São Paulo, e esqueceram muitas vezes de comentar os espaços de cultura japonesa em Ribeirão Pires, quando o tema da nossa conversa

tratava das formas de abordagem desse conteúdo em aulas. Contudo, quando perguntamos se elas conheciam os espaços de cultura japonesa de Ribeirão Pires, elas conheciam e se lembraram dos locais emblemáticos como a Torre de Miroku, o Parque Oriental e a sede da Associação Kaikan Bunkyo.

Portanto, a partir desta pesquisa, que teve como objetivo identificar os modos que professores de Ensino Fundamental I, de escolas de Ribeirão Pires enfrentam, sob as perspectivas da educação intercultural, trabalhar em sala de aula com a memória local de Ribeirão Pires quanto à presença cultural japonesa, advinda do processo de imigração para o local, pode-se perceber que as concepções de interculturalidade não estão de acordo com as perspectivas teóricas aqui concebidas, e que o conteúdo referente à cultura e à memória nipo-brasileiras ainda é ministrado tradicionalmente como conteúdo de imigração em História e Geografia.

## REFERÊNCIAS

- ALMANAQUE do **Centenário da Imigração Japonesa no Brasil**. São Paulo: Editora Escala, 2008.
- ALVES, Rubens. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 2006.
- APPLE, Michael W. **Política e pedagogia**. Portugal: Autores Associados, Porto Codex, 1998.
- ARROYO, Miguel Gonzales. **Fracasso-sucesso**: o peso da cultura escolar e do ordenamento da educação básica. Brasília: Em Aberto, 1992.
- ASSMANN, Jan. Memória comunicativa e memória cultural. **História Oral**, v. 19, n. 1, p. 115-128, 2016.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**. Campinas: Papirus, 1996.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 7 mar. 2024.
- BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". **Diário Oficial da União**, Seção 1, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm). Acesso em: 7 jan. 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 10 jan. 2025.
- BURITY, Joanildo. **Cultura e identidade**: perspectivas interdisciplinares. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.
- CANDAU, Vera M. Interculturalidade e educação escolar. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 1., 1998, Águas de Lindóia. **Anais [...]**. São Paulo: Vozes, 1998.
- CANDAU, Vera M. **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis: Vozes, 2013.
- CANDOTTI, Eliane Aparecida. O ensino de história nos anos iniciais: apontamentos no processo de construção do conhecimento histórico. **História & Ensino**, v. 19, n. 2, p. 285-301, 2013.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. TAKEUCHI, Marcia Yumi (orgs.). **Imigrantes Japoneses no Brasil - Trajetória, Imaginário e Memória**. São Paulo: EDUSP, 2010.

CARVALHO, Cristina Toledo. Irashaimase! O centenário da imigração japonesa no Brasil. **Raízes**, São Caetano do Sul, v. 37, p. 5-18, 2008.

CIRINO, Giovanni. **Comunidades de aprendizagem e estratégias pedagógicas**. São Paulo: Cengage, 2016.

COPEL, Coordenadoria Pedagógica; SEDUC, Secretaria da Educação; UNDIME, União dos Dirigentes Municipais de Educação do Estado de São Paulo. **Currículo Paulista**. São Paulo: SEDUC, 2019. Disponível em:

[https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/wp-content/uploads/2023/02/Curriculo\\_Paulista-etapas-Educa%C3%A7%C3%A3o-Infantil-e-Ensino-Fundamental-ISBN.pdf](https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/wp-content/uploads/2023/02/Curriculo_Paulista-etapas-Educa%C3%A7%C3%A3o-Infantil-e-Ensino-Fundamental-ISBN.pdf). Acesso em: 13 fev. 2025.

CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. 1. ed. digital. São Paulo: Global, 2012.

COSTA, João Pedro Corrêa. **De decasségui a emigrante**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2007.

COTRIM, Aline de Sá. Assimilação e identidade em Hiroshi Saito. **Estudos Japoneses**, n. 43, p. 33-45, 2020.

COVARRUBIAS, Karla Y.; PERAZZO, Priscila F.; URIBE, Ana B. **Memória colectiva transnacional: análisis cultural y migración**. São Caetano do Sul: USCS; Colima, UdeC, Puertabierta, Cidade de México: Asociación Mexicana de Historia Oral, 2021.

CUNHA, Joyce. Um pedacinho do Japão às margens da Billings. **Diário do Grande ABC**, 20 jun. 2022. Disponível em: <https://www.dgabc.com.br/Noticia/3871250/um-pedacinho-do-japao-as-margens-da-billings>. Acesso em: 07 fev. 2024.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Marcas da guerra em terra distante: relatos de japoneses em São Paulo. **História Oral**, [S. l.], v. 7, p. 145-180, 2004. DOI: 10.51880/ho.v7i0.80. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/80>. Acesso em: 15 abr. 2025.

DUARTE, Marcílio. **Prefeitura da Estância Turística de Ribeirão Pires**. Disponível em: <https://ribeiraopires.sp.gov.br/historia/>. Acesso em: 07 fev. 2024.

DUARTE, Marcílio. **Uma cidade na serra: história e mito na evolução social de Ribeirão Pires**. Santo André (SP): EdUFABC, 2022.

ESCOSTEGUY, Ana C. D. Uma introdução aos estudos culturais. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 9, p. 89-97, dez. 1998.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **A República (1889-2002)**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2018.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: Teoria e prática da libertação: Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Centauro, 2006.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Eduardo de. Centenário da imigração japonesa no Brasil. **Brasil Escola**, [2008]. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/japao/centenario-imigracao-japonesa-no-brasil.htm>. Acesso em: 07 fev. 2025.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. São Paulo: Edusp, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2016.

GÓMEZ, Angel Pérez. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, António. **Os professores e sua formação**. Portugal: Publicações Dom Quixote, 1997. p. 93-114.

GONÇALVES, J. R. S. As transformações do patrimônio: da retórica da perda à reconstrução permanente. In: TAMASO, Izabela; Filho, Manuel Ferreira Filho. **Antropologia e Patrimônio cultural**: trajetória e conceitos. Brasília, Associação Brasileira de Antropologia, 2012. p. 59-74. Disponível em: [http://www.portal.abant.org.br/publicacoes2/livros/Antropologia\\_e\\_Patrim%C3%B4nio\\_Cultural\\_trajet%C3%B3rias\\_e\\_conceitos.pdf](http://www.portal.abant.org.br/publicacoes2/livros/Antropologia_e_Patrim%C3%B4nio_Cultural_trajet%C3%B3rias_e_conceitos.pdf). Acesso em: 21 jan. 2025,

GOULART, Elias Estevão; PERAZZO, Priscila Ferreira; LEMOS, Vilma. Memória e cidadania nos acervos de história oral e mídia digital. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 153-166, jan./jun. 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

HANDA, Tomoo. **O imigrante Japonês**. História de sua vida no Brasil. São Paulo: Centro de Estudos Nipo-brasileiros, 1987.

HASEGAVA, Márcio; OLIVEIRA, Bruno R.; RÚBIA, Felipe. **Kaikans refletem a história da imigração japonesa no ABC**. Universidade Metodista de São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.metodista.br/rroonline/noticias/entretenimento/pasta-3/kaikans-no-abc>. Acesso em: 19 dez. 2023.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Ribeirão Pires. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/ribeirao-pires.html>. Acesso em: 5 fev. 2025.

- KUNIYOSHI, Celina. **Imagens do Japão**: uma utopia de viajantes. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.
- LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional**: Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: Editora Unesp, 2001.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **A outra face da lua**: escritos sobre o Japão. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- LIMA, Jorge Reis; CAPITÃO, Zélia. **E-learning e E-conteúdos**. Lisboa: Centro Atlântico, 2003.
- MÉDICI, Ademir. As lições que emanam desta colônia japonesa. **Diário do Grande ABC**, Santo André, 03 maio 2010. Disponível em: <https://www.dgabc.com.br/Noticia/308821/as-lico-es-que-emanam-desta-colonia-japonesa>. Acesso em: 07 fev. 2025.
- MIYAO, Susumu. Posicionamento social da população de origem japonesa. In: SAITO, Hiroshi. **A presença japonesa no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1980, p. 91-100.
- MOURA, Sebastião Rodrigues; GONÇALVES, Terezinha Valim Oliver. A pesquisa narrativa em processos formativos: diálogos educacionais para o ato de narrar experiências. In: SANTOS, Daniely Maria dos; SANCHEZ JR., Sidney Lopes; MOURA, Rodrigo Milhomem de; IVANICKA, Rebeca de Freitas; ROCHA, Bruna B. da (orgs.). **Diálogos educacionais entre teoria e práticas**. Itapiranga: Schreibern, 2021. p. 359-374.
- MOURA, Soraya. **Hospedaria de Imigrantes de São Paulo**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- NÓVOA, Antônio. **Desafio do trabalho do professor no mundo contemporâneo**. Sindicato dos professores de São Paulo, São Paulo, SP, 2007.
- OKAMOTO, Mary Yoko. **Imigração Japonesa**: Rupturas e Reconstrução de Vínculos Afetivos. São Paulo: Editora Arte e Ciência, 2008
- OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Paulo Freire**: gênese da educação intercultural no Brasil. Curitiba: CRV, 2015.
- PERAZZO, Priscila F. Narrativas orais de histórias de vida. **Comunicação & Inovação**, PPGCOM/USCS, São Caetano do Sul, v. 16, n. 30, p. 121-131, jan./abr. 2015.
- POLLACK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Revista de Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- PORTAL NippoBrasil - <https://www.nippo.com.br/3.turismo/n070.php>. Acesso em: 29 mar. 2025.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Eduardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.** Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RAMOS, Arthur. **Introdução à Antropologia Brasileira** – volume II – As culturas europeias e os contatos raciais e culturais. Rio de Janeiro: CEB, 1947.

RODRIGUES, Igor. Tradição e modernidade na literatura japonesa contemporânea: Morimi Tomihiko e Tsutsui Yasutaka. **Artigo de Opinião**, Ceásia, 27 nov. 2023. Disponível em: <https://ceasiaufpe.com.br/?p=7035>. Acesso em: 22 abr. 2024.

SACRISTÁN, José Gimeno. Políticas de la diversidad para una educación democrática igualadora. *In*: SIPÁN COMPAÑE, A. (coord.). **Educar para la Diversidad en el siglo XXI.** Zaragoza (Espanha): Mira, 2001. p. 123-142.

SAITO, H.; MAYEAMA, T. (org.). **Assimilação e integração dos japoneses no Brasil.** 1973. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ej/article/download/185937/171714/489981>. Acesso em: 10 jan. 2025.

SAKURAI, Célia. **Os japoneses.** São Paulo: Contexto, 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução às epistemologias do sul.** Buenos Aires/Coimbra: Clacso/CES, 2018.

SANTOS, Boaventura de Souza. A construção multicultural da igualdade e da diferença. **Oficina do CES**, Coimbra, n.135, jan. 1999

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Currículo Paulista: Ensino Fundamental – Anos Finais.** São Paulo: SEE/SP, 2019.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Currículo Paulista: Educação Infantil e Ensino Fundamental.** São Paulo: SEE, 2019. Disponível em: <https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/>. Acesso em: 25 mar. 2025.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Cortez, 2016.

SHÖN, Donald. **Os professores e sua formação.** Lisboa: Condex. Portugal, Biblioteca Nacional, 1954.

SILVA, Fernanda R. Barbosa; NÓBREGA, Maria dos Santos Silva. Proposituras de Interculturalidade na BNCC como procedimento para uma Educação Literária. **Revista de Psicologia**, v. 16, n. 59, p. 203-212, 2022.

SOARES, Renan. 100 anos do casal Nogami. **Diário do Grande ABC**, 18 jun. 2023.

STEINER, George. **Extraterritorial: a literatura e a revolução da linguagem,** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TAKEUCHI, Márcia Yumi. **Japoneses**: a saga do povo do sol nascente. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Lazuli Editora, 2007. (Série Lazuli Imigrantes no Brasil/coordenadora Maria Luiza Tucci Carneiro)..

TEMPLO LUZ DO ORIENTE. **Torre de Miroku**. São Paulo: Templo Luz do Oriente, [2019]. Disponível em: <https://temploluzdooriente.org.br/>. Acesso em: 7 fev. 2025.

THOMPSON, Paul. Histórias de vida como patrimônio da humanidade. In: WORKMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vasquez (Org.). **História falada**: memória. São Paulo: Sesc; Museu da Pessoa, 2006.

VILELA, Elaine; BORREGO, Cristhiane; AZEVEDO, A.B. Pesquisa narrativa: uma proposta metodológica a partir da experiência. **Revista de Estudos Aplicados em Educação**, v. 6, n. 12, 2022.

WALSH, Catherine. **La educación Intercultural en la Educación**. Peru: Ministerio de Educación, 2001.

WILLEMS, Emílio. **Assimilação e populações marginais no Brasil**: estudo sociológico dos imigrantes germanos e seus descendentes. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1940.

YONEYA, Fernanda. Japoneses criaram o cinturão verde em São Paulo – Centenário da imigração. **O Estado de São Paulo**, 10 out. 2024. Disponível em: <https://revistacafeicultura.com.br/japoneses-criaram-o-cinturao-verde-em-sao-paulo-centenario-da-imigracao/>. Acesso em: 6 fev. 2025.

YOSHIMOTO, Tsikara. **Qualidade, produtividade e cultura**: o que podemos aprender com os japoneses. São Paulo: Saraiva, 1992.